



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Natália Galdiano Vieira de Matos

**CAPS-POEIRA: encontros possíveis entre a Psicanálise e a
Capoeira Angola nos grupos operativos do CAPS-ad**

UBERLÂNDIA

2011



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Natália Galdiano Vieira de Matos

**CAPS-POEIRA: encontros possíveis entre a Psicanálise e a
Capoeira Angola nos grupos operativos do CAPS-ad**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Anamaria Silva Neves

**UBERLÂNDIA
2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- M433c Matos, Natália Galdiano Vieira de, 1986-
 CAPS-POEIRA : encontros possíveis entre a psicanálise e a capoeira Angola nos grupos operativos do CAPS-ad / Natália Galdiano Vieira de Matos. -- 2011.
 140 f.
 Orientadora: Anamaria Silva Neves.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
 Inclui bibliografia.
1. Psicologia - Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. 3. Capoeira - Teses. 4. Psicanálise - Teses. I. Neves, Anamaria Silva. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9



Natália Galdiano Vieira de Matos

**CAPS-POEIRA: encontros possíveis entre a Psicanálise e a
Capoeira Angola nos grupos operativos do CAPS-ad**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Anamaria Silva Neves

Banca Examinadora
Uberlândia, 10 de junho de 2011

Prof. Dra. Anamaria Silva Neves
Orientadora (UFU)

Prof. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera
Examinadora (UFU)

Prof. Dr. Sérgio Kodato
Examinador (USP-FFCL)

Prof. Dra. Maria Isabel de Andrade Fortes
Examinadora Suplente (UFRJ)

**UBERLÂNDIA
2011**

A todos aqueles silenciados pela ordem social.

AGRADECIMENTOS

Por todos os encontros proporcionados pela vida.

Aos meus queridos e amados pais, que me inseriram na arte da vida e dos encontros.

Às minhas guerreiras e amadas irmãs, encantadas por me fazer sorrir e por me ensinar a levantar das rasteiras da vida.

Às famílias Galdiano, Vieira e Matos que contam histórias da minha filogênese.

À Capoeira Angola, mestre Pastinha, mestre João Pequeno e tantos outros *griots* da cultura afrobrasileira por deixarem o legado da mandinga e da ânsia por liberdade. Ao grupo de Capoeira Angola Malta Nagoa, que por iniciativa de Thiago Melício, Guimes Rodrigues e Elaine Villar incentivaram as oficinas de Capoeira Angola.

À unidade CAPS-ad pesquisada, a coordenação, todos os funcionários e usuários do serviço, co-autores dessa obra.

À guerreira, companheira, psicóloga, professora e orientadora, Anamaria, que com sua doçura fez da arte de orientar um encontro.

A todos os professores do mestrado e funcionários, que possibilitaram o encontro acadêmico.

Às companheiras PrEspianas, Danielle e Carolina, por um feliz encontro profissional no ano de 2011.

Ao Pedro Paulo, Maria José, Leontina e Clovis, por contribuírem com amor e compreensão na minha trajetória acadêmica.

Às queridas amigas, Gabriela e Mariana, incentivadoras da alegria, do companheirismo, da amizade, dos encontros...

RESUMO

O presente trabalho se configura como um reduto de vivências e movimentos, fruto das oficinas de Capoeira Angola desenvolvidas em uma unidade do CAPS-ad, instituição responsável por atender e acompanhar terapêuticamente sujeitos usuários de álcool e/ou outras drogas. O objetivo geral desta proposta foi apreender e nomear os sentidos do encontro entre a Psicanálise e a Capoeira Angola nos grupos operativos dos usuários do CAPS-ad, tendo como objetivos específicos a tentativa de ressignificar as versões da toxicomania empreendidas na literatura corrente e incitar a visibilidade da condição de marginalização e assujeitamento dos sujeitos drogadictos. Como pesquisadora – na condição de psicóloga e praticante da Capoeira Angola – coordenei o projeto que envolveu onze encontros realizados semanalmente na unidade, com atividades que se alternavam em *rodas de conversa*, *musicalização* e *movimentação*, além de entrevistas junto aos diferentes personagens-usuários da instituição. Os grupos contaram com a participação dos usuários do CAPS-ad e constituíram a modalidade de grupos operativos. Em cada encontro os recursos presentes na Capoeira Angola (narrativa, música e movimentação) foram utilizados a fim de proporcionar reflexão e inquietação grupais sobre os papéis sociais assumidos, o vínculo familiar e a relação com a droga. O método interpretativo, ancorado nos preceitos psicanalíticos, compôs as versões analíticas de cada etapa do processo de pesquisa, fazendo emergir o silenciamento e o assujeitamento dos drogadictos enquanto fenômeno que escamoteia a identidade “eu sou adicto”. Levando em consideração a complexidade do fenômeno da drogadicção, os aspectos psíquicos, sociais, familiares e econômicos, este trabalho produziu um questionamento sobre o paradoxo social acerca dos drogadictos, as falhas institucionais e o silêncio que circunda e marginaliza os sujeitos pela não representabilidade do objeto droga. Ao longo do processo foram observadas e descritas as movimentações corpóreas, psíquicas e sociais, apresentadas em falas, gestos, nos encontros e entrevistas e assim, no contexto em que a droga parecia ser

uma saída precária diante da vida – em cenas de violência, suicídio e auto-mutilação – a Capoeira Angola surgia como uma possibilidade simbólica de expansão psíquica e de resignificação da própria vida.

Palavras-chave: Capoeira Angola, Psicanálise, grupos operativos, CAPS-ad.

ABSTRACT

This work should be seen as a locus of experiences and moves derived by *Angola capoeira* workshop at CAPS-ad, a rehabilitation unit which offers therapeutic accompaniment to addicts to alcohol and other drugs. The aims of this work are to apprehend and to name the meanings produced by the meeting between psychoanalysis and *Angola capoeira* in the operative groups formed by CAPS-ad users as well as to re-signify the understanding of toxicomania in current studies and to incite the visibility of addicts' condition of marginalization and subjecting. As a psychologist researcher and an *Angola capoeira* practitioner, I coordinated eleven weekly meetings at CAPS-ad. During these meetings, we performed chatting, musicalizing, and moving; besides, I interviewed CAPS-ad users who partook in the groups formed to perform such activities and who made up the operative group modality. Each meeting included these activities to make the groups reflect and grow unquiet about their social roles, their familiar bonds, and their relationship with drugs. The interpretive method based on the psychoanalytical principles resulted in analytical versions of each part of the research process, which made addicts' silencing and subjecting come into view as a phenomenon that conceals the "I'm-an-addict" identity. By taking into account the complex phenomenon of drug addiction and its psychic, social, familiar and economic aspects, this work poses a questioning of the social paradox regarding addicts, the institutional failure, and the silencing which permeates and marginalizes these people because of a lack of symbolic representation of drugs. Throughout the process, it was observed and described bodily, psychic, and social movements revealed by addicts' speech and gestures in meetings and interviews. Thus, in a situation where drugs seemed to be a precarious exit in life to scenes of violence, suicide, and self-mutilation, *Angola capoeira* emerged as a symbolic possibility of psychic expanding and life re-signification.

Keywords: Capoeira Angola, psychoanalysis, operative groups, CAPS-ad.

SUMÁRIO

Introdução	10
PARTE 1 — LADAINHA	
Capítulo 1	
A TERRA ESTRANHA CHAMADA BRASIL: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A DROGADICÇÃO ¹	18
1.1 A drogadicção sob a perspectiva social	18
1.2 Olhares sobre a toxicomania: Ciência Positivista X Psicanálise	21
1.3 Século XXI e a lógica da adicção	29
1.4 Lembranças da mãe África. O cárcere na grande mãe	35
Capítulo 2	
HIBRIDAÇÃO BRASILEIRA: (RE)ELABORAÇÕES E (RE)SIGNIFICAÇÕES	44
2.1 Reforma psiquiátrica e formação dos CAPS	44
2.2 A gênese da Capoeira: seguindo os passos da zebra	49
2.3 Rodas (grupos) operativas/os	56
PARTE 2 — “O JOGO VAI COMEÇAR!”	
Capítulo 3	
METODOLOGIA	59
3.1 “Escrita pelo contrário”: uma questão de contra-método	59
3.2 Os passos da zebra	63
Capítulo 4	
SOBRE UM LUGAR: AS HISTÓRIAS E AS DESCOBERTAS	67
4.1 Percorrendo o cenário: meu olhar, o lugar e seus personagens	68
4.2 Compondo a roda: sobre as entrevistas e os personagens	74
4.3 A roda está formada	104
4.4 A cadência da Capoeira Angola nos grupos operativos	105
4.5 “Vem jogar mais eu”: as revelações grupais	114
Considerações finais	
ÂNSIA DE LIBERDADE? POSSÍVEIS CONCLUSÕES	127
Referências bibliográficas	132
Anexo 1 — Termo de consentimento livre e esclarecido	140

¹ Os títulos iniciais fazem menção à história da vinda dos negros ao Brasil e, conseqüentemente da constituição da Capoeira. Foram utilizados a fim de estreitar a Psicanálise e a Capoeira nas explanações.

INTRODUÇÃO

A materialização desse trabalho advém de minha história pessoal, dos diversos tropeços e rasteiras, dos encontros e desencontros próprios da vida, que me ensinaram levantar e cair, gingar e mandingar. A minha formação enquanto psicóloga foi transversalmente transformada pela Capoeira Angola, que conheci nos anos de faculdade.

Deslumbrada com esta arte, sua ancestralidade e respeito à alteridade, fui concomitantemente me formando capoeirista e psicóloga. Na formação profissional, me aproximava cada vez mais dos escritos de Boaventura Sousa Santos (1997) e Baremblytt (1996), teóricos que me chamaram a escutar o saber popular, o sentido do campo emergente e a potência do instituinte. No jogo e dança entre Psicologia e Capoeira iniciei alguns trabalhos como voluntária e monitora. Acompanhei e desenvolvi trabalhos com crianças e adultos.

Nesse entrelaçamento fui construindo a minha trajetória, questionando as diversas teorias e avançando para além das paredes da sala de aula, indo a campo e às periferias da cidade. Levei rasteiras... Deparei-me com a verdadeira realidade social, demandas que, por vezes, se distanciavam do nosso saber de *expert*.

Com a Capoeira pude compreender melhor as rodas da vida e com a Psicologia entender as rodas da Capoeira. Com esses dois recursos aproximei cada vez mais da vida humana, do humano da vida e dos sentidos da produção de subjetividade.

Na dança entre a Psicologia e a Capoeira, a Psicanálise completava a aliança, possibilitando acessar o paradoxo humano, como também a respeitar a polissemia de sentidos construídos pelos sujeitos às próprias vidas. Em consequência, fui construindo diversos sentidos acolhidos no caminho.

Em 2008, antes mesmo de completar minha formação acadêmica, dispus a continuar o trabalho desenvolvido no CAPS-ad pelo Grupo de Capoeira Angola Malta Nagoa, coordenado

por um professor universitário. Como voluntária do CAPS-ad por dezoito meses, deparei com outras demandas, outra realidade e outras vivências. Fui construindo na instituição um trabalho-movimento que ora se aproximava da Capoeira, ora da Psicologia. A união entre as duas se afrouxava. Não sabia bem a que prestava: ensinar a Capoeira ou proporcionar uma vivência terapêutica, ou até mesmo os dois.

Com essa prática, pude perceber algumas particularidades do grupo “assistido”. Era notória a rotatividade de sujeitos que, literalmente, passavam pela instituição. Participavam da lógica institucional por um curto período de tempo e retornavam com um agravamento do problema, visível em seus corpos, comportamentos e falas. Nas atividades com a Capoeira, muitos se envolviam ativamente com a prática, porém, “sem dar notícias”, desapareciam dos encontros. Posteriormente, a eles retornavam, como se nada lhes fosse familiar.

Além disso, enquanto alguns se dedicavam às oficinas, outros sequer percebiam o movimento que ali acontecia. Ao mesmo tempo, com o vínculo construído com o grupo, me aproximava cada vez mais das histórias de alguns participantes, vivenciadas além dos portões institucionais. Apresentavam conflitos familiares e se posicionavam como seus causadores; relatavam abandonos e diversas experiências de exclusão social, dentre elas, a de serem moradores de rua, desempregados e rejeitados pela família. Em seus discursos, atos ou na falta destes, demonstravam passividade e ausência de responsabilidade sobre suas próprias vidas, sob alegação de serem doentes-adictos.

Ao realizar as atividades, ora identificadas como oficina, ora como grupo terapêutico, ou simplesmente como aula de Capoeira, percebia as mensagens relatadas pelos usuários do serviço CAPS-ad, me questionando sobre o real objetivo daquelas atividades e quais benefícios e sentidos poderiam oferecer àqueles sujeitos.

Nesse interregno, estava concluindo a graduação, sendo instigada a me posicionar naquele grupo como psicóloga. A questão intrigante era como fazê-lo. Como utilizar os

variados recursos da Capoeira para provocar transformações nas repetições observadas, quais sejam, as idas e vindas à instituição, o aprofundamento na problemática da droga, a passividade de alguns e marginalização de outros?

A necessidade de intensificar a relação entre Capoeira e Psicanálise e a urgência na compreensão das peculiaridades dos sujeitos atendidos na instituição, me levaram ao mestrado em Psicologia.

Nesse processo dissertativo, também não posso desconsiderar minha própria experiência com a Capoeira Angola. Praticante há mais ou menos quatro anos, reconheço as transformações, os prazeres corporais e psíquicos que ela me proporcionou e proporciona. Por isso, foi crucial na escolha do tema. Na minha formação como psicóloga a Capoeira Angola foi fundamental para reconhecer a importância do saber popular e suas práticas, da interação social na constituição psíquica e da relevância da herança social e cultural nessa constituição. Por meio dela entrei em contato com a diversidade, a qual passei a respeitar. Em consequência, me deparei com histórias sobre grandes feitos, realizados por aqueles que até então não conhecia, podendo escutar a voz dos que foram silenciados pela norma social. Dessa forma, em um movimento contínuo, fui e continuo me construindo como pessoa, como psicóloga e como capoeirista. Portanto, na minha vida não mais seria possível desatar o entrelaçamento da Capoeira e a Psicologia. A Capoeira teve e tem importância fundamental para reconhecer o que está no mais-além dos livros, dos muros da academia e de minha própria vida.

Acreditando que a Capoeira pudesse oferecer uma possibilidade de resgatar nos pacientes adictos novos e diversos sentidos, adentrei nessa proposta e, juntamente com o trabalho prático, iniciei os estudos sobre toxicomania.

O termo *CAPS-POEIRA*, presente no título da dissertação, simboliza a articulação entre CAPS e Capoeira, junção presente nesta proposta. Apresenta também o prenúncio do trabalho prático, seus recursos e métodos: fazer *poeira*, ou seja, provocar possíveis transformações.

O objetivo geral deste trabalho se configura no movimento de apreender e nomear os sentidos do encontro entre a Psicanálise e a Capoeira Angola nos grupos operativos dos usuários do serviço CAPS-ad. Especificamente, é premente ressignificar as versões da toxicomania empreendidas na literatura corrente e incitar a visibilidade da condição de marginalização e assujeitamento dos sujeitos drogadictos.

A tentativa de comungar a Psicanálise e a Capoeira também influenciou a nomeação dos títulos deste trabalho, *Uma terra estranha chamada Brasil: uma contextualização da drogadicção; Hibridação brasileira: (re) elaborações e (re) significações e Ânsia de Liberdade?*, e das duas partes que compõem o trabalho: *Ladainha* e “*O jogo vai começar!*”. Nos títulos, procurei reportar sobre a história da vinda dos negros ao Brasil. As duas partes do trabalho foram assim nomeadas pela menção que fazem à roda de Capoeira, cantigas entoadas no início da roda e início do jogo.

A chegada do negro ao Brasil, terra desconhecida pelos africanos, é metaforicamente comparada com a apresentação inicial sobre o tema toxicomania, feita no capítulo primeiro. No primeiro item do capítulo, o uso de drogas é apresentado por uma perspectiva social. Uma discussão sobre o sistema repressor no combate às drogas foi levantada. No segundo item do capítulo, a toxicomania é pensada na contramão do discurso científico tradicional, que propõe uma padronização e classificação, relativos ao uso de drogas e suas reações fisiológicas, químicas e farmacológicas. Intento discorrer sobre a toxicomania pelo viés psicanalítico, como apresentado por Santiago (2001a). Para este autor, a Psicanálise considera a diversidade e o paradoxo subjetivo, por isso tem como fundamento o desprendimento das amarras do formalismo significante e da padronização, visto que as peculiaridades humanas são

descartadas na padronização e normatização. Ainda neste capítulo, no terceiro item, discorro sobre a lógica social contemporânea e sua articulação com o aumento do uso de drogas. O título do quarto item do capítulo, *Lembranças da mãe África*, foi assim escolhido, porque faz referência aos sentimentos de saudade a África sentidos pelos africanos no Brasil. Essa nomeação representa simbolicamente e metaforicamente as peculiaridades da constituição psíquica dos sujeitos toxicômanos, quais sejam, o desejo de retorno ao universo matriarcal, marcado por uma vivência de eternidade e uma indiferenciação eu-mundo. Tais peculiaridades, constatadas pela análise teórica, também justificam a titulação *O cárcere na grande mãe*. Para explicar *o cárcere na grande mãe*, apresento alguns passos teóricos de Freud. Acompanhando a ordem cronológica de suas formulações, inicialmente descreverei os dois princípios psíquicos concebidos por ele, princípio do prazer e princípio da realidade. Darei continuidade com a concepção do conceito de pulsão e narcisismo, ambos considerados na análise toxicomaniaca. Na toxicomania há uma inversão da lógica pulsional e uma falha psíquica referente ao momento narcísico.

Hibridação brasileira (segundo capítulo) ocorreu em nosso país após o entrelaçamento das culturas europeia, indígena e africana, resultando na diversidade cultural, na (re) significação dos modos de vida, na Capoeira, no Brasil; um modo criativo de viver e de enfrentar os possíveis obstáculos da vida. Assim, é possível uma aproximação da hibridação brasileira com a Reforma Psiquiátrica, a constituição da Capoeira e os grupos operativos, sendo alternativas diante do hospitalocentrismo, da opressão social e das estereotípias dos papéis sociais assumidos pelos sujeitos, respectivamente. Neste capítulo apresentarei uma breve explanação sobre a Reforma Psiquiátrica, a Capoeira Angola e grupos operativos.

Para compreender a abertura ao modo de intervenção não convencional com a utilização da Capoeira Angola, no primeiro item do capítulo segundo, apresentei os objetivos dos CAPS, em específico o CAPS-ad, e seu distanciamento da visão hospitalocêntrica, visão esta que

prevaleceu durante anos e acompanhou o discurso segregador. A Capoeira e seus recursos vêm como uma possibilidade condizente ao que é proposto pelos Centros, ou seja, um afastamento do viés moral que ainda perpassa sobre o sujeito toxicômano e o resgate desse sujeito e de seu papel ativo na realidade social. A Capoeira Angola, sua gênese e os elementos que ela traz consigo- música, movimentação e narrativas-, foram descritos no segundo item do capítulo. A proposta do grupo operativo foi explanada no terceiro item do capítulo. Os grupos operativos são centrados na tarefa e têm como fundamento a necessidade de provocar um aprendizado, inquietações e reflexões sobre a própria vida. Isso ocorre porque nos grupos operativos as contradições sociais presentes na vida do sujeito são expostas (Pichon-Rivière, 1960/1982).

Em o *Jogo vai começar!*, parte II, descreverei a metodologia do processo dissertativo. Primeiramente, a norteadora dos meus passos práticos e teóricos, a Psicanálise. *Escrita pelo contrário*, por sua proximidade ao avesso científico e humano, ou seja, a tudo que se encontra fugaz aos padrões da lógica linear e que se apresenta nas entrelinhas do encontro humano.

No segundo item do capítulo 3 serão descritos *Os passos da zebra*. Apresento como ocorreram o contato com a instituição e sua autorização para que o projeto se desenvolvesse em formato acadêmico, os encontros e as entrevistas. O planejamento, os objetivos e os recursos utilizados nos encontros foram descritos. Diferenciei e expliquei os três tipos de encontros ocorridos, que se intercalavam semanalmente, as *rodas de conversa*, os encontros de *musicalização* e aqueles de *movimentação*.

Os resultados deste projeto foram apresentados em quatro itens, inseridos no capítulo *Sobre um lugar: as histórias e as descobertas*.

No primeiro item do capítulo, *Percorrendo o cenário: meu olhar, o lugar e seus personagens*, foi descrito o CAPS-ad no qual realizei a pesquisa. Percorrendo pelas salas e corredores, apontei minhas percepções e os mundos distintos que aos meus olhos se

segregavam: aquele dos médicos, enfermeiras e psicólogas, e outro dos “pacientes”, usuários do serviço CAPS. Em *Compondo a roda: sobre as entrevistas e os personagens*, apresentei os sujeitos por mim entrevistados, que a partir de minhas interpretações foram se configurando como personagens e participantes de uma roda de Capoeira. *A roda está formada* traz elementos comuns aos personagens. Em *A cadência da Capoeira Angola nos grupos operativos*, descrevo cada encontro desenvolvido durante o projeto, as *rodas de conversa* e os diálogos travados, os encontros de *movimentação* e suas propostas, e os encontros de *musicalização* com suas tarefas implícita e explícita. No item “*Vem jogar mais eu*”: *as revelações grupais* discorrerei sobre as revelações ocorridas nos encontros grupais e os sentidos produzidos.

No capítulo 5, encontram-se as possíveis conclusões do projeto CAPS-POEIRA. *Ânsia de liberdade?* Faz referência a história dos escravos no Brasil e sua libertação. O título carrega a presunção do projeto: provocar um desprendimento dos padrões sociais assumidos, de marginalização e de passividade. Os objetivos desse trabalho aproximavam-se da proposta de redução de danos e não a “libertação” do uso de drogas, levando a redução de danos à crença no próprio sujeito, sua capacidade de auto-responsabilização e, principalmente, em seu potencial criativo e expansivo.

Considero este trabalho um ensaio interdisciplinar composto por elementos da cultura popular- a Capoeira Angola com suas narrativas históricas presentes nas cantigas, a musicalidade rica por seus variados instrumentos e ritmos e sua movimentação com histórias brasileiras de dor, de alegria, de resistências e de regeneração-, da História- criada pelas diversas histórias e seus personagens ao longo do tempo-, da Sociologia- com sua compreensão e entendimento das transformações sociais-, todos eles agregados à Psicologia, aquela que não se inscreve apenas nos livros teóricos, mas principalmente nas sutilezas das relações interpessoais e das vivências pessoais. Este é resultado do ousado encontro da

criação e expansão humana, presentes nos redutos urbanos, com a inscrição acadêmica, aberta a apreender as diversas construções do saber popular para ampliar conceitos e teorias. Também considero o presente trabalho como um retrato autobiográfico, pois contém minhas próprias aflições, angústias, alegrias e minha história pessoal, acadêmica, profissional e capoeirística. Um pequeno esboço, ainda um pouco desbotado e com poucas páginas, do que penso e do que sou.

*Então, Vamô simborá camará!*²

² Louvação feita pelos capoeiristas antes do início do jogo.

Parte 1 — Ladainha

Capítulo 1

A TERRA ESTRANHA CHAMADA BRASIL: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A DROGADICÇÃO

A ladainha é um cântico entoado no início da roda de Capoeira Angola. Nela uma história é narrada, sobre negros, mestiços, capoeiristas ou escravos, acontecimentos presentes no imaginário coletivo dos capoeiristas, sobre a história da constituição da Capoeira ou até mesmo sobre Deus ou Deuses.

A *Ladainha* dessa dissertação representa a história teórica percorrida previamente e que antecede *O Jogo*, parte II. Convido, então, o leitor a *escutar a ladainha*, que entoa reflexões teóricas sobre a toxicomania, a Psicanálise, a Capoeira Angola, os grupos operativos e a Reforma Psiquiátrica.

1.1 A drogadicção sob a perspectiva social

A toxicomania é um tema de vasta complexidade por abarcar questões políticas, econômicas, sociais e psíquicas. Utilizarei os termos toxicomania e drogadicção por apresentarem maior aproximação com a psique do sujeito e sua contextualização social, e por se afastarem da conceitualização farmacológica e química da droga.

A droga é um espectro do qual ninguém está livre, como apresentado pelo antropólogo Eduardo Viana Vargas (2001). Segundo Vargas, existem muitos efeitos reais e potenciais aos usos “ilícitos de drogas”, assim colocados em aspas pela discussão que decorre da moralidade e do saber médico, que constroem a diferenciação entre lícito e ilícito. O autor constata que é

posto na conta do uso ilícito de “drogas” as vidas perdidas, as ruas inseguras, os lares desfeitos, serviços públicos sobrecarregados e inoperantes e também os governos instáveis e corruptos.

Diante da violência provocada pela guerra às drogas ilícitas, Vargas (2001) acrescenta que as contabilidades financeiras para ações bélicas e políticas, envolvidas nos circuitos das “drogas”, crescem proporcionalmente aos corpos arruinados e chacinados pelo envolvimento com o tráfico de “drogas”, que agrega traficantes, banqueiros gananciosos, camponeses empobrecidos, milícias clandestinas, policiais e políticos corruptos, “mulas”, olheiros e soldados mirins, químicos, médicos e advogados de distintas partes do mundo. Com dados estatísticos apresenta essa “indústria” com percentual de lucro de 8% no comércio internacional, porcentagem maior do que a venda de automobilísticos. Expõe ainda que o crescimento do uso e do tráfico de drogas acompanhou as escalas exponenciais da repressão.

De acordo com as discussões levantadas na 3ª Reunião da Comissão Brasileira sobre Drogas e Democracia (CBDD, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2010), a guerra às drogas, combatida pelo controle repressivo, fracassou. Nesta Comissão também se constatou que a repressão, ao invés de proporcionar segurança pública, gerou mortes, corrupção e superlotação de presídios (CBDD, 2010; Prôa, 2009).

Noto et al (2003) consideraram em seus estudos que as intervenções repressivas e de controle ao uso de drogas são limitadas e provocam complicações sociais. Constataram que estas intervenções minimizam o potencial da demanda social, encontrando brechas no controle e se mantendo mesmo clandestinamente. Segundo os autores, “as políticas exclusivamente repressoras e/ou controladoras parecem assumir papel de catracas em meio aberto, ou seja, sistemas de controle com grandes brechas laterais que inutilizam sua função” (2003, p.61). A pesquisa contou com entrevistas realizadas com jovens em situações de rua, e por meio delas, foi possível verificar que o sistema de segurança público, que deveria ser o

representante de segurança para toda a população, especialmente para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, na prática parece ocorrer às avessas.

É fato que o consumo de droga intensificou-se abruptamente a partir da segunda metade do século XX, sendo considerado uma questão de saúde pública (Pratta & Santos, 2009). Em publicação de 15 de dezembro de 2009 (do site oficial do governo brasileiro de saúde mental), a Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas (Brasil, 2009) proferiu sobre a disseminação do uso de crack no país. De acordo com o texto, o uso alarmante da droga está vinculado a vários fatores, no entanto, um deles foi enfatizado, qual seja, o controle repressivo. Esse controle repressivo também se estendeu à venda dos insumos químicos necessários à produção da droga, provocando a fabricação caseira da droga com a utilização de outras substâncias químicas, como por exemplo, gasolina e água de bateria. Assim, se produz uma droga barata, tornando-a mais acessível aos consumidores e com efeitos de pouca duração. Ainda de acordo com a publicação citada (Brasil, 2009), o uso do crack foi apontado como possível provocador de perdas nos vínculos familiares e nos espaços relacionais, de pequenos delitos e de prostituição.

Por essas razões, o crack é uma das drogas que mais provoca alarde nos últimos tempos. Seu uso é evidente nos redutos urbanos, pois sendo uma droga barata, encontra-se uma grande parcela dos usuários nas ruas e nas praças. Os noticiários televisivos constantemente apresentam propagandas ao seu combate e as diversas tentativas policiais fracassadas de eliminação das cracolândias nas grandes cidades (Costa, 2009).

Nos discursos políticos e de segurança pública o crack é associado às mazelas sociais. Através da missão pública e policial de combate às cracolândias, seus usuários tentam ser eliminados ou, ao menos, escondidos dos olhos daqueles inseridos na lógica pública. Assemelha-se a isso a tentativa de ocultar os mendigos dos meios urbanos por meio da construção de bancos de praças e de viadutos, feitos de tal forma a impedirem o alojamento

debaixo destes e o repouso naqueles (Costa, 2009). A tentativa pública e policial de eliminação das cracolândias reforça cada vez mais a segregação de tais sujeitos e o ciclo vicioso provocado pela droga (a prostituição, os delitos, a segregação familiar) (Costa, 2009). Projetos dessa natureza, ao invés de proporcionarem recursos sociais aos usuários de drogas, tentam, em vão, eliminá-los ou escondê-los, potencializando suas vulnerabilidades.

Como resultado, a repressão social e as ações policiais ao invés de provocarem a diminuição no consumo da droga, ocasionam o barateamento de sua fabricação, aumentando a possibilidade de consumo, a violência urbana, o crime organizado e as lutas armadas entre fabricantes e policiais (Brasil, 2009; Vargas, 2001).

O historiador Carneiro (2006), ao apresentar fatos históricos relacionados às drogas, confirma o aumento proporcional do consumo à repressão. Assim, relata na revista *Nossa História*:

desde o início do século XX, várias medidas jurídicas e policiais vêm sendo tomadas no sentido de reprimir o uso de certas drogas, com resultados quase sempre ineficazes [...] Foi exatamente na fase mais repressiva do regime militar, no entanto, que as drogas adquiriram um estatuto de rebelião cultural, identificada com o movimento *hippie* e a contracultura (p.20).

Os autores Vargas (2001) e Carneiro (2006) reconhecem que, diante da repressão policial e jurídica às drogas, um crime organizado se constituiu, com uma economia paralela sustentada pelas drogas e com uma militarização exacerbada entre policiais e traficantes, contribuindo em larga escala com a violência urbana. Violência esta expandida às atividades ilícitas de usuários de drogas a fim de consumi-las.

Os estudos de Noto et al. (2003) trazem históricos de violência entres crianças e jovens moradores de rua e as atividades ilícitas realizadas por eles, como furtos e prostituição. Para os pesquisadores, o consumo de drogas entre estes jovens pode ser encarado como uma

denúncia das condições da situação de rua, e acrescentam que “a negligência social no Brasil é uma forma de violência que merece ser urgentemente revista” (p.28). Assim, é possível reconhecer que as ações dos dispositivos públicos do país no combate às drogas, parecem se esquecer das condições sociais dos envolvidos, provocando então, a violência pela negligência.

Reale (2006) argumenta que a punição ao usuário de droga o condena à exclusão, e ainda que a busca à droga é uma forma de compensação das dificuldades de inclusão em um mundo que lhe parece hostil, ou seja, a exclusão varia de causa à consequência do fenômeno.

Nesse sentido, Silveira (1995) discute a ocupação marginal dos toxicômanos no contexto social. Acrescenta que a própria conduta toxicomaniaca questiona a organização de nossa estrutura social, e entre os diversos significados, o ato de drogar-se possui “um sentido de denúncia dos aspectos hipócritas, patológicos e patogênicos, medíocres e estagnantes de nossa sociedade” (p.10).

Assim, aqueles que deveriam proteger agem contrariamente e a sociedade que deveria incluir, exclui. A exclusão, a negligência e a violência provindas da ação repressora do combate à droga, representam um paradoxo social da terra estranha chamada Brasil.

1.2 Olhares sobre a toxicomania: Ciência Positivista X Psicanálise

Entre os autores estudados analisadores do sistema repressor ao uso de drogas e as incongruências sociais por ele provocadas, houve aqueles que identificaram o discurso científico positivista e normatizador como seu precursor (Santiago, 2001a; Vargas, 2001).

O aparato jurídico se respaldou na ciência para fazer uso da sua lei, para proibir, repreender e também classificar, usuários, doentes e/ou traficantes. Vargas (2001) pode constatar a aproximação da ciência e o sistema repressor ao verificar que a categorização de

drogas ilícitas e sua moralização provêm do saber biomédico, científico e normatizador.

Segundo o autor:

os saberes e as práticas médicas foram historicamente investidos, entre nós, na posição de principais instrumentos de legitimação da partilha moral entre “drogas” de uso “lícito” e “drogas” de uso “ilícito” por fornecerem, para a sociedade em geral e com a força da autoridade científica que costumamos emprestar-lhes, os critérios para tal partilha (Vargas, pp. 30-1).

Gurfinkel (1995) também acompanha as discussões acima apresentadas. Para o autor, a partir do saber científico normatizador, o usuário de droga passou a ser “estudado, observado, categorizado e tratado como um ‘corpo estranho’ social” (Gurfinkel, 1995, p.39).

Pelo viés objetivista do discurso científico o sujeito toxicômano é analisado e categorizado isoladamente das diversas facetas presentes na problemática droga, tais como questões políticas, econômicas e sociais. Esse recorte científico, embasado no dualismo cartesiano, apresenta um enquadramento apenas ao que é possível de ser observado e medido. E aquilo que foge de seu campo de manipulação e estudo é descartado. Segue um cuidado para eliminar o que escapa do alcance de ser manipulado, medido e categorizado, causadores de interferências ao estudo e provocadores de dúvidas (Nietzsche, 1873/2007). No entanto, é próprio do humano o paradoxo, a subjetividade e o desejo, ou seja, tudo o que foge do campo de análise desse cientificismo.

Esse cientificismo apresentado se respalda na conceitualização dos aparatos próprios da linguagem. A linguagem é construída a partir de formalizações e padronizações, fundamentais para promover a comunicação, algo comum entre os sujeitos. No entanto, ela impossibilita a manifestação da singularidade do sujeito, pois na tentativa de estabelecer algo comum e comunicável, não consegue apreendê-la em sua unicidade e particularidade. Assim, a

singularidade do sujeito desliza e escapa aos significantes da linguagem (Nietzsche, 1873/2007).

Por seu modo de conceber o mundo fragmentado e, por seu formalismo significante, esse modelo científico é incapaz de reconhecer o que está além ou aquém da linguagem, ou seja, tudo aquilo que é singular do humano. Dessa maneira, a relação entre o toxicômano e a droga, suas particularidades e paradoxos, não podem ser capturados pela linguagem. Portanto, nesse discurso, a toxicomania é analisada em suas formas farmacológicas e químicas, podendo ser medida e padronizada (Santiago, 2001a).

A Psicanálise, por se prestar à aproximação da singularidade humana, compreende as falhas do significante para a realização desta tarefa. Também, diante da hegemonia da ciência positivista e cartesiana, respaldada no formalismo da linguagem e distante das questões humanas, propõe uma inversão desse modo de conceber ciência ao se libertar da padronização, aproximando-se, cada vez mais, da unicidade e da verdade de cada sujeito. Nesta tentativa de aproximação do sujeito, a investida psicanalítica procura os vestígios das falhas significantes, pois nelas se encontram o que não pode ser dito, o que não é estabelecido e padronizado, ou seja, a singularidade do sujeito (Santiago, 2001a).

No que se refere à toxicomania, o saber analítico em sua tarefa de desvendar essas falhas, analisa o “contexto discursivo no qual ela se enuncia” (Santiago, 2001a, pp.19-20). Consta ser a droga suscetível ao empreendimento da linguagem e de seus deslizamentos de significação. Nessa empreitada, diferentes sentidos referentes à droga são possíveis, como por exemplo, seu reconhecimento ora como veneno, ora como remédio.

A partir de estudos de Lévi-Strauss, Santiago (2001a) pode verificar os diversos significados do *phármakon*. Impossível seria explicar pela via do cientificismo objetivista o uso de uma mesma droga em sociedades diferentes, produzindo efeitos opostos em cada uma delas, ou até mesmo a utilização de drogas diferentes e em sociedades diferentes, provocando

efeitos iguais. Isso demonstra que a relação com a droga não pode ser entendida pelas conceitualizações estabelecidas, sendo esta relação única para cada sujeito.

Por esses vieses de significação, históricos, sociais e culturais, é que a Psicanálise postula o distanciamento da “verdade” concebida pelo pensamento científico hegemônico. Este considera o toxicômano em relação estrita à sua dependência biológica. A Psicanálise, por sua vez, sai em busca da verdade psíquica do sujeito toxicômano, ou seja, sua singularidade em relação à droga e os seus diversos sentidos.

Ao longo da história foi possível verificar alguns dos diferentes sentidos alojados às drogas. No Brasil, do período colonial até os dias de hoje, indígenas utilizavam e ainda utilizam bebidas e substâncias vegetais com o objetivo de cura e devoção. Práticas africanas agregadas a estes rituais provocaram a utilização de determinadas drogas não apenas para fins religiosos, mas também medicinal. O ópio e a maconha são também exemplos das mudanças discursivas. O primeiro, no período romantista, esteve presente entre jovens e era considerado um vício elegante brasileiro. A *Cannabis sativa*, nome científico da maconha, era utilizada na fabricação de roupas, papel e remédio, e seu uso medicinal foi modificado pela estigmatização como droga a partir de sua proibição em 1830 (Carneiro, 2006).

A ciência, diante dos diversos sentidos alocados às substâncias psicoativas e suas transformações, construiu um parâmetro fixo à droga, confinou-a em sua realidade tóxica, desconsiderando e interrompendo sua polissemia de sentidos. A perspectiva psicanalítica, por sua vez, considera a multiplicidade de sentidos do fenômeno e as peculiaridades da relação do toxicômano com seu objeto droga, expondo o paradoxo subjetivo que a investigação científica limita-se a reiterar como sendo característica da nocividade tóxica no organismo (Santiago, 2001a).

O discurso científico além de tentar padronizar e fixar a fugacidade de sentidos da droga, não reconhece a materialidade dialética da construção de seu saber e seus produtos com a

relação humana. Com seu surgimento, outro sentido foi dado à droga e à sua utilização, e novas drogas foram criadas (Gurfinkel, 1995). Anteriormente à constituição da ciência moderna, a droga era utilizada para fins religiosos ou lazer. No começo do século XIX, início da ciência moderna, houve grande interesse de químicos e médicos por muitas espécies de substâncias, provocando uma ruptura com a tradição de um saber sobre a natureza (Santiago, 2001a). Exemplificando, a morfina e a heroína foram construídas em laboratório europeu no final do século XIX, a partir do isolamento de seu princípio ativo opiáceo. A heroína, patenteada pela empresa Bayer, chegou a ser comercializada em farmácias. Outros exemplos são o LSD, utilizado como remédio e distribuído pelo fabricante Sandoz, e a cocaína, extraída das folhas de coca, em 1859, pelo químico Albert Niemann (Carneiro, 2006).

Com o surgimento da ciência criações diversas foram inseridas na realidade. Nesse sentido, Santiago apresenta que “o recurso do toxicômano às drogas é apenas um efeito, entre muitos, que a ciência produz no mundo” (Santiago, 2001b, pp. 26-7).

O desenvolvimento desse modelo científico se estendeu a vários campos do saber que, ao desconsiderar a contextualização histórica e social do sujeito e seu psiquismo, favoreceu e legitimou a norma social vigente, marginalizando aqueles que não se adequassem a esses moldes. O estabelecimento de regras e padrões, construídos pelo discurso científico moderno, não foi capaz de abarcar o sujeito e suas vicissitudes singulares. Ao enquadrá-lo em seus padrões, provocou a segregação e o distanciamento das questões que o envolve, seus desejos, o atravessamento político, econômico e social. Seguindo essa lógica, o sujeito usuário tornou-se coisificado pelo deslocamento dos aspectos sociais, familiares, históricos, políticos e econômicos, provocados pela ciência. O cientificismo expandiu o uso da droga, mas marginalizou e rotulou aquele que pervertesse seu uso, as regras e padrões estabelecidos (Gurfinkel, 1995).

Além disso, um rótulo foi estipulado ao toxicômano, “eu sou dependente” ou “eu sou adicto”, como pode ser observado na fala dos sujeitos em clínicas de tratamento (Santos & Costa-Rosa, 2007). Os autores identificaram que essa auto-identificação é consonante com o imaginário construído pela sociedade e reproduzido pelos dispositivos de tratamento, “[...] que reforçam a postura de impotência irremediável diante do controle do uso de drogas” (Santos & Costa-Rosa, 2007, p. 494). O aprisionamento em uma imagem assumida pelo sujeito usuário provoca sua impotência diante da droga e a desresponsabilização pelo ato de drogar-se. O saber psiquiátrico, inserido na lógica de rotulação e desresponsabilização dos usuários de drogas, por seu método medicamentoso, gera uma cisão com a prática da escuta, impossibilitando o reencontro do sujeito com sua história.

Marconi (2009) confirma esta informação ao relatar que a medicina com seus avanços tecnológicos, distanciou-se do paciente impedindo-o de manifestar seu desejo presente no pedido de cura. As instituições especializadas e pautadas nesse discurso reforçam e mantêm a não responsabilização do sujeito. Marconi acrescentou uma discussão sobre a rotulação do sujeito toxicômano provocada pelo direito e medicina, gerando a postulação de que o objeto droga é um mal que deve ser eliminado. Segundo a autora, isso impede o toxicômano de inscrever o sintoma como algo singular, permanecendo apenas as marcas identificatórias.

Diante da realidade social construída em torno do espectro droga, seja o controle repressivo e a imposição do saber médico, Pratta e Santos (2009) reconhecem o uso de substâncias psicoativas como forma de contestação ou transgressão diante da normalização do modo de vida racional. A própria repressão ao uso demonstra que a normatização provinda da racionalização não atingiu seus objetivos e não foi capaz de enquadrar as diversidades dos sujeitos (Santiago, 2001a).

Santiago (2001a), ao retomar a origem do pensamento psicanalítico, esclarece o embate constante entre psiquismo e realidade, sendo o primeiro o inconsciente e a singularidade

humana, e o segundo a realidade que envolve o sujeito na repetição rotineira e na padronização. Dessa forma, é possível compreender o uso de drogas como uma transgressão psíquica na realidade, ou seja, um sintoma social. Mesmo com a determinação da norma vigente, algo escapa no campo simbólico e o psiquismo, com suas facetas, não se silencia.

Partilhando dos olhares da drogadicção e as correlações com a esfera social, Kalina e Kovadloff (1983) entendem que o adicto:

não faz outra coisa que trasladar para o campo de sua vida individual o tipo de relações alienadas que imperam na sociedade a que pertence [...] sua existência testemunha claramente o que são as relações de dependência e exploração no seu duplo sentido, pessoal e coletivo (p.18).

Os autores acrescentam que a marginalização social do adicto responde à necessidade da sociedade em manter ocultas suas próprias contradições (Kalina & Kovadloff, 1983).

Nesse sentido, Gurfinkel (1995) apresenta:

O objeto imaginário sobreposto ao toxicômano tem em geral matizes persecutórias, ele é o *mal* que tem que ser eliminado, pois persegue o corpo social por sua diferença enigmática e incompreensível- selvagem-, o que nos faz supor que deve trazer de volta a este corpo algo intolerável (uma falta?) que não pode ser falado (p.176).

Como considerado por Santiago (2001a), o toxicômano em parceria com a droga é uma presa fácil aos processos segregativos da ordem capitalista vigente, porque através dessa parceria ele materializa a infidelidade ao gozo fálico, aquele que mantém o sujeito no percurso de (in) satisfação de seus desejos, e conseqüentemente, também representa a infidelidade ao mal-estar provocado pela inserção ao mundo simbólico.

O toxicômano carrega esse estigma por expor as falhas da normatização, por gritar aquilo silenciado pela sociedade, por escancarar o que muitos tentam esconder. Por tudo isso, cai nas malhas da marginalização e segregação social.

1.3 Século XXI e a lógica da adicção

Para compreender o fenômeno da toxicomania, o aumento abrupto do consumo de drogas dos últimos tempos e a vigente segregação social dos toxicômanos, também é necessário analisar as modificações sociais ocorridas no contexto atual e a expansão dessas modificações à constituição psíquica dos sujeitos.

Considerando a toxicomania um sintoma, como discutido no item anterior, não é possível desvinculá-lo do meio social. Sendo reconhecida como uma transgressão social, a origem da toxicomania está atrelada ao campo simbólico, suas normas, regras do convívio social, política, economia etc.. Diversos autores consideram a toxicomania um novo sintoma, porque não apresenta a formação de compromisso, característica dos clássicos sintomas, como por exemplo, a histeria (Marconi, 2009; Santiago, 2001a; Teixeira, 2006).

Bauman (1925/1998) apresenta diversas modificações ocorridas na sociedade, e denomina a sociedade atual como sociedade pós-moderna. Anterior a este momento, no período moderno, a sociedade era baseada em regras, padrões e classificações específicas. Havia também a luta contra a ambivalência, relações hierarquizadas com pouca mobilidade e a instituição familiar, patriarcal e conservadora. Nesse contexto, eram excluídos aqueles que não se adequassem a essas regras. Na pós-modernidade, o consumismo, as redes de comunicação, a flexibilidade e a instantaneidade das relações sociais tomaram conta do cenário. Os que não se desvencilhassem das normas modernas, seriam agora descartados. Na sociedade “em que tudo posso”, que imperam demandas capitalistas de “completude” materialista, torna-se necessário provocar uma ruptura com a identidade pré-estabelecida para se adaptar ao consumismo desenfreado, que a cada momento apresenta um modo de ser, de vestir e de estar no mundo (Bauman, 1925/1998).

Diante dessas modificações estendidas à política, economia, relações sociais e às novas formas de poder e subjetivação, Maia (2001; 2003) propõe uma análise da constituição psíquica e de suas transformações. O estudo auxilia no entendimento das novas formas de subjetivação e das psicopatologias que se alastraram na contemporaneidade, entre elas, a drogadicção.

Com as transformações apresentadas por Bauman, verificamos a instantaneidade das relações alteritárias, o consumismo desenfreado e a fragilidade das relações humanas. Esses aspectos se estenderam às relações fundantes da constituição psíquica humana, do outro mediador, responsável por apresentar ao sujeito em constituição os significados simbólicos construídos socialmente, e do terceiro interditor, indispensável para interromper o momento de completude ilusória, denominado ego-ideal, e propulsionar o sujeito ao ideal de ego, momento em que busca substitutos desta completude na cadeia simbólica (Maia, 2003). Portanto, com as transformações da pós-modernidade pode ocorrer uma falha na apresentação do mundo simbólico ao sujeito e na interdição da completude ilusória, acarretando uma fragilidade na busca por seus substitutos.

Como consequência dessa falha simbólica, as psicopatologias contemporâneas se manifestam no corpo e na ação, algo observado no aumento de pacientes com compulsões, bulimia, depressão, anorexia, síndrome do pânico (Birman, 2003), e adicção. Nesse contexto, o sonho, a poética e a fantasia são escassos.

Romera e Próchno (2007), ao analisarem um caso clínico pelo olhar psicanalítico, demonstraram as características pós-modernas do jovem atendido, que habitava um corpo destituído de sua dimensão histórica, com marcas identificatórias variadas e com um vazio existencial. Nesse sentido, narraram sobre o modo de ser contemporâneo:

O pensar sem propósito pragmático é abolido, a livre associação de idéias ou as idéias suspensas em busca de novas e criativas formas de articulação são exiladas do

pensamento funcionalista onde tudo já está ou deve estar pronto. A imediatez ganha espaço privilegiado e segue a nova ordem da temporalidade momentânea do “tudo deve ser para ontem!” (Romera & Próchno, 2007, p.198).

Para Maia (2003), os sujeitos contemporâneos recebem diversas imagens e modelos midiáticos, através dos quais, sem a mediação do pensamento, se adaptam às identidades propostas e se alienam nessas imagens. O pensamento também é burlado pela instantaneidade e consumismo desenfreado, necessários para a manutenção do capitalismo contemporâneo. Essas intempéries impossibilitam o sujeito de pensar em seus próprios desejos e necessidades, recebendo e reagindo a tudo passivamente.

Os autores caracterizam a sociedade atual como uma sociedade do espetáculo e narcisista (Maia, 2003; Romera & Próchno, 2007). O narcisismo que a caracteriza é apresentado como um narcisismo de superfície, não podendo ser comparado com o narcisismo primário, imprescindível para a integração do próprio corpo e para a passagem do ego-ideal para o ideal-de-ego (Maia, 2003). A imagem de Narciso, apaixonado por si próprio, e com uma excessiva independência, camufla a dependência que está na essência humana: “nós não somos completos” (Romera & Próchno, 2007, p.199).

Nas novas patologias há uma perturbação na passagem do ego-ideal para o ideal-de-ego. O sujeito permanece no momento da completude ilusória, não abrindo espaço para o Outro. Como consequência dessa perturbação há uma ênfase no individualismo e na superficialidade das relações, a linguagem poética e narrativa se atrofia, tornando evidente a linguagem informacional. Além disso, o discurso endereçado ao outro se empobrece na língua falada e se expande no corpo e na ação (Birman, 2003; Maia, 2003).

Para Romera e Próchno (2007), “estamos no mundo da ação total (ou global) e da pobreza ou do empobrecimento do pensamento, da ausência da substancialidade!” (p.200).

Nesse contexto das transformações pós-modernas e novas formas de subjetivação, se encontra a adicção.

No novo modo de viver, impera a *lógica da adicção*, conceito formulado por Maia (2003). Os sujeitos são constituídos por essa lógica para que permaneçam em constante estado de insatisfação e assim acompanham o consumismo descomedido e o ritmo acelerado da produtividade. Exige o prazer a todo custo e descarta, de imediato, tudo o que causa desprazer.

É possível uma aproximação da *lógica adicta* com as características psíquicas do sujeito toxicômano. Os toxicômanos, através da droga buscam o prazer a qualquer preço e se distanciam de qualquer ameaça que lhes cause desprazer. Acompanhando o individualismo e a superficialidade das relações, permanecem presos ao ego-ideal e ficam impedidos de abrir espaço para outros substitutos da cadeia significante (Maia, 2003).

A compulsão repetitiva do toxicômano, observada na busca constante à droga e na dificuldade em obter espaços alteritários para romper com essa lógica, demonstra a perturbação do adicto no campo da ação. Como apresentado por Santos e Costa-Rosa (2007), na presença do objeto-droga:

o toxicômano se defronta com sua incapacidade de pensar, reagindo com uma ação compulsiva, correspondente de uma tensão que parece ser vivenciada como impossível de baixar por outros meios. Parecendo ser comandado pelo objeto, o indivíduo fracassa, sobretudo, quanto à capacidade de utilizar a linguagem e o pensamento como meios de ponderação e de dar significação ao impulso desencadeado (p.489).

Marconi (2009) constata ser o ato compulsivo uma tentativa de adquirir um prazer irrestrito. A autora também compreende que este sintoma tem como alvo principal o corpo.

Nesse sentido, a psicanálise pode contribuir em “escutar o sujeito que está por trás do corpo fragmentado, mutilado” (p.15).

A perturbação no campo somático do drogadicto também se manifesta pelo descuido e escarificações feitas no próprio corpo. Silveira analisa que:

a nível corporal, diversos pacientes realizam verdadeiros rituais de escarificação, deixando marcas no próprio corpo, ou compartilham sangue da mesma seringa mesmo quando não há mais droga a ser injetada. Estas marcas assinaladas na própria pele, assim como o sangue, constituem testemunhos de uma identidade corporal, simbolicamente reassegurando e apaziguando dissociadamente o indivíduo do medo do não-ser, da ameaça da não-identidade, da marginalização e da solidão absolutas (1995, p. 35).

Segundo Maia (2003), esses sujeitos provocam em si mesmos, em seus próprios corpos, marcas que representam e falam de suas constituições. Devido à lógica pós-moderna, a superficialidade das relações, a alienação em uma imagem irreal transmitida pelos meios de comunicação, a perturbação na passagem do ego ideal para ideal-de-ego, os sujeitos podem apresentar marcas corpóreas como cuidadoras. A autora, ao analisar os relatos clínicos de seus pacientes, verifica serem as práticas corporais, como a tatuagem, meios de proporcionar sentimentos de autoproteção, de autoconfiança, de apropriação de uma identidade, de presença de um corpo que parecia não existir.

as práticas corporais apresentam-se como uma tentativa de restituição narcísica que remete a um processo defensivo: ocorre um apelo ao auto-erotismo, no qual, através de investimentos pulsionais parciais, localizados em determinadas zonas erógenas, os sujeitos tentariam recompor e sanar as feridas expostas de seus narcisismos. Recurso defensivo que busca a atualização de um processo anterior ao narcisismo, anterior mesmo à imagem unificada do corpo (Maia, 2003, p.68).

Com as descrições feitas por Bauman (1925/1998), compreende-se que na sociedade pós-moderna, de uma forma ou de outra, não há aquele que fuja dos parâmetros ditados. Apesar de ainda conviverem juntas características modernas e pós-modernas, prevalecem o consumismo, a flexibilidade, a rapidez, a internet, a superficialidade, entre outras. Como consequência desse modelo, tem-se atos em que o pensamento é burlado, não há mediação simbólica e não se fantasia sobre os seus próprios desejos. Na lógica adicta, no lugar da interdição moderna, provocada pelo terceiro, reina o gozo absoluto, exige-se o prazer imediato e a todo custo.

Na pós-modernidade também há um declínio do referencial familiar, religioso, estatal, autoritário e patriarcal, responsáveis pela instituição de uma ordem simbólica e a interdição ao gozo absoluto ou à completude ilusória. No modo de viver contemporâneo e na adicção há uma falência paterna, reconhecida pela falha da imposição de poder hierárquica e vertical. Dessa forma, com as transformações e as peculiaridades da sociedade atual, em que “tudo posso”, há uma falha na castração simbólica e na inserção do sujeito na ordem social, no gozo fálico. Para Santiago (2001a) “o sucesso da droga na modernidade não poderia ser concebido fora do contexto de declínio crescente da imagem do pai” (p.174), por ser o toxicômano um exemplo de repúdio à interdição simbólica e à condição desejante, própria do humano.

Acompanhando a lógica descrita, no sintoma toxicomaniaco há um vazio desejante. Há pouco espaço para o simbólico, provocado por um curta-circuito da linguagem. O sujeito fica à deriva e, ao sair de cena, coloca em seu lugar o vazio do ato compulsivo dos rituais do uso da droga (Marconi, 2009; Santiago, 2001a; Santos & Costa-Rosa, 2007). Apesar da semelhança das características do sujeito toxicomaniaco com a perversão, todos os autores estudados relatam que a toxicomania não apresenta uma estrutura psíquica fixa, podendo estar presente em neuróticos, perversos ou psicóticos (Gurfinkel, 1995; Marconi, 2009; Santiago, 2001a; Santos & Costa-Rosa, 2007).

Paradoxalmente, a toxicomania enraizada na *lógica da adicção* do capitalismo contemporâneo, onde os objetos são descartáveis, usados e trocados e o consumo é desenfreado, ela representa uma resistência à lógica social homogeneizante. Na toxicomania o sujeito e seus desejos são anulados, tornando o toxicômano infiel às restrições fálicas, próprias do ser simbólico (Marconi, 2009; Santiago, 2001a; Santos & Costa-Rosa, 2007). Então, “[...] o que nos surpreende é que, apesar de todos os pesares!?, de todos os pesos, de todas as injunções, o corpo fal(h)a!” (Romera & Próchno, 2007, p.200).

Em nossa sociedade observa-se adicções diversas: compras desenfreadas, excesso ou carência de alimentos (anorexia), compulsão à internet, à televisão, aos exercícios físicos, etc. Assim, vivemos em uma sociedade adicta (Herrmann, 2003).

Nesse contexto, outra contradição é reconhecida por Vargas (2001), a repressão às drogas ilícitas acompanha a crescente incitação ao consumo de drogas lícitas, como remédios, energéticos, anabolizantes, etc..

Paradoxalmente, a mesma sociedade adicta, marginaliza e segrega os drogadictos.

1.4 Lembranças da mãe África. O cárcere na grande mãe...

Tendo como pressuposto a tentativa psicanalítica de aproximação do sujeito e de suas vicissitudes, e seu distanciamento do discurso científico positivista, serão apresentados alguns passos teóricos de Freud, suas descobertas e reformulações teóricas, para compreender a relação do toxicômano com a droga e sua constituição psíquica.

Sobre a constituição do sujeito, Freud (1911/2004) propunha dois princípios norteadores, princípio da realidade e princípio do prazer. Para ele, os momentos iniciais após o nascimento do ser humano eram marcados pelo princípio do prazer, que aos poucos, cedia espaço ao princípio da realidade, causador de desprazer. Na formação do sujeito os dois princípios

estariam sempre presentes, mas a tendência do indivíduo seria a busca pelo prazer e a eliminação do desprazer, provocado pela realidade. As alucinações e representações em forma de pensamento seriam capazes de restituir o prazer e adiar a ação de descarga pela via motora, que controlaria o desprazer.

Essa primeira construção teórica foi ampliada e reformulada, pois não fornecia bases suficientes para compreender a psique humana. Por essas formulações, seria simplista dizer que o toxicômano busca a droga apenas pelo prazer em oposição ao desprazer. É possível constatar que a droga, em determinado momento causa desprazer. A questão, então, é como compreendê-lo (Gurfinkel, 1995).

Ao conceitualizar a pulsão sexual, Freud (1915/2004) reconheceu a existência de uma força constante mobilizadora do sujeito. A pulsão sexual passou a representar a especificidade humana à sua condição animal. A tentativa de satisfação dessa pulsão, por meio da ligação com algum objeto, não se restringia à necessidade biológica, pelo contrário, estaria atrelada às representações construídas pelo sujeito e pelo sistema simbólico no qual estava inserido. Para satisfazer a pulsão, um objeto do meio cultural, ou o próprio corpo do sujeito é utilizado, podendo ser alterado constantemente. Esse objeto, então, se coloca a serviço da pulsão.

Na toxicomania, ocorre uma fixação no objeto droga, e a pulsão se torna escrava desse objeto. Esse processo impede ligações a outros objetos e provoca uma paralisação da atividade criativa do indivíduo. A droga por seu efeito direto no organismo impossibilita as mediações simbólicas e provoca uma substituição do pensamento pela ação, como é observado na conduta adictiva-compulsiva. Assim, a droga se torna uma necessidade e provoca uma biologização da pulsão (Gurfinkel, 1995; Marconi, 2009; Santos e Costa-Rosa, 2007; Teixeira, 2006).

A biologização da pulsão também foi reconhecida na dependência psíquica do vínculo fusional ao outro. Silva (2005) considera que na dependência de drogas e na dependência psíquica ao outro, o objeto perde sua especificidade de desejo e se torna uma necessidade.

Em 1914, *À guisa de introdução ao narcisismo*, Freud, o pai da Psicanálise, desenvolveu a teoria narcisista. O narcisismo corresponde ao momento primitivo de investimento libidinal no eu, em que a realização dos desejos é possível por meio da alucinação. Nesse momento, prevalece o princípio do prazer, através do auto-erotismo, e a realidade é afastada, com a exclusão do objeto do exterior.

Essa formulação teórica foi fundamental para entender a constituição do sujeito desejante. Com a saída do movimento narcísico, ocorre a perda do objeto originário e o sujeito depara-se com o mundo externo. Como citado no item anterior, o desejo do ser humano advém da falta que lhe constitui. Essa falta vincula-se à perda do objeto originário, o qual no momento narcísico produziu no sujeito uma completude ilusória. Ocorre, então, a passagem do ego-ideal para ideal-de-ego, em que o sujeito sai da completude ilusória em busca de substitutos no meio cultural.

O psiquismo busca satisfazer seus desejos por meio de objetos disponíveis no mundo numa tentativa de se reencontrar com o objeto perdido; sendo assim, o sujeito sai em busca de possíveis substitutos na cadeia significante. Contudo, sempre existirá a diferença entre a pulsão e sua satisfação, provocada pela tentativa de substituição do objeto originário, sendo essa diferença necessária à existência do ser humano desejante.

Para o toxicômano, a droga representa uma possibilidade de eliminar a falta e o desejo, provocadores de insatisfação pela impossibilidade de serem preenchidos ou realizados, mas como mencionado, são inerentes ao ser humano desejante. Por não existir uma representação ou simbolização na escolha do objeto droga, pela biologização da pulsão sexual e pelo

distanciamento de outros substitutos, o sujeito é capturado por ela e sua insatisfação enquanto ser desejante é eliminada (Marconi, 2009; Gurfinkel, 1995; Santiago, 2001a; Teixeira, 2006).

A falta de representação, ocasionada pela captura da droga, assemelha-se ao momento narcísico, em que não há espaço para objetos do meio simbólico. Dessa maneira, o desejo é eliminado com a anulação da tensão entre a relação objetual-pulsional, funcionando a droga como uma coisa morta. Como consequência, suprime-se da vida do toxicômano a oscilação entre prazer e desprazer, entre alegria e sofrimento, ou seja, o movimento oscilatório da vida. O toxicômano se afasta da realidade, não estabelecendo uma relação verdadeira com o mundo exterior, criando uma neo-realidade. Gurfinkel (1995) reitera esse pensamento ao apresentar o uso da droga como sendo a busca pelo prazer através do caminho mais curto, de forma direta, sem as mediações impostas pela realidade.

A relação de dependência, seja ela drogadicta ou ao outro, com a colagem ao objeto e morte do sujeito desejante, advém do medo do desamparo e do abandono. Compreende-se que o toxicômano, na colagem à droga, evita a queda de um vazio insuportável (Silva, 2005; Silveira, 1995).

Assim como Narciso morre ao entregar-se fascinado pela própria imagem, o objeto droga é incorporado por um gozo autoerótico, não cedendo espaço à existência do Outro. Dessa forma, o toxicômano se anula enquanto sujeito e se coloca como objeto (Marconi, 2009; Silva, 2005).

Na condição de objeto é como se o dependente, sem a droga, não se sustentasse e se perdesse. A droga, então, pode ser um resgate de aspectos da identidade do toxicômano, pois ao restabelecer uma unidade embora alucinada, através da concretização do prazer, propõe uma possibilidade de existência ao sujeito. O autor conclui que:

A dependência, única lei possível para o toxicômano, configura-se como um fenômeno psíquico ativo. A dependência é, portanto, impulsivamente instaurada,

passando a constituir sua única possibilidade de funcionamento mental. Diante da falta de limites, da desorganização e do caos onde vive o toxicômano, a dependência torna-se sua única referência estável e perene, da qual não pode prescindir. A droga constitui para o toxicômano seu meio de existir. Enfim, a sua única possibilidade de ser (Silveira, 1995, p.39).

O toxicômano não se contenta com a satisfação parcial, presente na ligação a outros objetos. Para ele, a realidade da incompletude humana é negada. No entanto, é justamente essa incompletude que provoca crise e crescimento psíquico ao mover o sujeito à busca por substitutos do objeto perdido. Na toxicomania é encontrada uma falha simbólica intrapsíquica e uma dificuldade de saída para o mundo representacional.

O sujeito, preso ao momento primário, deixa de reconhecer sua diferenciação em relação ao outro. A intoxicação, pela tentativa de recuperar o objeto perdido pelo vínculo de simbiose e dependência à droga, proporciona uma sensação de retorno à relação mãe-bebê primitiva, ou mediador-infante, na qual há uma indiferenciação e uma não-ruptura com a realidade. Segundo Gurfinkel, “a intoxicação é uma tentativa de recuperar o calor materno perdido” (1995, p.158), uma tentativa de retornar ao momento primário, o que expressa a falha da saída do narcisismo. A droga, por sua reação farmacológica, mantém esse ciclo vicioso e, assim, o sujeito fica encarcerado no objeto droga.

É possível identificar pelo menos três tipos de usuários de drogas: os que tendem a distorcer a realidade, os que buscam anestesiá-la e outros que procuram a vivência de onipotência. Sendo sintoma, a experiência com a droga terá um sentido específico para cada sujeito. Mesmo que o prazer procurado seja da ordem do não dito, do gozo sem palavras, tanto pela “ausência de processos representativos, quanto pelo silêncio-tabu que normalmente cerca esse prazer” (Gurfinkel, 1995, p.80), o toxicômano, em geral, mantém um vínculo aparente com a realidade ao buscar esse gozo em um objeto material, disponível na realidade.

Em 1920, Freud (1920/ 2006) propôs transformações em sua teoria da pulsão. Até esse período, a pulsão tinha o caráter de desenvolvimento psíquico humano e marcava sua especificidade. Nessa obra, o autor explora a existência de uma tendência do sujeito de retornar a um estado anterior à vida, no qual fatores perturbadores não existiriam. Esse movimento demonstra a existência de uma moção que não se atém ao desenvolvimento psíquico. A vigência do princípio do prazer em contraposição ao princípio da realidade é descartada:

seria incorreto falar de um domínio do princípio do prazer sobre o curso dos processos psíquicos. Se esse domínio existisse, a imensa maioria de nossos processos psíquicos deveria ser acompanhada de prazer ou conduzir-nos ao prazer; entretanto, a experiência mais comum está em flagrante contradição com essa conclusão (Freud, 1920/2006, p.137).

Freud apresenta dois modos de pulsão distintos, Eros e Tanatos. Esta, caracterizada como pulsão de morte, trabalha silenciosamente à sombra de Eros, que constantemente neutraliza a outra. Portanto, no sujeito, elas se apresentam entrelaçadas, de forma que:

um grupo de pulsões precipita-se à frente, a fim de alcançar o mais breve possível o objetivo final da vida; o outro grupo, após chegar a um determinado trecho desse caminho, apressa-se a voltar para trás, a fim de retomar esse mesmo percurso a partir de um certo ponto e assim prolongar a duração do trajeto (Freud, 1920/2006, p.164).

No momento narcísico ocorre uma dessexualização. A energia libidinal fica solta, por não se ligar a nenhuma representação externa, e o entrelaçamento das pulsões se desfaz. Essa energia livre pode tanto se ligar a Eros ou a Tanatos. Portanto, nesse período, pode haver uma positividade ou negatividade.

O retorno ao momento primário buscado na droga pode assumir um caráter positivo devido à busca alucinatória diante do desprazer, ou negativo, representado pela toxicomania, na qual

a droga se torna uma necessidade, o princípio do prazer é descartado e o consumo se transforma em compulsão repetitiva (Gurfinkel, 1995).

A compulsão repetitiva foi verificada pela análise dos sonhos traumáticos, da brincadeira *ford-da* de uma criança e da neurose de transferência, permitindo a conceitualização da pulsão de morte. Pela repetição compulsiva tenta-se dominar a excitação livre para esgotar a excitação da perturbação (Freud, 1920/2006).

Na toxicomania, a pulsão de morte se manifesta silenciosamente na conduta repetitiva observada no recorrente uso da droga. Silenciosa por não ter representação, não ter palavras, ser independente do efeito do símbolo e por levar ao prazer advindo da materialidade da droga. Com a toxicomania instalada na compulsão repetitiva, o sujeito recorrerá sempre à droga para se afastar do pavor ocasionado pela falta do objeto perdido, que “não o encontramos ligado por vias associativas a outras idéias, e certamente não podemos reduzi-lo às suas ressonâncias fantasmáticas” (Gurfinkel, 1995, p. 211).

A partir do desencadeamento da toxicomania, a pulsão de morte se instala, e com ela a negatividade da compulsão repetitiva, que impede o sujeito de se abrir para outras experiências, tendo como ação digerir a experiência traumática não elaborada. Com uma lógica de tempo não linear e a aproximação de uma vivência de eternidade, ocorrem episódios de extremo risco de vida, associados ou não ao consumo de drogas (Gurfinkel, 1995; Silveira, 1995; Souza, 2003).

O suicídio é outro risco constante na crise toxicomaniaca [...] Um dos componentes importantes no suicídio do toxicômano é o desprezo defensivo à vida e suas limitações, assim como o desejo de perpetuação no tempo (eternidade) da sua ligação com o mundo feérico que descobriu e cultivou na sua relação com a droga (Silveira, 1995, p.51).

Segundo Souza (2003), o toxicômano, “paga o preço com seu próprio corpo, através de manifestações de gozo que têm como moeda diversas figuras da morte” (p.11).

Nas formas mais graves de toxicomania, procura-se um sentimento oceânico, capaz de oferecer a paz, visando a eliminação das perturbações da vida, como também provoca a eliminação dos contornos do eu, a indiscriminação eu-mundo e a eliminação do crescimento psíquico (Gurfinkel, 1995; Silveira, 1995).

A dinâmica psíquica do toxicômano está vinculada às relações primárias do sujeito, por esse motivo, Silveira (1995) analisou clinicamente suas relações materna e paterna. De acordo com sua análise, a relação materna dos dependentes de droga evoca sensação de afastamento e vazio, inundada de conotação fálica e agressiva, representando os aspectos mais arcaicos da mãe não-humanizados. A mãe era relatada pelos toxicômanos como uma figura simbiótica, ambivalente ao ser superprotetora e também abandonadora. No relacionamento com a mãe tendem mantê-la à distância, porque a proximidade retomaria a falta arcaica. À imagem paterna, os discursos eram freqüentemente impactantes, paralisantes e carregados de agressividade. Em muitos casos o autor observou ausência de contato com uma figura masculina edificante, o que pode ter dificultado a organização egóica e provocado a adicção, manifestada na ausência de limites, na transgressão e nos acting-outs. As características dessas relações primárias dão pistas para entender as conseqüências da toxicomania, como por exemplo, a ruptura com as leis e as normas estabelecidas.

Souza (2003), fazendo menção ao objeto *a* proposto por Lacan, apresenta o discurso do a-viciado, no qual é possível reconhecer uma ruptura com a lei, não apenas a lei social, mas aquela que ordena a vida mental. No discurso do a-viciado há uma dessubjetivação, observada na relação mortal com o objeto, em que o sujeito é abolido.

No limite da relação objeto droga há “uma regressão radical até as núpcias do suicídio, a delícia do silêncio e do indizível” (Gurfinkel, 1995, p. 273). Nesses casos, o mundo se esvazia

e, em seu lugar, tem-se apenas a relação com a droga, sendo também verificado pelo descuido de tais sujeitos diante de seus próprios corpos:

O *eu*, por uma regressão ao narcisismo primário, tende a perder os seus limites com o *isso* e com o mundo dos objetos; o *ideal do eu* tende a desaparecer, juntamente com o código de valores, os ideais éticos, os objetivos de vida e, conseqüentemente, o próprio sentido da vida (Gurfinkel, 1995, p. 282).

Silveira (1995) esclarece que simbolicamente o dependente se mantém em um universo predominantemente matriarcal, devido a não edificação da lei predominantemente patriarcal. No universo matriarcal a noção de tempo não é linear nem lógica, mas centrada na instantaneidade. Então, configura-se uma vivência de eternidade.

A vivência de eternidade, apresentada por Silveira, representa simbolicamente a grande mãe, o “continente negro e sinistro” que ludibria, podendo levar à morte (Gurfinkel, 1995, p.276). A vivência de eternidade assemelha-se ao sentimento oceânico, identificado por Freud em *Futuro de uma ilusão* (1927/1974), categorizado pela imagem insondável e abismal do oceano. Sendo assim, é oferecida uma justificativa suficiente para a explicação da nomeação deste item, em que as *Lembranças da mãe África* e o *cárcere na grande mãe* representam o prendimento do toxicômano no momento primário, na indiferenciação eu-mundo e na vivência de eternidade simbolizados pelo universo materno.

Capítulo 2

HIBRIDAÇÃO BRASILEIRA: (RE)ELABORAÇÕES E (RE)SIGNIFICAÇÕES

De lembranças da África à (re) significações e (re) elaborações os africanos no Brasil, em meio ao sofrimento e luta para a sobrevivência, puderam reconstruir suas vidas e participaram da formação do país. Formação híbrida, multicultural e racial, alternativa diante da massificação, marginalização e opressão aos africanos, negros, mestiços e escravos. Essa formação brasileira demonstra o poder criativo e expansivo do ser humano, que com sua capacidade de metamorfosear-se construiu alternativas para a sobrevivência social.

A explanação sobre a constituição híbrida do país é trazida como metáfora comparativa à constituição do CAPS, à gênese da Capoeira e a teorização dos grupos operativos. O CAPS surgiu como alternativa aos hospitais psiquiátricos e seu modelo degenerativo. A Capoeira originou-se como forma de contestação e resistência social aos maus-tratos aos escravos ou ex-escravos. Os grupos operativos, por sua vez, propõem movimentações psíquicas e sociais nos papéis assumidos pelos sujeitos e nas estereotipias de seus comportamentos.

2.1 Reforma psiquiátrica e formação dos CAPS

Ao final dos anos 1970, tendo como modelo o movimento intitulado Rede de Alternativas à Psiquiatria, iniciado na Itália, a sociedade brasileira esteve em busca de alternativas ao tratamento do doente mental. Baseando-se na redemocratização do país, o Movimento da Reforma Psiquiátrica formulou críticas ao aparato manicomial. A premissa fundamental desse movimento foi a desinstitucionalização e a reorganização dos serviços de saúde mental. Com o aparato jurídico, lei nº 10.216/01 foi instituída a extinção progressiva dos hospitais psiquiátricos e sua substituição por recursos alternativos. Os CAPS- Centro de Atenção

Psicossocial- surgem como alternativa à hospitalização psiquiátrica (Soares & Saeki, 2006). A lei ratificou as diretrizes do Sistema Único de Saúde, garantindo aos usuários do serviço mental a universalidade de acesso à assistência, à descentralização do modelo de atendimento e a configuração de redes capazes de atender as necessidades dos usuários (Brasil, 2004).

A desconstrução da instituição total da saúde mental é um processo de desmontagem da abordagem hospitalocêntrica, como também a desconfiguração das representações sociais excludentes. Isso provoca a construção de novas práticas e instituições que contrapõem a opressão, repressão e a exclusão social do usuário (Vieira & Nóbrega, 2004). A rede substitutiva ao hospitalocentrismo se configurou em diversos serviços, incluindo a atenção ao paciente nos aspectos clínicos, psicológicos, sociais, em ambientes integrados com a comunidade.

Seguindo essa proposta, a formação dos CAPS – Centro de Atenção Psicossocial- foi uma estratégia encontrada pelo movimento antimanicomial de atender os pacientes em uma instituição aberta tendo por objetivo a inclusão social, contrariamente à instituição fechada. Em contraponto aos ideais da medicina moderna, de medicalização, internação, em que a doença é o foco principal da atenção, foi sendo construída uma clínica ampliada na qual o atendido é visto em sua condição cidadã e a atenção e cuidados não são focalizados na doença e sim no sujeito, em suas diversas facetas: sociais, culturais, familiares, psíquicas, etc. (Silva & Fonseca, 2002; Hainz & Costa-Rosa, 2009). Os CAPS configuram-se, então, como instituições abertas, regionalizadas, com equipes multidisciplinares e intersetoriais, inserindo-se em uma rede ampliada de dispositivos públicos e sociais.

Os CAPS-ad tornaram-se específicos aos sujeitos com dependência e/ou uso prejudicial de álcool e outras drogas. Segundo Moraes (2008), os CAPS-ad propõem que os participantes não sejam vistos como doentes, mas sim como cidadãos. Este modelo de atenção integral à saúde visa uma reinserção social, uma intersetorialidade das ações e a redução de danos. Para

a referida autora é necessário um rompimento com a cultura de preconceito, da exclusão e da doença e uma reorientação da prática, dispensados os modelos controladores baseados na psiquiatria hospitalocêntrica. Moraes (2008) também apresenta a necessidade dos profissionais envolvidos nos CAPS-ad estarem conscientes dos princípios de humanização, dispostos a romper com a exclusão e controle, envolvendo a sociedade e possibilitando uma reflexão sobre o uso de drogas, de maneira mais ética e menos moralista, e implementando a abordagem de redução de danos, para que os usuários sejam protagonistas de seu autocuidado.

A lógica de redução de danos, cujo objetivo é a defesa da própria vida, reconhece cada usuário em sua singularidade e distancia-se da lógica da abstinência. A lógica da redução de danos é um método utilizado para aumentar a liberdade e a co-responsabilidade sobre o próprio tratamento. Para tanto, é necessária uma estruturação da rede de assistência, um diálogo entre os serviços de saúde e a comunidade, bem como a ênfase na reabilitação e reinserção social dos usuários (Brasil, 2004). Dessa maneira,

a abordagem se afirma como clínico-política, pois, para que não reste apenas como "mudança comportamental", a redução de danos deve se dar como ação no território, intervindo na construção de redes de suporte social, com clara pretensão de criar outros movimentos possíveis na cidade, visando a avançar em graus de autonomia dos usuários e seus familiares, de modo a lidar com a hetero e a autoviolência muitas vezes decorrentes do uso abusivo do álcool e outras drogas, usando recursos que não sejam repressivos, mas comprometidos com a defesa da vida (Brasil, 2004, p.11)

Nessa abordagem é necessário um compromisso ético de defesa à vida. Nesse sentido, os profissionais devem se colocar na condição de acolhimento, “em que cada vida é expressão da história de muitas vidas” (Brasil, 2004, p.10). Muitas vezes as vidas sucumbem ao aprisionamento e necessitam de novos agenciamentos e construções.

No entanto, apesar das transformações ocorridas, provocadas pela Reforma Psiquiátrica, as novas modalidades de atenção e suas ações alternativas não garantem a efetiva superação dos modelos hospitalocêntricos e seu controle normatizador (Alverga & Dimenstein, 2006).

Autores discutem e apresentam o processo de transformação dos CAPS e o embate constante entre o instituído e o instituinte neles presentes. Consideram a necessidade da contínua construção e reflexão dos saberes e competências profissionais. Os profissionais inseridos nos CAPS podem estar a serviço da manutenção da lógica manicomial ou da reinvenção e criação da vida (Sales & Dimenstein, 2009).

Ainda se encontram nos CAPS a heterogestão, a valorização do saber *expert* dos profissionais e uma apreensão da saúde deslocada do contexto social, das questões políticas, culturais e econômicas, centralizando, no individual, os sintomas e as queixas. As ações alternativas da reforma psiquiátrica podem se acomodar na rotina, se transformando em instituído, cujo enfoque é a normatização, burocratização, repetição, etc.. Dessa forma, os projetos e as novas ações, quando questionadas, podem apresentar resquícios da lógica hospitalocêntrica.

Na rotina dos CAPS, o olhar durante o acolhimento dos usuários pode se transformar em mera classificação nosológica. O projeto terapêutico, individualizado e diferente da massificação do hospital, pode se configurar em uma nova institucionalização, caso não ocorra a participação do usuário em seu próprio tratamento e haja uma superioridade do saber do profissional sobre o “doente”. A assembléia, proposta nos CAPS a fim de proporcionar uma horizontalidade por meio do diálogo entre técnicos, usuários e familiares, se dirigida e regulamentada pelos técnicos, pode se configurar em uma verticalidade (Figueiredo & Dimenstein, 2010; Alverga & Dimenstein, 2006). Para Alverga e Dimenstein (2006) é importante a equipe manter-se vigilante diante da aparente superação dos modelos. Para os

autores “somos constantemente capturados por nossos desejos de controle, fixidez, identidade, normatização, subjugação, ou, em outras palavras, nossos desejos de manicômio” (p. 314)

No embate constante entre instituído e instituinte, o movimento instituinte pode se apresentar na composição de novas redes, na potencialização do coletivo de usuários e no desenvolvimento dos projetos. Diversos são os exemplos de projetos e movimentações instituintes nos CAPS, dentre eles, oficinas de canto coral (Hainz & Costa-Rosa, 2009), oficinas de história, origamis e de máscaras (Santos & Nechio, 2010, p. 131), oficinas de bricolagem (Mecca & Castro, 2008) e grupos de expressão corporal em dança (Liberato & Dimenstein, 2009).

Tendo tal perspectiva como pano de fundo, e as possíveis movimentações instituintes, os encontros desenvolvidos no projeto CAPS-POEIRA, tiveram como recursos a Capoeira Angola e os grupos operativos. Os aspectos musicais, de movimentação, narrativas e a ética social da Capoeira comungam com os ideais de libertação social diante da exclusão, também presentes na Reforma Psiquiátrica, e com os ideais da redução de danos, por compreender o sujeito como ser ativo na sociedade.

A Capoeira Angola pode ser utilizada como recurso terapêutico pela arte que abarca, e pela possibilidade de alterização, devido ao contato com o outro e com a representação simbólica criada pela cultura afrobrasileira. Ela traz também em suas narrativas, vivências de cidadãos marginalizados pelo discurso normatizador, a ressignificação de histórias e a criação de uma arte socialmente aceita.

Os grupos operativos também vão de encontro com a Reforma Psiquiátrica, o CAPS-ad e a redução de danos, pois tem como proposta fundamental, a auto-reflexão dos papéis sociais assumidos pelo sujeito e sua possibilidade de transformação.

Para melhor compreensão dos recursos utilizados, Capoeira Angola e grupos operativos, uma breve noção sobre cada um deles será apresentada nos próximos itens.

2.2 A gênese da Capoeira: seguindo os passos da zebra

Iê!/ Capoeira veio da África/ Esse jogo, dança, luta, arte, som, poesia tem/ Jogo do negro de Angola contra o senhor de engenho/ Na Bahia esta arte o negro foi transformar/ Debaixo de chicotadas não queria mais ficar/ E fugiu pra capoeira cujo nome batizou/ Esse jogo, dança, luta João Pequeno é instrutor/ Foi aluno de Pastinha e o senhor lhe fez doutor/ É da Capoeira Angola, é da Capoeira Angola que eu vos falo camará/ Capoeira genuína, sem mistura mais de nada/ Não tem golpe de jiu-jítsu, judô nem caratê/ Se você não saiba aprenda/ Capoeira venha ver camará (Mestre Ciro).³

A Capoeira Angola, assim como outras manifestações culturais afrodescendentes, vem de um processo de transformação de práticas existentes na África e que no Brasil se mesclaram com as demais culturas presentes, a indígena e a europeia, estabelecendo relações de conflito e harmonia em diversos níveis. Portanto, ela apresenta traços referentes à pluralidade de uma sociedade (Mintz & Price, 2003).

Em 1890, Rui Barbosa, no cargo de Ministro da Fazenda do governo de Deodoro da Fonseca, ordenou a queima de arquivo e documentação referentes à escravidão negra no Brasil. Em consequência, permanece entre estudiosos e pesquisadores, dúvidas sobre a origem e constituição da Capoeira. Dessa forma, para conceber a gênese da Capoeira no Brasil, suposições foram levantadas (Soares, 2004).

A mais recorrente das suposições para a origem da Capoeira, transmitida por gerações de capoeiristas, hoje afixada no imaginário coletivo de seus praticantes, foi se constituindo a partir de uma comparação entre a Capoeira Angola e a dança chamada N'golo (Assunção & Cobra Mansa, 2008).

³ A ladainha citada foi aprendida a partir de minhas vivências no universo da Capoeira Angola, nas rodas e no grupo. Como esse, são diversos os aprendizados adquiridos pela transmissão oral.

O N'golo era uma dança guerreira praticada por homens, nos territórios do sul de Angola, presente em um ritual anual, e simbolizava a passagem das moças à condição de mulheres, com seu ingresso na vida conjugal. Esse ritual chamado mufico, efico ou efundula, foi registrado pelas pinturas de Albano Neves e Souza, sendo hoje um dos poucos documentos existentes sobre essa manifestação angolana, extinta em razão do longo período de guerra civil na região (Assunção & Cobra Mansa, 2008).

Segundo Neves e Souza, na dança N'golo seus participantes tinham por objetivo atingir o rosto de seu adversário com o pé para vencê-lo, imitando o movimento das zebras. Movimentavam em uma área demarcada, ao som da marcação das palmas (Assunção & Cobra Mansa, 2008).

Ao identificar a semelhança entre o N'golo e a Capoeira Angola, Neves e Souza apresentou uma possível explicação para a origem da Capoeira. Assim, construiu um sentido ancestral à sua gênese.

Com a descoberta do N'golo, a Capoeira Angola passou a ser compreendida como uma expressão da cultura africana, sendo transformada pelas dinâmicas das relações sociais do Brasil. Os africanos e seus descendentes, radicalizados no Brasil, usavam da Capoeira como meio de preservar sua autonomia cultural.

As artes plásticas contribuíram enquanto registro historiográfico servindo para a contextualização e entendimento do processo de formação da Capoeira. As pinturas de Johann Moritz Rugendas (1802-1858) e de Jean-Basptiste Debret (1768-1848) propiciaram possíveis compreensões na análise do processo de constituição do ritual da Capoeira Angola.

Rugendas, pintor alemão, ao viajar pelo Brasil registrando os povos e seus costumes, capturou em seu quadro "*Danse de la guerre*", 1835, o jogo da Capoeira praticado pelos negros (Pinto, 1988).

Debret, pintor francês, publicou em 1834-1839, *Viajem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, documentando aspectos da vida social e da natureza do Brasil. Em *Joueur d'Uruncungo* Debret, 1826, retrata a presença de um tocador de berimbau em meio a pessoas a carregarem suas mercadorias em um cesto na cabeça (Pinto, 1988).

Outros registros que ajudam a compreender a Capoeira estão presentes nas obras literárias brasileiras. Autores como Manoel Antônio de Almeida e Gilberto Freyre, descreveram o fenômeno social da Capoeira (Soares, 2004).

Pelos escrivães de polícia da primeira metade do século XIX, foram registradas ocorrências de prisões pela prática da Capoeira. Esses documentos, peças fundamentais à compreensão do passado social e histórico da Capoeira, revelam a sua prática como sendo criminalizada e combatida (Soares, 2004).

Naquele período, surgiram grupos organizados que usavam da sua agilidade enquanto praticantes de Capoeira, para se rebelarem contra as ordens instituídas pelo governo imperial e os maus tratos sofridos pela população negra do Rio de Janeiro. Eram as maltas, definição dada ao conjunto desses supostos desordeiros. As maltas tiveram a colaboração dos negros islamizados vindos da Bahia, após a dissolução da Revolta do Malês em 1835. A Revolta do Malês consistiu na organização dos africanos de religião islâmica, tendo por objetivo a libertação dos escravos africanos e a implementação de um governo muçulmano na província. Acredita-se que delatores entregaram aos comandantes dos batalhões as estratégias de ataque dos revoltosos maleses, razão pela qual foram rapidamente contidos (Moura, 1994). Parte dos sobreviventes da revolta, não capturados, fugiram para o Rio de Janeiro. Em razão das experiências de combate na África e por serem grandes estrategistas, os negros maleses se uniram aos capoeiristas e constituíram as maltas (Soares, 2004). As maltas de capoeiristas tiveram o auge de sua atividade durante a primeira metade do século XIX e foram dissolvidas pelas diversas medidas dos governantes da época.

Durante a Guerra do Paraguai, o governo brasileiro por não ter um exército numeroso e organizado, e a fim de conter as mobilizações das maltas na capital e em outros centros urbanos do país, promoveu o recrutamento obrigatório de seus participantes, enviando-os para a guerra (Lima & Lima, 1991). A participação dos capoeiristas na Guerra do Paraguai está registrada nas cantigas entoadas nas rodas de capoeira da atualidade.

As cantigas da Capoeira Angola narram histórias contadas a partir da ótica do próprio negro, diferentemente das demais histórias, que denotam a insignificância do papel do negro no Brasil. A memória, presente nas músicas e nas falas dos grandes mestres, revela a visão dos negros capoeiristas sobre sua realidade, apresentando aspectos até então omitidos pela perspectiva do discurso hegemônico. A Capoeira desenvolveu uma linguagem própria para expressar as inquietudes, a contestação e glórias dos negros, uma compreensão sobre o mundo e as experiências de sujeitos oprimidos. Suas cantigas refletem o saber popular e a resistência diante da dominação. Assim, a história, a filogênese da constituição humana, a cultura, o saber do povo brasileiro e a resistência são entoados nas rodas de capoeira e se perpetuam na memória. Na ladainha citada, mestre Ciro, se utiliza da poética da Capoeira, sugerindo um possível percurso das origens africanas à Capoeira Angola.

Não é possível identificar a primeira vez que a expressão Capoeira Angola foi utilizada. Supostamente, ela surgiu em um momento específico da história da Bahia, quando mestre Bimba, criou na década de 30, a Luta Regional Baiana, popularmente conhecida como Capoeira Regional. Esta incorporava elementos de artes marciais diversas, como judô, jiu-jitsu, karatê, dentre outras. A Capoeira, ligada a um passado de escravos, de negros forros e africanos passou a ser chamada de Capoeira Angola, remetendo a um elo entre o Brasil e Angola, país onde se registra um intenso comércio litorâneo e um fluxo gigantesco de africanos vindos para o Brasil (Rego, 1968).

Enquanto a Capoeira Regional ganhava *status* de arte marcial brasileira, ginástica regulamentada pelo desporto nacional, provocando um processo de branqueamento da arte, a Capoeira Angola se voltava à cultura africana na procura de significados (Frigerio, 1989).

Segundo Bomfim (2002), atualmente, os praticantes da Capoeira Angola exaltam a etnicidade dessa modalidade e mantêm relações de afetividade entre si: sentem-se pertencentes a um grupo, além de se oporem à massificação crescente, característica da contemporaneidade. A Capoeira Angola tem em sua base o sentido de comunidade, oralidade, respeito e reverência aos ancestrais, corporalidade, expressada no olhar, no toque, na musicalidade, na mandinga.

Uma prática fundamental à perpetuação da Capoeira Angola é o ritual da roda, onde os capoeiristas se reúnem para cantar, jogar, tocar, brincar. Nele a pluralidade é manifestada: são vozes que ressoam e se misturam; são toques de berimbaus que cadenciam a ginga, o jogo, a luta; são histórias que vencem cotidianamente o esquecimento e se recriam a cada roda. A roda da Capoeira Angola é um ritual presente em nossa sociedade, transmitido pela oralidade, pelos mestres e aprendizes (Abib, 2004). Cada grupo mantém suas particularidades, como variações da ginga, número de pandeiros, diferenças da vestimenta e a forma como os jogadores entram e saem da roda. Cada jogo, cada olhar, cada toque no berimbau é único.

A bateria da roda de Capoeira Angola consiste de três berimbaus, um ou dois pandeiros, reco-reco, agogô e atabaque. Muitos estudiosos da Capoeira acreditam que o berimbau só sobreviveu na cultura popular brasileira através da sua incorporação ao ritual, assumindo importância rítmica e melódica, e adquirindo diversos signos e significados na roda. É por intermédio do berimbau que os capoeiristas mais velhos e/ou mais experientes coordenam a roda de Capoeira, razão pela qual é indispensável ao ritual (Pinto, 1988). O berimbau utilizado nas rodas é um arco feito de madeira específica, ligado nas duas pontas por um

aramé e em uma das pontas tem-se uma cabaça. É tocado com um dobrão-moeda antiga- ou cascalho, uma baqueta de madeira e caxixi.

O caxixi é um chocalho tocado na palma da mão, com base de cabaça, com palha trançada e com sementes secas em seu interior. O pandeiro é um instrumento de origem árabe, que se instalou na Península Ibérica pela invasão bárbara; no Brasil foi inserido pelos portugueses e foi “aculturado e aproveitado pelos negros em seus folguedos” (Rego, 1968, p.80). O reco-reco é feito de gomo de bambu com sulcos transversais, ou de mola enroscada, nos quais se movimentam uma haste de metal ou madeira. O atabaque é um cilindro de madeira com uma pele de animal esticada em uma de suas extremidades, comumente utilizado em festas religiosas afrobrasileiras e em folguedos populares. O agogô é um instrumento de percussão feito de ferro, inserido no Brasil pelos africanos, também utilizado nos rituais religiosos afrobrasileiros (Rego, 1968).

As ladainhas, louvações e corridos são cantos entoados na roda pelos seus participantes. As ladainhas, como descritas na Parte I do trabalho, são cantos que precedem o jogo, em um momento de reflexão dos jogadores. As louvações são cantos em forma de agradecimento à Deus ou deuses, à Capoeira, aos mestres, etc.. Os corridos, por sua vez, têm pequenos refrãos que contam fatos cotidianos e são repetidos por todos os componentes da roda (Rego, 1968).

No ritual da Capoeira Angola, passado, presente e futuro se entrelaçam e modificam a forma linear do tempo ocidental. O ritual “[...] motiva os sujeitos a debruçarem-se sobre o passado em busca dos marcos temporais ou espaciais, que se constituem nas referências reais da lembrança. É o ritual que permite essa transposição do aqui e do agora para tempos imemoriais” (Abib, 2004, p.63). Para Abib, o ato de relembrar possibilita múltiplas elaborações. Distanciando-se da “amnésia paralisante” que sofre a humanidade atual, o passado é uma força instauradora (Abib, 2004, p. 66). O autor constata não ser possível pensar em uma transformação social sem reinventar o passado. E acrescenta:

A ancestralidade da capoeira traz todos esses elementos utilizados historicamente pelas camadas marginalizadas da população brasileira, enquanto estratégias de luta, inconformismo, resistência, insubordinação e dissimulação [...] (Abib, 2004, p. 131).

As histórias da Capoeira Angola, quando transportadas do passado, podem ser significativas para aqueles que dela se apropriam. São histórias que contam sobre a pluralidade brasileira e trazem a potencialidade e a criatividade humanas. São histórias de lutas diante das adversidades, materializadas na roda, na música, no jogo e na luta. São histórias que, se reinventadas no presente, podem transformar a realidade e propiciar a criação de novos sentidos. Por isso, a Capoeira pode ser genuinamente terapêutica, provocar inquietações, mudanças e reflexões, contrárias à rotulação, paralisação e dependência.

Os elementos presentes na Capoeira Angola, dentre eles, a arte, a música, a movimentação, a narrativa histórica, foram pensados como recursos terapêuticos, proposta de desterritorialização, de expansão psíquica e reflexão sobre os papéis sociais e familiares assumidos, na tentativa de redução de danos, auto-responsabilização e ampliação simbólica.

A história, a cultura e a arte são capazes de transformar o estigmatizado, introduzindo-o em um espaço socialmente aceito e, capacitando o indivíduo a ser agente ativo no mundo em que vive e não mero expectador passivo (Rauter, 2000).

Ao contrário da ideia unilateral de abstinência e desintoxicação, a redução de danos propõe uma mudança na concepção do usuário de drogas, de doente para cidadão, retirando-o da identificação social moral de desvio. Nas formas de tratamento com a proposta de redução de danos, ao invés de valorizar a abstinência e a não recaída, é necessário oferecer aos indivíduos espaços possibilitadores de experiências significativas de alterização do sujeito, espaços nos quais há a possibilidade de desenvolver outros sentidos ao uso de drogas e de fazer outras escolhas até então não pensadas (Lima, 2008).

Com a utilização da Capoeira Angola na realização dos grupos operativos foi possível construir o entrelaçamento necessário ao desenvolvimento do trabalho prático, em que aspectos culturais e populares, e a teoria psicológica sobre grupos, se dialogaram e construíram o *CAPS-POEIRA*.

2.3 Rodas (grupos) operativas/os

Iê!/ Eu já vivo enjoado/ De viver aqui na terra/ Oh mamãe eu vou pra lua/ Falei com minha/ mulher/ Ela então me respondeu/ Nós vamos se Deus quiser/ Vamos fazer um ranchinho/ Todo cheio de sapé/ Amanhã às sete horas/ Nós vamos tomar café/ Eu que nunca acreditei/ Nem posso me conformar/ Que a lua vem à terra/ E a terra vai à lua/ Tudo isso é conversa/ Pra comer sem trabalhar (Domínio público).

A ladainha remete à vontade de distanciamento dos conflitos diários, próprios do ser humano, e de sua possibilidade de movimentar-se, de provocar rupturas ao que construiu para si ao longo de sua vida, de desterritorializar-se, sendo esta, uma das propostas do grupo operativo. Por isso, a ladainha descrita acompanhou o percurso do presente trabalho, sendo inserida neste item a fim de ilustrar a explicação sobre os grupos operativos.

O grupo operativo se caracteriza por estar centrado em uma tarefa, mas de forma implícita propõe o rompimento dos papéis assumidos socialmente e das estereotipias dos comportamentos, advindas de uma ideologia inconsciente (Pichon-Rivière, 1960/1982).

O grupo apresenta em suas ações a ideologia e as contradições sociais, perpassadas nos sujeitos e por eles assumidas. Na proposta de Pichon-Rivière está presente a necessidade de tornar explícitas as contradições, como também, a elaboração de um projeto com a inclusão da morte, por meio dos enfrentamentos dos problemas existenciais e a conquista de uma adaptação ativa da realidade (Pichon- Rivière, 1960/1982). Dessa maneira, no processo grupal

com sujeitos toxicômanos é fundamental a consideração dos discursos, histórias e vivências constituintes dos sujeitos.

Para Pichon-Rivière (1965/1982), os sujeitos, diante de situações vivenciadas, assumem papéis que devem ser rompidos para a construção de uma nova comunicação e aprendizagem. No processo grupal, esses papéis são expostos e são ressignificados. A repetição e estereotipia são observadas pelo grupo e, pela transferência e interpretação podem ser consideradas e modificadas.

Na constituição grupal a verticalidade está presente. Nela estão referidos os fatores constitucionais do sujeito, suas características fenotípicas e genotípicas e as particularidades adquiridas na constelação familiar. No processo grupal a horizontalidade também é observada: as características de todos os sujeitos do grupo, no aqui e agora, possibilitando uma comunicação comum, ou seja, um esquema conceitual, referencial e operativo comum. Na realização dos grupos, com a tarefa explícita, há uma tentativa implícita de se construir uma nova comunicação, uma aprendizagem e uma ruptura com a significação assumida pelo sujeito (Pichon-Rivière, 1969/ 1982). Considerando o sujeito toxicômano, a significação assumida se apresenta pela marginalização e passividade, alojada à condição de “doente”, estabelecida pelo discurso médico.

O coordenador do grupo tem a função de promover a interpretação e tornar acessível aos participantes aquilo que emerge em determinado momento do processo grupal. O conteúdo emergente é inserido pelo porta-voz do grupo e simboliza a síntese da tarefa, a explicitação das contradições e as fantasias do grupo (Pichon-Rivière, 1969/1982).

Faz-se necessário apresentar também o papel social conceitualizado por Pichon-Rivière (1960/1982), ou seja, o bode expiatório. Este é aquele que ao assumir esse papel se torna depositário dos aspectos negativos do grupo, provocando sua segregação. Nesse sentido, o

toxicômano, pela segregação e pelos aspectos negativos impostos pela sociedade é, neste trabalho, reconhecido como denunciador, assumindo o papel de bode expiatório social.

Pichon-Rivière (1960/1982) ainda discorre sobre o silêncio presente nos grupos familiares. A conspiração do silêncio esconde o segredo familiar, que embora conhecido por todos, é mantido. Isto provoca a preservação dos papéis assumidos por cada um. As contradições, falhas e segredos desse grupo primário são materializados no papel do bode expiatório. Essa relação primária se expande aos grupos operativos e a toda sociedade. Através da eleição de um bode expiatório, os papéis e a ordem sociais são mantidos.

No grupo de sujeitos toxicômanos, compreende-se a tentativa social de silenciá-los, a fim de que as contradições sociais presentes em sua conduta, não se tornem explícitas. Assim, mantém-se no papel social de marginalizado e sujeito passivo.

Neste trabalho com os sujeitos toxicômanos foi considerado ainda o conceito de transversalidade. O grupo é pensado não apenas em sua verticalidade e horizontalidade, mas também em suas questões políticas, ideológicas, econômicas, sociais. A transversalidade é a possibilidade do grupo se transformar de grupo submetido, alienado e passivo, para grupo sujeito, que fala e é ouvido, expõe o “segredo” social, familiar e rompe com as estereotipias (Kamkhagi, 1986).

O entrelaçamento do grupo operativo -proposta de movimentação psíquica e social-, da Capoeira Angola -com sua potencialização à ação humana-, e da Reforma Psiquiátrica -com a provocação à autonomia do sujeito frente ao aprisionamento manicomial-, foi o norteador do desenvolvimento prático do CAPS-POEIRA. A Psicanálise, aliada preciosa, compôs e arrematou as vivências, experiências, sentidos e sentimentos e, somente assim, foram possíveis os encontros no CAPS-ad.

Parte 2 — “O jogo vai começar”

Capítulo 3

METODOLOGIA

Para compor esta pesquisa, foram fundamentais os recursos processuais anteriormente descritos, os grupos operativos de Pichón-Rivière e a Capoeira Angola, sendo cadenciados pelo entoar do método psicanalítico com a abordagem interpretativa. A utilização dos três movimentos, Psicanálise, grupos operativos e Capoeira Angola, se justifica pela riqueza teórica, metodológica, estética, social, política e, por fim, terapêutica, que oferecem.

3.1 “Escrita pelo contrário”: uma questão de contramétodo

Iê!/ A história nos engana/ Escrita pelo contrário/ Até diz que a abolição/
Aconteceu no mês de maio/ A prova dessa mentira/ É que da miséria eu não saio/
Viva vinte de novembro/ Momento para se lembrar/ Não vejo em treze de maio/
Nada pra comemorar/ Muito tempo se passou/ E o negro sempre a lutar/ Zumbi é
nosso herói/ De Palmares foi senhor/ Pela causa do homem negro/ Foi ele quem
mais lutou camará./ Iê vamos simborá!/ Iê chegou a hora! (Mestre Moraes).⁴

A ladainha citada é utilizada para ilustrar e evidenciar o método psicanalítico. Nela, questiona-se a história contada e normatizada na sociedade. Assim também ocorre com a Psicanálise, por questionar o saber dado e normatizado e por sua inversão diante da padronização científica positivista. A Psicanálise, diante de sua abertura ao indizível, à

⁴ Idem à nota 3.

particularidade do desejo, impossível de ser dito pelo formalismo significante, provoca uma ruptura com o que é padronizado.

O método psicanalítico pode ser entendido como um trabalho de reflexão-interrogativa das experiências imediatas, capaz de recriar ideias e sentidos. Para Frayze-Pereira (2004) a reflexão é dinâmica, sendo um “movimento de interiorização da experiência externa enquanto não-saber e de exteriorização do sentido obtido pela reflexão” (p.39). Sobre essa dinâmica interpretativa ele acrescenta:

o intérprete distraidamente se deixa guiar pelo fluxo associativo do paciente (ou pela dinâmica de uma obra) resultará uma construção discursiva também singular, simultaneamente ilusória e verdadeira, isto é, válida para a dupla em questão. E dessa maneira, cada psicanálise escapa de ser uma repetição ao infinito daquilo que teoricamente já se sabe [...] (Frayze-Pereira, 2004, p.37).

Por isso, é possível concluir que o método psicanalítico, com sua criação singular, é um contra-método ao se contrapor ao método clássico positivista das ciências modernas. Elia (2000) reafirma tal compreensão sobre o método psicanalítico-interpretativo e o saber inconsciente, inédito, único e singular, incongruente ao saber genérico e universal da ciência clássica, não sendo possível, portanto, a mera aplicação do saber acumulado.

Diferenciando-se da perspectiva positivista, a pesquisa em Psicanálise sugere a reflexão sobre a experiência vivida, e os sentidos que dela advém. Essa concepção de ciência apresenta a flexibilidade e uma variação dos resultados de acordo com as circunstâncias culturais e históricas. Dessa maneira, inclui-se ao método a particularidade das experiências vividas, e os possíveis sentidos advindos da proposta investigativa.

Durante a proposta investigativa-psicanalítica ocorre um encontro entre os sujeitos envolvidos e, nesse encontro, um campo transferencial é construído “onde as palavras valem

por suas conotações, onde cada assunto vale apenas como índice de outro ignorado” (Herrmann, 2001, p.197).

Portanto, na pesquisa psicanalítica interpretativa, os sentidos da experiência vão surgindo na travessia, e não há a busca pela verdade, mas pelos sentidos e/ou não-sentidos possíveis. Por isso, constrói-se uma saber único, particular, subjetivo, pessoal.

Assim,

A Psicanálise não é efeito do saber do Outro sobre uma história, mas o feliz encontro entre as ferramentas conceituais do analista- pulsão e objeto, por exemplo- e as contingências dessa história, produzindo um caso e, no melhor dos casos, um novo sujeito. Buscamos assim a possibilidade de constituir enunciados positivos sobre esse saber propriamente psicanalítico, singular e inventado a cada nova situação (Figueiredo & Vieira, 2002, p. 31).

Na perspectiva psicanalítica existe uma relação indissociável entre investigação e tratamento, sendo assim, a pesquisa em Psicanálise somente pode se configurar e sustentar na produção de algum saber possível sobre as próprias sutilezas da relação entre pesquisador e pesquisado (Figueiredo & Vieira, 2002).

Maia (2003) considera o campo de afetação construído na relação terapêutica. No tratamento-investigação com os toxicômanos, a autora considera fundamental um embate corpo a corpo do terapeuta com o sujeito pois, devido às suas características psíquicas - precária representabilidade simbólica e a evidência das marcas psíquicas primárias-, há uma abundância de inscrições e processos psíquicos que não passaram pelo esquematismo representacional, não sendo possíveis de serem traduzidos em significantes, estando presentes no campo de afetação. Ao identificar que as inscrições primárias podem ser subjetivantes, Maia pontuou a importância de serem consideradas no encontro com o terapeuta, por meio de um embate corpóreo, já que não podem ser ditas.

Na relação com o sujeito toxicômano, o terapeuta-pesquisador é provocado a se reinventar a cada momento, abrir-se para as multiplicidades de sentidos e atuações, devendo pois, se destituir do discurso moral e normatizador.

Os analistas devem se afastar dessa visão moral e se aproximar da singularidade de cada sujeito. Para atuar e intervir na relação sujeito-droga é preciso ter consciência de que o sujeito busca se estruturar através da sua relação com a droga, mesmo sendo este um mecanismo precário. É importante reconhecer que o sujeito se adere à droga como alternativa última para se organizar. Levando em consideração a positividade do momento narcísico primário, a possível estruturação desse período pela alucinação, fantasia e criatividade, é que o autor acredita na possibilidade de estruturação do sujeito toxicômano (Gurfinkel, 1995).

Como Romera e Próchno propõem:

Nosso recurso diante destas intempéries é o da com-versa ou da comvers-ação. Transformar a ação em verso e instituir a ação de versejar a dois (ou três). Criar *mais* do que desvendar sentidos. E, antes de mais nada, respeitar o humano enclausurado, encapsulado em cada corpo, e esperar, no sentido de ter esperança, que ele poderá advir na e da relação terapêutica (2007, p.201).

A Psicanálise diante dos sujeitos toxicômanos deve contribuir para desintoxicar a droga enquanto significante que os nomeia e os mantém anônimos por trás do *eu sou drogadicto*, além de abrir as portas para novos sentidos sociais, inserindo o sujeito no universo da cultura (Marconi, 2009; Santos & Costa-Rosa, 2007).

Na relação construída com os usuários do serviço CAPS-ad, reconheci e considerei as tonalidades afetivas e a criação única proporcionada pelo encontro, surgidas no campo transferencial. Dessa maneira, as palavras utilizadas nessa escrita estão carregadas dos diversos sentidos que me perpassaram durante a realização do projeto CAPS-POEIRA. Nos encontros, falas e entrevistas com os usuários do serviço CAPS algo se movimentava, se

transformava e era produzido. De forma dialética, as palavras e as inscrições inomináveis eram produzidas e se transformavam em sentidos; as impressões e interpretações por mim construídas e as diversas afetações possíveis à sensibilidade humana, se manifestaram a partir do encontro com o outro.

Antes mesmo de adentrar nos sentidos e afetações suscitados, ainda neste capítulo, descreverei os passos metodológicos da pesquisa e a explicação sobre os encontros, *roda de conversa, musicalização e movimentação*.

3.2 Os passos da zebra

Os passos da zebra do projeto CAPS-POEIRA, iniciaram com a autorização da coordenação da unidade CAPS-ad pesquisada. Com a autorização, encaminhei o projeto para o Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, e logo depois, para a Coordenação de Saúde Mental vinculada à prefeitura local.

Apesar de ser uma pessoa conhecida por alguns usuários do serviço CAPS, bem como pela maioria dos funcionários (em função das atividades desenvolvidas como voluntária naquela instituição), solicitei uma reunião junto à equipe para esclarecer que seria iniciada uma nova etapa nas atividades, o projeto intitulado CAPS-POEIRA. Para a divulgação do projeto, elaborei cartazes e afixei-os em diversos locais do CAPS-ad.

A proposta do projeto contemplava a realização de doze encontros, com o desenvolvimento de grupos operativos, tendo como recursos os elementos presentes na Capoeira Angola-música, narrativas e movimentações; entretanto, por motivos de impedimentos institucionais, foram realizados apenas onze encontros.

Primeiramente foram realizadas treze entrevistas com pacientes do CAPS, desenvolvidas mediante assinatura do termo de consentimento. Tais entrevistas foram gravadas e transcritas.

As mesmas foram feitas individualmente e suas transcrições e afetações contra-transferenciais foram utilizadas para posterior criação interpretativa.

O grupo, devido ao funcionamento da unidade pesquisada, foi aberto, e o número de integrantes variava a cada dia, exigindo uma breve contextualização inicial a cada encontro.

Em diário de campo foram relatados meus sentimentos, sensações e angústias surgidas durante a trajetória da pesquisa, explorados na análise dos encontros (ver capítulo 4).

As atividades grupais foram semanais e, para cada encontro, uma atividade era estabelecida com propostas que se alternavam semanalmente em *rodas de conversa*, *movimentações* e *musicalização*, esclarecidas adiante. Os encontros foram assim distribuídos:

- 1º encontro: A história da Capoeira Angola e dos negros no Brasil (*roda de conversa*);
- 2º encontro: Brincando em duplas (*movimentação*);
- 3º encontro: Caxixis em mãos (*musicalização*);
- 4º encontro: Dialogando sobre os enfrentamentos diários (*roda de conversa*);
- 5º encontro: Brincando com a ginga e com a possibilidade de desterritorialização (*movimentação*);
- 6º encontro: Ritmo em grupo (*musicalização*);
- 7º encontro: A história do Mestre Pastinha (*roda de conversa*);
- 8º encontro: Um treino de Capoeira Angola (*movimentação*);
- 9º encontro: Os instrumentos (*musicalização*);
- 10º encontro: A história do Mestre João Pequeno (*roda de conversa*);
- 11º encontro: Um ritual, a roda de Capoeira Angola (*movimentação, musicalização e roda de conversa*);

As *rodas de conversa* foram assim denominadas porque nelas era proposto o diálogo grupal com os participantes. Eram iniciadas com a apresentação de uma ladainha ou uma história presente na Capoeira Angola e, logo após, proposto um diálogo grupal. Os encontros

tinham como temas o cotidiano, a família, as lutas diárias e liberdade, temas escolhidos a partir da revisão bibliográfica referente à organização psíquica dos sujeitos drogadictos, e a partir da vivência prévia com os usuários do serviço e suas demandas.

Em geral, nas *rodas de conversa*, a tarefa explícita era conhecer e refletir sobre as narrativas presentes nas ladainhas ou nas histórias da Capoeira Angola. Mas, implicitamente, a proposta era refletir e (re) significar suas vivências familiares, cotidianas e os papéis assumidos nessas relações.

Os movimentos corpóreos da Capoeira Angola foram utilizados no projeto CAPS-POEIRA nos encontros de *movimentação*. Isso ocorreu por reconhecer neles as histórias e movimentos sociais. Com esse pressuposto é que foram realizados os encontros de *movimentação*. Para os encontros era utilizado aparelho de som, fornecido pela unidade CAPS, e cds com músicas de diversos mestres angoleiros. Em cada encontro era feito um alongamento inicial e um relaxamento final. Alguns dos movimentos utilizados foram: a *ginga*, *au*, *meia-lua*, *chapa*, *rabo-de-arraia* e *negativa*. A *ginga* consiste em uma movimentação cadenciada em que pernas e braços se alternam. Sua etimologia faz referência à rainha Jinga que reinou em Angola nos séculos XVI e XVII, tendo sido importante no imaginário dos escravos africanos (Abib, 2004). O *au* é um movimento em que o corpo é sustentado pelos braços, e de cabeça para baixo há uma movimentação de um lado para o outro. Na *meia-lua-de-frente*, com uma perna apoiada no chão, o capoeirista ergue sua outra perna e realiza um semi-círculo, com a parte interna do pé, na altura da cintura. Na *chapa*, uma perna permanece apoiada no chão, enquanto a outra, com o joelho inicialmente dobrado, se estica em direção ao oponente com sola do pé. O *rabo-de-arraia* é realizado com as mãos e um dos pés apoiados no chão, enquanto que a outra perna realiza um movimento circular, direcionando o calcanhar ao adversário. A *negativa* é um movimento no qual o capoeirista se

agacha e se movimenta horizontalmente para a direita ou para esquerda, esquivando-se do ataque de seu adversário.

Nos encontros de *musicalização* foram utilizados todos os instrumentos presentes na Capoeira Angola, berimbaus, atabaque, reco-reco, agogô, pandeiro e caxixi, além de cantigas entoadas no ritual da roda. Nesses encontros, o intuito era provocar a partir do aprendizado das cantigas e ritmos, movimentações grupais, além de uma coesão grupal e a auto-responsabilização dos participantes. Propunha a execução dos ritmos levando em consideração a importância da participação de todos para a harmonia rítmica. Para tanto, era necessária atenção na execução dos ritmos de cada instrumento, realizada por si e pelos colegas.

A seguir, vou contextualizar o cenário onde ocorreram os encontros, as entrevistas e vivências. Vou percorrer pelas salas, quartos e varandas, enquanto narro os acontecimentos presentes em minha memória. Distante de uma análise institucional, minha narrativa servirá apenas para inserir o leitor na particular realidade da unidade pesquisada, durante o período em que nela pude percorrer meu olhar e escutar a pluralidade de vozes dos usuários, dos funcionários e até mesmo a minha.

Capítulo 4

SOBRE UM LUGAR, AS HISTÓRIAS E AS DESCOBERTAS

Nas próximas páginas intento discorrer com significantes possíveis minha vivência no CAPS-ad. Pretendo apresentar o cenário, o CAPS-ad, os participantes da *roda*, por mim apresentados a partir da perspectiva das interpretações psicanalíticas e os grupos realizados na cadência da Capoeira Angola.

No percurso do trabalho, busquei aproximar minha escuta e olhar ao toxicômano marginalizado e coisificado. A aproximação gerou a necessidade de expor e questionar o paradoxo social dos drogadictos, as falhas institucionais e o silêncio que os cercam pela marginalização e pela não representabilidade do objeto droga. Nos onze encontros grupais, contados a partir da estruturação formal do projeto, e nas treze entrevistas realizadas, permiti experienciar, sentir, olhar e refletir. Contra-transferencialmente, na experiência do encontro pesquisador e sujeito usuário do serviço CAPS, ocorreram diversos sentidos transcritos a seguir.

Foram atravessamentos, misturados e manifestados, fugindo, então, da minha pretensão de enquadrá-los no modelo causa e efeito. Para alguns participantes do projeto, as entrevistas provocaram o reencontro com suas histórias passadas, possibilitando um novo olhar sobre suas próprias vidas. Para outros, os encontros grupais geraram reflexões e mudanças nos papéis assumidos, de drogadicto, doente e incapaz de responsabilizar-se, ou até mesmo o papel no meio familiar. As mudanças observadas no grupo foram provocadas tanto pelo relato de vida de um colega quanto pela movimentação, narrativa e música da Capoeira Angola.

Os encontros foram sendo construídos no percurso, modificados a cada momento. Neles, uma pluralidade de atravessamentos e sentidos eram gerados. Então, pude compreender, a

partir da Psicanálise e dos encontros desenvolvidos, a singularidade da experiência. A roda se torna única para cada *jogador*, para cada *capoeirista* participante.

4.1 Percorrendo o cenário: meu olhar, o lugar e seus personagens

Nesse trabalho, mesmo tendo a pretensão de manter a Capoeira de forma genuína com suas características e peculiaridades, institucionalizado era o espaço onde ocorreram os encontros, bem como a burocratização necessária para a realização do trabalho no formato acadêmico. No cenário foi possível reconhecer regras e espaços instituídos com repetições e protocolos, contrapondo-se à manifestação natural da Capoeira.

No CAPS-ad eram oferecidos serviços médicos, atendimentos psicológicos e de enfermagem. Contava com médicos, enfermeiras, psicólogos, assistentes sociais, vigias, profissionais da área administrativa e copeiras. Nele eram realizados grupos terapêuticos, oficinas com a colaboração de voluntários e assembléias gerais, nas quais profissionais e usuários do serviço participavam e discutiam questões diversas. Também eram oferecidos atendimentos aos familiares, individualmente ou em grupos. Assistentes sociais e psicólogos realizavam uma entrevista inicial, com acolhimento e triagem, a fim de planejarem o projeto terapêutico do paciente, com os dias da semana e período em que freqüentaria o CAPS. Mantinham um controle terapêutico a partir de prontuários preenchidos periodicamente. Também eram freqüentes os atendimentos individuais. No CAPS-ad ofereciam café da manhã, almoço, café da tarde e jantar.

A entrada ao CAPS era controlada por funcionário. Apesar do controle, presenciei usuários do serviço passando despercebidos pelos olhos dos vigias, libertando-se das amarras institucionais e voltando embriagados das ruas e dos bares. Diante disso pude perceber que

embora houvesse a tentativa de controle, este poderia falhar. Reconheço nesta forma de controle institucional uma certa extensão e resquício do hospitalocentrismo.

Ao passar pelo portão de entrada há uma varanda. Nela observei usuários do serviço embriagados, e ali também recebi abraços e cumprimentos. Já neste local, aproveitavam para falar sobre a vida, fantasias e sonhos, e também sobre a realidade triste, dos conflitos familiares e da dor do abandono social. Não somente os usuários aproveitavam minha presença para falar, sorrir e chorar, mas também os próprios funcionários, vigias e outros do setor administrativo, relataram sobre o viver difícil e árduo. Tais funcionários não participavam das reuniões denominadas “reuniões de equipe” e somente eles aproveitavam para dialogar comigo sobre as problemáticas rotineiras.

No mesmo lugar também recebi pedidos de ajuda dos usuários, que solicitavam curativos e cuidados em seus ferimentos, no entanto, eu indicava a procura pela enfermeira da unidade. Em uma situação como esta, escutei a seguinte frase de um usuário do serviço, “ninguém lá está nem aí pra gente”, frase dita com os olhos encharcados. Por esse motivo pensei e observei o enquadre institucional, no qual, apesar dos cuidados oferecidos aos usuários, por vezes, parecia ser a rotina uma barreira imposta ante a genuína relação humana. Pedidos de socorro foram vários, e diante deles, minha impotência.

Vamos adentrando ao CAPS, onde vida e morte caminhavam juntas!

Ao entrar, encontrávamos a sala de espera, com cadeiras enfileiradas, cartazes informativos colados na parede e uma mesa com um caderno sobre ela. A sala era preenchida com muitas pessoas, a cada semana novas pessoas e novos olhares. Eram mães, filhos, pais, avós, maridos e esposas, que esperavam para serem atendidos ou aguardavam o atendimento de seus parentes. Permaneciam sentadas umas ao lado das outras, com as vistas diante da porta de entrada. Ao entrar nessa sala, era possível sentir os olhares suplicantes e sufocantes. Eu questionava, “o que esperavam?”; “havia esperança?”. Difícil era passar por aquela sala e

esquivar da intensidade daqueles olhares, mas me esquivava para chegar ao fundo da casa, onde fazíamos as atividades. As pessoas se entreolhavam, mas não se falavam. Elas eram separadas dos outros cômodos ou atividades da instituição por uma meia-porta, pela qual eram chamadas quando necessário. No caderno disposto na mesa continha a hora de chegada e de saída, outra tentativa de controle institucional.

Mais adiante encontrávamos um corredor que separava as salas dos funcionários, a “sala da equipe”, de atendimento médico e da coordenadora. Nelas continham regras, protocolos, remédios e a repetição burocrática do preenchimento de fichas. No corredor permaneciam os usuários do serviço CAPS, seus sonhos, desejos e aflições. Com isso, pude perceber a existência de duas realidades distintas: nas salas, a permanência dos detentores de saber, e nos corredores, as pessoas subordinadas a eles. Baremlitt (1996) considera que as pessoas subordinadas ao saber do *expert* “têm perdido o controle sobre suas próprias condições de vida, ficam alheias ao poder de gerenciar sua própria existência” (p.15). Os funcionários decidiam sobre cada caso, e assim se distanciavam da proposta de auto-responsabilização, presente na redução de danos.

Como apresentado na primeira parte do trabalho, seguindo a Reforma Psiquiátrica, os CAPS deveriam romper com a cultura de preconceito, da exclusão e da doença e deveriam dispensar os modelos controladores baseados no hospitalocentrismo. Os profissionais deveriam se pautar na prática humanizadora e não moralista, com a implementação da abordagem da redução de danos para que os usuários fossem protagonistas de seu autocuidado (Moraes, 2006). No entanto, na lógica institucional observada tornou-se evidente a medicalização aos atendidos e sua categorização médica baseada no DSM-IV, condutas que demonstravam a manutenção do modelo controlador, a partir do saber médico-científico. Baremlitt (1996) também pontua que os profissionais intelectuais, especialistas e *experts* se colocam a serviço da repetição da ordem estabelecida e para tanto são respaldados pelo

princípio de neutralidade científica. Dessa forma, neste cenário, a discursividade científica, com ela o saber médico e especialista dos profissionais, mantiveram a passividade social dos sujeitos usuários de drogas, devido o fornecimento da droga-remédio, parte do tratamento dos “pacientes” atendidos.

Por outro lado, é necessário reconhecer que os profissionais *experts* são constantemente demandados a realizar as funções do ofício aprendidas durante a formação profissional, e nelas se encontram a medicalização e a normatização. Além disso, sofrem com a rotina e com a grande quantidade de atendimentos demandados. Torna-se escasso o momento no qual os próprios profissionais poderiam ser ouvidos e atendidos em suas aflições e dificuldades. São sujeitos de desejos e de sofrimentos, mas que a burocratização exigida pelo trabalho impõe-se como barreira ao acolhimento de suas aflições.

Ao analisar as instituições sociais, Guattari (1986) também apresenta:

As instituições de toda espécie encarregadas do controle social e da repressão nunca se apresentam com o rosto desvendado. Elas se mascaram de uma ideologia pretensamente científica [...] Sempre se pretende justificar cientificamente as práticas sociais de segregação dirigidas às populações oprimidas e marginalizadas-crianças, loucos, desviantes etc. (p.39).

A ideologia científica categoriza e rotula o sujeito com base em seus modelos teóricos. Portanto, a marginalização e/ou segregação é cientificamente explicadas. Assim, se justificam as separações das salas e corredores, dos funcionários e usuários do serviço, das regras e dos sonhos, das necessidades e dos desejos, dos remédios e aflições, dos protocolos e da escuta.

Nesse cenário, eu caminhava entre funcionários e usuários do serviço, entre os horários que deveriam ser cumpridos e o delírio de alguns usuários, entre a burocratização da realização de um projeto acadêmico e a apresentação da possibilidade do encontro e do caos subjetivante.

Ao retomar o percurso, no corredor à frente, encontrava a sala de TV. Nela me deparava com pessoas conhecidas e outras não, a cada dia novas vozes e novos olhares. Ali, muitos permaneciam sentados em cadeiras enfileiradas para assistirem televisão, deitados nos sofás, ou deitados no chão um ao lado do outro. Neste local demonstravam ares de embriaguez, estados de alucinação ou passividade devido ao uso de drogas, lícitas ou ilícitas. Neste ambiente, experienciei o caos e também o afeto entre os “pacientes”. Ali também me aproximei dos sujeitos usuários do serviço, observei pés descalços marcados pelo asfalto, peles marcadas pelo sol, roupas marcadas pela vida nas ruas e unhas por cortar. Na sala de TV ouvi histórias que até pareciam de cinema, no entanto, eram reais. *Era uma vez*, um “paciente”, há muito tempo fora expulso de casa, e em um dia frio e chuvoso, sem ter onde dormir, pulou os portões do CAPS e ali permaneceu. Ao ser encontrado por policiais, fora novamente expulso, mas naquela ocasião, do CAPS-ad. Assim, acabou dormindo na rua. Logo cedo, voltou à instituição e sua colega, também usuária do serviço, lhe deu roupas, para que ele não mais usasse as roupas molhadas que estavam em seu corpo.

Na unidade pesquisada havia também dois quartos com leitos ou colchonetes pelo chão, no quais eu presenciei momentos alucinógenos e alcoolizados. Os quartos e leitos eram reservados aos sujeitos que chegavam alcoolizados ou sob efeitos de outras drogas e ali permaneciam para que enfermeiras, funcionários e psicólogas voltassem aos seus afazeres. Chegavam com ferimentos e feridas expostas.

Voltando à sala de TV, tinha também uma meia-porta, separando a sala da cozinha. Em fileiras, os “pacientes” aguardavam o café, lanche ou almoço, sempre diante da meia-porta. Na cozinha trabalhavam duas copeiras, que ali permaneciam, fazendo café e servindo lanche. Constatei que os usuários não tinham acesso à cozinha. Este local também demarcava a delimitação dos lugares possíveis aos usuários do serviço: a meia-porta separava aqueles que deveriam ficar em filas para receber seus lanches, os “pacientes”, daqueles que poderiam por

si próprios pegá-los, funcionários. Dessa forma, novamente percebi a falta de responsabilização dos “pacientes” diante de si mesmos, provocada pela instituição, provocada pela passividade sugestionada por ela. O assujeitamento pode ocorrer em diversas instâncias sociais, escolas, prisões, quartéis e hospitais, a partir de uma ordem estabelecida e de uma normatização. O ordenamento do espaço, a repetição de tarefas e a delimitação do tempo são capazes de produzi-lo, mantendo os corpos dóceis (Foucault, 1975).

No fundo da cozinha havia outra porta, separando-a da área de serviço, onde se encontravam outros quartos pequenos e um banheiro. A entrada nesse espaço poderia ocorrer tanto pela cozinha como pelos fundos, sendo separado do corredor lateral da casa por uma porta. Em um dos quartos eram guardados os materiais de oficina, tintas, pinturas e instrumentos musicais. Na área de serviço também havia um banheiro, utilizado pelos homens usuários do serviço. Fora também “local de ativa”, termo usado pelos próprios usuários para designar um local para uso de drogas. Durante nossos encontros, percebi que alguns solicitavam a ida ao banheiro e voltavam depois de muito tempo com faces de embriaguez. O CAPS-ad, para alguns, se transformou de lugar de tratamento para “lugar de ativa”, de promessas de tratamento para o fim da esperança. Nos últimos meses em que estive na unidade, a porta que permitia a circulação na área de serviço pelos fundos foi trancada.

Havia também a enfermaria, a sala de acolhimento e a varanda.

Na varanda ocorreram a maioria dos atravessamentos, acontecimentos e vivências. Ao entrar na varanda avistava-se os usuários do serviço conversando, jogando cartas e fumando. Por vezes, não notavam a presença de quem ali chegava, fosse oficinairo ou terapeuta, permaneciam em suas posições até serem convidados a participar de alguma atividade. Assim, alguns se levantavam e se colocavam à disposição, outros continuavam em seus jogos e conversas. Não pude constatar se isso era recorrente apenas durante a minha estada, e ao longo das oficinas. Mas suposições surgiram: ou não gostavam das atividades propostas pela

instituição ou não pretendiam o próprio tratamento; ou estavam no CAPS-ad apenas para diversão e lazer, como alguns relataram, ou estavam alheios às atividades e a noção de realidade lhes escapava.

Na varanda tudo era muito intenso, usuários embriagados se manifestavam, em estado eufórico e depressivo. Choravam e dançavam. Surtavam, brigavam e maldiziam a vida. Nela escancaravam as feridas provocadas pelo viver, relatavam morte de entes queridos e de colegas do CAPS. Relatavam também a própria morte, sendo aos poucos provocada pela droga, mas também contavam sobre a vontade de viver. Relatavam sobre seus acontecimentos cotidianos, o “bacorejo” da polícia, as brigas de rua, as noites mal dormidas nas praças, as discussões familiares e a trajetória pelo Brasil e pelos albergues.

Para conhecer um pouco mais os usuários do serviço CAPS-ad, os participantes da *roda* CAPS-POEIRA, apresentarei cada um dos personagens entrevistados.

4.2 Compondo a roda: sobre as entrevistas e os personagens

Apesar da proposta de realização das entrevistas com todos os participantes, apenas alguns dos usuários do serviço o fizeram. Isso se deu pela impossibilidade de realização da entrevista com todos os sujeitos que passavam pelo grupo, pois, muitas vezes, freqüentavam um encontro e não mais retornavam. Portanto, as entrevistas foram realizadas tanto com os que não freqüentaram nenhum encontro, quanto com aqueles freqüentes no grupo.

Na roda da Capoeira Angola aquele que joga, canta, toca instrumentos e os que apenas observam, são personagens fundamentais para seu desenvolvimento. Cada um tem seu jeito de gingar, de cantar e jogar, mesmo que no contra-tempo rítmico cadenciado pelo toque do berimbau.

Vou apresentar os *jogadores, tocadores e observadores* conhecidos ainda mais pelas entrevistas. Suas pernas cruzadas e vozes dissonantes, as palavras e sentidos que iam para além do que era exposto, foram por mim capturados e aqui serão narrados, seguindo então a metodologia interpretativa da Psicanálise. Convido o leitor a escutar, olhar e sentir os *jogadores dessa roda* através de minhas próprias lentes.

Os nomes dos personagens foram por mim escolhidos. São nomes de capoeiristas, de negros e pessoas comuns, presentes em cantigas da Capoeira Angola.

As primeiras entrevistas, apresentadas a seguir, foram realizadas com aqueles que compareceram uma ou poucas vezes no projeto CAPS-POEIRA: Lampião, Corina e Riachão. Ao realizar essas entrevistas pude perceber a criação de fantasias pelos personagens, como forma de suplantar a realidade vivida. Esta, aos meus olhos, era fria e/ou acompanhada de violência. Apresentaram-se absortos à droga, como se o vício fosse um meio para sustentá-los.

Histórias de Lampião

Estava bem curiosa para a realização da entrevista com Lampião. Eu o conhecia há três anos antes da realização do CAPS-POEIRA e pouco sabia sobre sua vida. Até então, apenas presenciava sua debilitação a cada dia, as idas do pai para buscá-lo no CAPS, seus ferimentos quando violentado por policias e suas fugas institucionais.

No período em que conheci Lampião ele era um grande jogador de Capoeira. No entanto, com o passar do tempo, seus movimentos se apresentavam cada vez mais debilitados, surgindo a dificuldade da ginga e da bananeira. Novas rugas apareceram em seu rosto jovem, suas mãos ficaram ressecadas, suas roupas sujas e rasgadas e restaram poucos dentes amarelados. Na entrevista, narrou sobre sua vida, revelando ser um grande contador de histórias.

“Eu gosto muito de Capoeira. Sou um lutador”. Foram as primeiras palavras de Lampião. Logo, pensei no mundo de fantasias do qual ele era criador. E continuou dizendo que ainda estava aprendendo a arte. Relatou gostar de tudo que rima com folclore e tudo o que é da antiguidade. Segundo sua narrativa, aprendeu a Capoeira quando menino, por ter sido “criado na baixa”, “num poder muito mais inferior da população”, posição social, a qual, segundo ele, exigia a prática da Capoeira. “Sei vários golpes, sou um cara ágil. Dentro de mim movimenta altos poder de jogo, de visão, de defesa, de ataque, de tudo”. Para ele a Capoeira possibilitava a melhora do corpo e a expressão dos sentimentos. Percebi seu envolvimento com a Capoeira, encontrando nela um meio para sustentar sua identidade.

Aproveitou para me pedir a letra de uma música da Capoeira transcrita em um papel. Falou que “seus meninos”, “seus coleguinhas”, esperavam dele o ensinamento de uma música da Capoeira, e também esperavam minha ida ao seu bairro, “para que possamos juntos fazer uma mesma canção”. Pensei na beleza de suas palavras e o quanto me envolveram, mas em seguida se contrastaram com a realidade. Acrescentou não gostar de faltar aos encontros com a Capoeira, por isso ia ao CAPS toda segunda-feira. No entanto, Lampião não participou da Capoeira naquele dia, tampouco freqüentou todas as segundas-feiras.

Ao transmitir apenas essas informações procurou encerrar a entrevista. Fez esse movimento de esquivar em diversos momentos. Mas a entrevista não se encerrou, pois pedi para que narrasse sobre sua infância. Estava curiosa sobre a vida e histórias de Lampião. Além disso, me flagrei buscando compreender racionalmente sua trajetória até o mundo das drogas numa quase impossível empreitada. E sua narrativa continuou.

Quando pequeno, disse que sentia fome e necessitava trabalhar para ajudar em casa, para levar comida, dinheiro e roupa. Durante a semana era mecânico e nos finais de semana trabalhava, “na roça de capinar, de plantar, até aguar as plantas para crescer [...] Aquilo era uma forma que eu jogava Capoeira na minha vida [...] eu pegava os peixes e levava para

casa”. Sua infância fora vivida na roça e na cidade. Até determinado momento, a tentativa de identificar a veracidade ou não de suas palavras tomaram conta de meus pensamentos, mas depois me deixei levar por elas e suas histórias, trazendo-me sensações de leveza e alegria e ao mesmo tempo um choque com a realidade.

Sua mãe, tias e avô faleceram. “A gente perde as pessoas e depois fica só, aí então, tem que procurar esse tipo de ajuda para estar fortalecendo”. Assim como em outras entrevistas, senti a proximidade do medo da solidão e da morte.

Sobre as pessoas de sua família ele contou: “Dois, um só que nasceu, três com meu pai. Eu, três assim, com meu pai. Meu pai e eu, meu irmão três. Minhas três irmãs, três, minha mãe quatro”. Até questionei se Lampião estava confuso em suas palavras ou se a confusão era dos meus próprios pensamentos. Uma vida confusa, uma família difícil.

Sobre seu tratamento disse estar “melhorzinho”. Esta palavra me assombrou, pois Lampião, na minha percepção, parecia estar num morrer contínuo. Lampião representava para mim a dificuldade da vida no mundo das drogas e também as barreiras encontradas no tratamento. Aos meus olhos, ele era representante das dificuldades de tratamento do sujeito drogadicto. Além disso, paradoxalmente, era como se ele me mostrasse que “não podemos nos curar da ferida de sermos humanos” (Maurano, 2003, p.15). Lampião parecia reagir às tantas feridas provocadas pelo ser humano, a disparidade social, a maldade e a mendicância. Por sua dependência à droga parecia expor a ferida humana de dependência social e da inevitabilidade do desamparo afetivo.

Sobre a vida no mundo das drogas, se intitulou “barriga verde”, pois se considerava inocente diante das pessoas da cidade. Certa vez, como se fosse personagem de um filme, apareceu na cidade um roqueiro cantando rock, ouvindo Elvis Presley. Seu irmão pediu para ele não se aproximar do mundo do rock, porque nele havia drogas. Ficou curioso diante da palavra droga e perguntou o que seria. Mas ele gostava mesmo do rock e das motocicletas que

os roqueiros andavam, e se aproximou de um roqueiro com a ilusão de conseguir uma motocicleta e escutar o rock. E ao fazê-lo, descobriu que no mundo do rock não havia apenas música, mas bebida e droga. Nesse momento de sua vida, com 14 ou 15 anos, ocorreu-lhe a “sensação de fusão”, sensação esta incompreendida por mim e não detalhada na entrevista.

Falou que seu pai estava com a saúde muito debilitada. Lampião retificou sua fala inicial de que era ágil e forte, pois assim como o pai: “também estou fraco de saúde, não estou agüentando mais, está muito difícil. E a saúde vai cada vez mais indo para os belelés”. A cruel realidade começou a surgir diante de meus olhos e lembrei-me do dia em que ele chegou ao CAPS sob efeitos de droga e me pediu ajuda. Meu espírito missionário também foi aos belelés e nesse dia questionei-o sobre como poderia ajudá-lo e sua resposta foi apenas “não sei”.

Ainda relatou sobre as suas criações artísticas, pintava quadros, fazia tapete, montava bicicleta, e fazia “algo artístico” que somente ele era capaz de fazer: “andar de bicicleta em uma roda só”. Ao narrar essa história lembrou-se do passado quando se usava bicicletas, cavalos e carro de boi, novamente remetendo e associando isso à Capoeira. Segundo ele, também andava de canoa no rio, o que lhe abria os peitos e o fazia ser índio, assim como a Capoeira Angola. Outra vez suas palavras me entorpeceram. Por segundos busquei pela segunda vez a linearidade ou a lógica, mas elas não vieram e novamente eu desisti.

Sobre a relação com o pai, mãe e irmãos disse: “Acho que não foi muito boa não. (Silêncio). Ou foi ao mesmo tempo, mas passou. (Silêncio). Eu sempre fui mais custoso lá em casa. (Silêncio)”. Diferentemente de seu irmão, narrou ter sido criado mais livremente na roça, na rua, na casa.

A narrativa foi interrompida com minha pergunta sobre sua mãe, se ela estava viva nesse período de sua vida. Minha questão foi interrompida com: “Quantas horas? Estou preocupado com meu pai lá”. Mas havia insistido na questão materna, o que demonstrou minha ansiedade

em compreender sua história direcionando o diálogo e não permitindo a genuinidade da narrativa. Ele relatou que sua mãe lhe batia e era sistemática como o pai e não queria ver o filho envolvido com drogas. Como em muitas entrevistas, reconheci a resistência ao falar de mães. Silveira (1995) apresenta que tal resistência ocorre porque o contato com a mãe aproximaria o sujeito à sua falta arcaica humana, negada pelo toxicômano. Lampião concluiu: “Eu acho que porque ela cortou a barriga, tal, me pôs no mundo, ela merece um voto mais ainda de mim e de mostrar para ela que eu tou vivendo. Vivendo feliz, ou infeliz, ou feliz, alguma coisa assim, mas tou, tou vivendo...feliz”.

Ao som de pássaros e motos vindos da rua, ele descreveu sua vida na roça e sua vida na cidade, sua barriga verde e sua barriga madura, canoas, rios e motocicletas, rock. Suas histórias fantasiosas puderam me mostrar o Lampião e seu interesse pela Capoeira, por suas raízes folclóricas e narrativas de grandes guerreiros capoeiristas, tomadas para si. A Capoeira também o remetia à sua infância. Procurou ser forte, lutador, ágil, ter defesa e ataque, mas seu corpo podia dizer sobre sua fraqueza e o distanciamento da força aos “belelés”. O homem ágil se mostrou frágil como criança. O poder das motocicletas e do rock escondeu a fraqueza-dependência diante das drogas. E o homem adulto e independente apresentou sua dependência e seus “coleguinhas”. Isso confirmou que “A identidade fragilizada do toxicômano, através da experiência drogaditiva, é mascarada por uma auto-imagem heróica e onipotente, quase divina, que, entre outras coisas, vai transformar substancialmente a sua relação com a morte” (Silveira, 1995, p.11).

Ao pedir sua assinatura para o Termo de consentimento, Lampião rabiscou-se com a caneta que estava falhando, mesmo com minha orientação para não fazê-lo. Seus rabiscos, seu cheiro e sujeira me embalaram juntamente com a sensação de pena e carinho que senti por ele. Tal acontecimento, bem como o descuido pelo próprio corpo, constatarem as teses de Maia (2003) sobre as práticas corporais como tentativa de restituição narcísica, Birman (2003)

sobre as psicopatologias manifestas no corpo e na ação e Silveira (1995) sobre os rituais dos usuários de drogas de escarificação ao próprio corpo.

Depois da entrevista, procurei-o para entregar-lhe a letra da música solicitada, mas não o encontrei. Assim como diversas vezes presenciei buscas vãs de funcionários do CAPS por Lampião, como se estivesse escondido nas matas e rios, ou melhor, nos becos e ruas da cidade.

Para mim, parecia que ele tentara se entregar à grande mãe natureza, ao entremear nas matas ou becos e nas fantasias alucinógenas. Como se a pulsão de morte o rendesse e, a partir dela, a tentativa de se entregar à imagem abismal e insondável do oceano, representada pela figura materna (Silveira, 1995; Gurfinkel, 1995).

Corina, em busca da identidade

Corina, pouco conhecida por mim, aos poucos foi se revelando embora timidamente. Seu silêncio anterior me angustiava e as palavras ditas me angustiaram ainda mais. Entrei em contato com suas vivências dolorosas, e suas experiências me levaram a justificar sua busca pela droga. Para Gurfinkel (1995) a adicção é uma procura constante, fora de si mesmo, para resolver os problemas internos.

Durante os anos em que estive no CAPS raras foram suas movimentações, sejam elas na Capoeira ou entre os corredores. Com a entrevista pude me aproximar de sua fragilidade, de sua busca por uma vivência acolhedora, de seus traumas e também de sua força.

Durante a entrevista minhas perguntas quebraram seu silêncio. Assim, fui compondo uma compreensão de parte de suas vivências. Corina acreditava, até pouco tempo antes da entrevista, ser filha legítima da mãe que a criara. Era uma família numerosa, composta por mãe, pai, irmão, irmã, Corina e seus sobrinhos. Nesse cenário, ela passou sua infância, adolescência e parte da vida adulta. Nesse palco havia brigas e bebidas.

Com a morte do pai, o irmão assumiu o poder familiar, executando esse poder com violência. Nessa época Corina tinha apenas oito anos. Lembrou do seu irmão sempre alcoolizado e de suas agressões para com ela, sua mãe e sobrinhos.

Na infância, foi recorrente a saída de Corina e de seus sobrinhos de casa. Sendo ela um pouco mais velha do que eles, assumia a fuga do lar e a ida às ruas. Suas respostas diante de minhas perguntas me traziam angústia por imaginar seus conflitos familiares e sua fragilidade diante deles. Corina teve uma infância marcada por abandono e violência.

Na fase adulta, ela soube sobre sua adoção quando deparou-se com uma mulher que dizia ser sua mãe legítima. Ao receber a notícia da existência de outra família, resolveu experimentá-la, indo e vindo à casa de sua mãe biológica.

Antes mesmo do encontro com sua mãe biológica, Corina conheceu o crack (por intermédio de uma prima). Ao se estabelecer no novo lar, da família biológica, teve recaídas à droga e novamente saiu de casa. Durante a entrevista, me angustiava com as sensações de abandono transmitidas por ela. Devido a essas sensações eu encontrara uma justificativa plausível para compreender a inserção de Corina no mundo das drogas.

Foram necessárias três perguntas para surgir a resposta sobre seu lar atual, o albergue. Ela saiu de casa para morar com uma amiga, mas por também ser usuária e para não se “afundar” novamente nas drogas, Corina resolveu procurar o albergue. No período da entrevista, disse que ficaria no albergue até encontrar um “serviço”. Ela passava o dia no CAPS e à noite no albergue, assim como diversos usuários do serviço.

Sobre sua vida com a droga narrou: “Eu fumava demais, não dormia, bebia, passava a noite acordada. Via os outros matando outras pessoas. Não era muito boa não quando eu usava”. Corina também viveu nas ruas, e no mundo das drogas viu a morte bem próxima. Na vida com as drogas sua própria vida se tornou banal. Não somente pessoas conhecidas morriam, mas ela mesma morria aos poucos com a droga, morria aos poucos para eliminar o

sofrimento próprio do viver. A destrutividade pulsional também se apresentou no caso de Corina.

Corina teve sua identidade perdida, e aguardava a segunda via para procurar um emprego. Gostaria de ter compreendido melhor como isso acontecera. Teria ficado alucinada e perdido seu documento? Teria esquecido em algum lugar? Quem ela poderia ser na sociedade se não tivesse um registro geral? Como teria seus direitos preservados? Sem documento seria indigente aos olhos do poder público, seria invisível? Mas a dor e o sofrimento de Corina a humanizava, e a distanciava da frieza civilizatória dos números e dos formulários.

A falta da identidade de Corina se entrecruzou com a confusão das famílias adotiva e biológica. Sem dizer os motivos pelos quais ela havia perdido a identidade, ela aguardava a segunda via. Sem compreender os motivos do abandono de sua mãe biológica e tão pouco a confusão de sua família adotiva, ela percorreu entre as duas. Sem reconhecer sua identidade nelas, resolveu procurar o albergue.

Por seus relatos parecia ser sua dependência às drogas uma possibilidade de resgate identificatória mesmo que precária, confirmando a tese de Gurfinkel (1995). Ainda segundo o autor, na relação de dependência com a droga a simbiose simboliza a fixação e regressão ao período fusional entre mãe e filho, no qual há uma indiferenciação do eu entre o não-eu, impedindo o contato com a realidade e a construção da auto-imagem. Tudo isso, foi aproximado e comparado em meus pensamentos com a conflitiva de Corina, sua falta de identidade documental e sua confusão ao transitar por duas famílias.

De sua história na família adotiva algo lhe foi mais marcante: “Quando eu vi ele batendo na minha mãe, sem eu poder fazer nada”. Questionei-me como poderiam ter sido mais marcantes as agressões dirigidas à mãe e não a ela. A tentativa de responder a questão também remeteu à ideia da confusão identificatória de Corina e da indiferenciação do período fusional, apontado pelo autor. E a entrevista encerrou com suas lágrimas.

Assim, esse foi mais um fragmento de uma vida. Uma vida que se assemelha aos tantos fragmentos de outras vidas.

As fragilidades de Riachão

Riachão era um homem alto, de pele morena e olhos escuros. No CAPS passou a freqüentar os grupos de “pacientes” jogadores de cartas. Frequentemente apresentava-se embriagado. Ao lembrar-me de Riachão revivo um incômodo, o de verificar o cenário onde tantos usuários do serviço jogavam cartas e se distanciavam da proposta CAPS-POEIRA, o que suscitava em mim perguntas diversas. Queriam mesmo cuidados para livrar-se das drogas? Ou queriam permanecer nelas? Riachão declarou em sua entrevista ser no CAPS ou em sua ida até lá que se embriagava, e o seu tratamento, ao invés de lhe proporcionar melhoras, provocava e revigorava o seu encontro com o álcool.

Na entrevista, ele contou sobre sua esposa e caracterizou sua vida, diversas vezes, como “normal”, tendo o álcool como único problema. Falou de sua profissão, do afastamento do emprego e declarou receber pela previdência social. Nesse período em que ocorreu a entrevista, sua vida “normal” era, seguia a rotina de ir para o CAPS para não ficar em casa dormindo.

Ao denunciar suas idas ao CAPS apenas para conversar com os amigos e beber, relatou também que seu melhor tratamento seria retornar ao trabalho. Durante a entrevista disse ter feito uso da bebida pouco tempo antes de iniciarmos a conversa. Pediu para sair do CAPS, foi ao bar, bebeu e voltou. Segundo ele, esta era sua rotina.

Riachão narrava seu ciclo vicioso: não trabalhava, recebia pela previdência social, ia ao CAPS e bebia, em consequência, não trabalhava, recebia pela previdência social, ia ao CAPS e continuava bebendo.

O olhar atento mostrava ainda outra faceta. A unidade institucional parecia compactuar com tal ciclo, ao “permitir” a presença daqueles que declaravam estar lá apenas para obter benefícios.

Riachão dizia ainda que sua dependência do álcool era justificada pelo fator genético. Seu avô, seus dois tios e pai foram alcoólatras. Segundo ele, muitos conflitos familiares foram provocados pela bebida. Houve a separação dos pais, brigas, e o silêncio da mãe ao aceitar a ida do pai às casas de prostituição. Em seus relatos eclodia outro ciclo vicioso, transmitido pelas gerações. Crescera acreditando que homem deveria beber e ter várias mulheres.

Perguntava-me então como romper esse ciclo. Ao relatar sobre seu tratamento, ele próprio sugeriu uma possibilidade para romper o ciclo ao dizer que seu melhor tratamento, seria trabalhar. Além disso, contradisse sua fala anterior sobre a dependência e o fator genético, porque constatou que sua dependência, ao invés de se relacionar com um fator genético, estava diretamente relacionado com uma ferida psíquica, segundo ele, causada por uma mágoa e adquirida no núcleo familiar. Como disse, seria importante entrar em contato com essa ferida. Por seus relatos, foi possível constatar que muitas vivências de Riachão remetiam à figura paterna e à caracterização do masculino, transcorridas silenciosamente pelas gerações. E as marcas e feridas do modo de ser homem ainda se faziam presentes, cabendo a ele cuidar dessas falhas familiares pagando o preço com seu próprio corpo já debilitado.

Ao ser questionado sobre como é ser dependente falou dos sintomas da abstinência, tremores e turbulência, e sobre o alívio oferecido pela bebida, “faz esquecer os problemas e a mágoa”. Relatou serem as feridas constituídas pela mágoa sentida pelo pai, por ter abandonado o lar, e pelas lembranças das cenas de violência do pai para com a mãe. Riachão identificou tais feridas como provocadoras de seu vício, suas palavras sobre o ato de beber foram: “esquecer os problemas, as mágoas” e “ficar aliviado”. O alcoolismo, então, para além

da alegação de um problema genético, como havia apresentado, surgia como elemento da dor psíquica.

Apesar de ter participado de apenas um encontro após a formatação do projeto CAPS-POEIRA, a entrevista de Riachão foi fundamental para compreender ainda mais o fenômeno da toxicomania. E minha angústia e desconforto, suscitados durante a entrevista com Riachão, revelam a complexidade da problemática droga, as dificuldades enfrentadas no tratamento e a impotência do saber *expert* frente à dinâmica psíquica do drogadicto.

Os próximos *jogadores* a serem apresentados, Camungerê, Cajueiro, Catarina e Salomão, participaram com frequência dos encontros CAPS-POEIRA. Suas entrevistas foram significativas tanto para uma aproximação de suas vivências singulares, quanto para uma compreensão das possíveis transformações do sujeito e a saída da condição toxicomaniaca.

“Todo mundo é um lutador”, dizia Camungerê

Mesmo sendo esta análise baseada nas entrevistas, não é possível descartar as observações feitas desse *jogador* durante o período em que estive no CAPS. No início, ele aparentava uma alienação a tudo e a todos e aos poucos foi sendo substituída por um olhar atento e por uma fala cuidadosa ao outro. Ele chegou na unidade como se há dias não tomasse banho e nem lavasse suas roupas, mas com o passar do tempo seu jeito de se vestir e de se cuidar foi transformado.

Camungerê demonstrava gostar da Capoeira. Percebia-o destoante da grande maioria dos usuários. Via-o alegre e sorridente, enquanto muitos estavam cabisbaixos. O encontro com Camungerê, por sua leveza, possibilitou o reconhecimento das diferentes sensações sentidas ao me relacionar com aquele grupo. Ao retomar essa diferença, lembrei da sensação transmitida pela maioria. Ao deixar o CAPS-ad, sentia um grande cansaço físico e não o

associava às atividades realizadas, mas sim às afetações não representáveis e pelo embate corpo a corpo entre o sujeito toxicômano e terapeuta, teorizados por Maia (2001; 2003).

Camungerê era medicamentado constantemente pelas enfermeiras do CAPS, o que parecia ir contra o seu desejo relatado na entrevista: ter independência.

Camungerê é um homem de 44 anos e mora com a irmã. Na entrevista sempre manifestava a vontade de morar sozinho e ter independência. No entanto, reconheceu a necessidade de cuidados. Naquele momento de sua vida, disse ter horários articulados e uma vida sem álcool. Anteriormente, ele morava sozinho, não tinha horários para se alimentar, tomar banho e voltar para casa, e como se fosse um andarilho, estava “desleixado”. Narrou também sobre suas internações no hospital psiquiátrico devido ao quadro de esquizofrenia. Ao dizer sobre a esquizofrenia explicou: perde-se “o controle”, a “cabeça fica fraca” e “bem dizer, doido”.

Meus pensamentos cruzaram a esquizofrenia com a liberdade e independência diante das amarras rotineiras. Neles também se aproximaram os horários bem articulados à rigidez social e dependência social. Parecia que para Camungerê se adaptar às regras e à dependência, tivesse mesmo que ser medicalizado. Ao falar sobre a vida no momento atual, disse estar se sentindo melhor, por ter uma vida mais equilibrada. No entanto, sua situação se contrapunha ao desejo de independência, uma vez ser dependente da irmã, de terceiros e até mesmo do uso constante de medicamentos.

Ao ser interrogado sobre a infância e a relação familiar, disse que seus pais faleceram, “todos foram falecendo” e ele acabou ficando só, porque “não conseguiu casar”. Relatou também sobre sua infância na roça e sua vinda para a cidade aos cinco anos, juntamente com os cinco irmãos. Como observado em outras entrevistas, Camungerê procurou interromper o diálogo ao ser questionado sobre a relação com sua mãe, o que novamente parece coincidir com a tese de Silveira (1995), a resistência apresentada por toxicômanos de entrar em contato com a falta humana arcaica, provocada pelo encontro com a mãe. Algumas de minhas

perguntas permaneceram sem respostas, assim como aquela sobre a relação maternal. Diferentemente da entrevista com Lampião, o silêncio foi respeitado, e minha intenção em construir uma compreensão mínima sobre o uso de drogas tornou-se ausente. Assim houve a liberdade das palavras e do silêncio.

Dissera gostar de mim e da Capoeira. Esta lhe distraia, trazendo alegria. Então, encerrou a entrevista com a seguinte frase: “Todo mundo é um lutador, luta pela sobrevivência”.

Cajueiro com medo da solidão

“Eu queria ser internado mesmo. Eu tava muito ruim, tava fedendo, tava barbudo”. Essas foram as palavras de Cajueiro para narrar sua chegada ao CAPS. Ao lembrar de meu primeiro encontro com ele, a imagem se acentuou: “barbudo” e “deformado”, e como alguns “pacientes” diziam, ele parecia um “zumbi”, perdido pelo mundo, pela cidade, entre as pessoas.

Cada trecho de sua história foi permeado pela bebida alcoólica. Os abusos ao próprio corpo deixaram cicatrizes físicas e psíquicas. A separação da esposa, o crescimento da filha não assistido por ele, a mudança de sua mãe e irmão para um endereço desconhecido, a solidão, a vontade de morrer. E assim, sentia as palavras de Cajueiro como se versassem sobre um homem solitário e enfraquecido.

No momento da entrevista disse sentir-se melhor. Cuidava de seu próprio corpo, tinha higiene, evitava o contato direto e indireto com bebida, não pensava mais ter sido abandonado pela família, estava arcando com suas responsabilidades e não esquecia de tomar os doze comprimidos a ele receitados.

Disse ter medo da solidão e medo de beber e, para não beber, evitava ficar sozinho. Pude identificar um elo entre se a solidão e o consumo de álcool. Para não ficar sozinho e para não beber ia às igrejas, ao parque, varria a rua, arrumava “tudo direitinho”, cuidava de sua

higiene, tomava seus medicamentos e esperava seu irmão levar-lhe o jantar. E assim era sua rotina aos sábados e domingos, dias em que o CAPS não permanecia aberto para atendimentos. Ficou evidente em sua entrevista a tentativa de substituição da droga por qualquer outro recurso, que impedisse a solidão, seja indo ao CAPS, ao parque, às igrejas, ou tomando sua medicação, como se tais recursos preenchessem o vazio e a solidão.

A fala de Cajueiro sobre a bebida parecia ser pré-formulada. Parecia ter aprendido em uma cartilha como parar de beber, discurso que me causava incômodo, por entender a complexidade da relação com a droga. Cajueiro também justificava biologicamente e geneticamente o uso de álcool. Comparou a “doença- alcoolismo” com uma vela, apagada quando se está em tratamento e acesa quando isso não ocorre. Compreendi assim sua vigilância para consigo por meio da ritualização de sua rotina e higiene, como se a vigilância tivesse que ser eterna, bem como o uso de medicação. Seria, então, sua vontade de beber aplacada somente por remédios? E o que provocava essa vontade? Foram meus questionamentos. Diante dessa lógica “doença-alcoolismo” apresentada por Cajueiro, parecia que tais perguntas não faziam sentido, pois calava-se a vontade e apagava-se a vela.

Em seus relatos afirmou que muitos usuários do serviço CAPS, o freqüentavam apenas para aproveitar dos benefícios oferecidos, como café da manhã e almoço, e poucos se preocupavam com seus próprios tratamentos. A alimentação oferecida, um lugar para estar com os amigos e beber, assistir televisão e o dinheiro recebido pela previdência, pareciam atrair alguns usuários ao serviço.

Sua história com o álcool teve início aos treze anos de idade, quando começou a beber por brincadeira, até que chegou ao “fundo do poço”. Seus pais biológicos também eram alcoólatras e morreram por consequência do uso abusivo. Seu contato com eles fora ínfimo, restando apenas o legado de alcoólatras.

Cajueiro narrou ter sido criado por sua madrinha e pelo avô. Além da história de abandono dos pais, outro abandono foi relatado por ele. Disse que sua madrinha e irmão mudaram-se da casa onde os três moravam sem lhe deixar o novo endereço. Justificou essa mudança devido o seu vício e à necessidade de satisfazê-lo, para isso, vendia os objetos e os eletrodomésticos da casa.

Pronunciou: “eu nunca gostei de beber”. Esta afirmação evidenciou a ação silenciosa de Tanatos em sua vida (Freud, 1920/2006), manifestada na ação compulsiva ao uso de drogas, levando-o até o uso de álcool aditivado de posto, deixando-o no “fundo do poço”, ou seja, na iminência da morte. Não foi o prazer por ingerir, mas sim o gosto amargo de Tanatos, que repetiu, repetiu, não encontrou formas para se representar e deixou as cicatrizes pelo corpo e pela vida.

Catarina, uma mulher trabalhadeira

Ao conhecer um pouco sobre a vida de Catarina pude compreender um pouco sobre o seu modo de ser. Uma mulher com aproximadamente quarenta anos, parecia quieta e tranqüila, e disposta a ajudar o próximo.

Na entrevista, relatou ter começado a trabalhar quando criança, aos sete anos, quando ainda morava na “roça”. Falou também de sua família e das brigas devido à bebida. Falou sobre seu primeiro casamento, aos dezesseis anos, e sobre as brigas com o marido, quando ele estava embriagado. Contou sobre seus filhos e sobre seus segundo marido, como apresentarei a seguir.

A narrativa de Catarina explorava a preocupação e o cuidado despendidos aos filhos, maridos, pais e irmãos. Enfatizou em sua fala o fato de ser reservada e “trabalhadeira”. Suas histórias deram a impressão de que o cuidado de si fora substituído pelo cuidado ao outro.

“Isso não é vida. Só trabalhar!”. Essa frase marcou o início da vida de Catarina com a bebida. Cansada de tanto trabalhar e sentindo-se só, ela encontrou na pinga, adocicada pela mexerica, um subterfúgio diante do sofrimento. Mas sempre mantinha a reserva e a preocupação para não dar trabalho aos outros. A “pinga com a mexerica” foi o marco da tristeza, solidão e cansaço de sua vida. Por meio da bebida, ela parecia contar que ao invés de cuidar, ela requeria cuidados, ao invés de se cansar no trabalho, ela merecia descanso. Alegou que mesmo bebendo procurou manter a cautela e a reserva.

Ao ouvir seus relatos, cheguei a pensar que ela não tinha problemas com o álcool, e seu consumo teria sido excessivo uma vez ou outra, tendo condições de controlá-lo. Imaginei ter sido a busca pela pinga uma maneira encontrada por ela de se permitir ser cuidada, seja pela família ou no CAPS, como se a busca pelo álcool fosse uma maneira de dizer aos outros e a si mesma que ela também requeria cuidados e a preocupação de controlar e ajudar a todos, era impossível ocorrer. A característica de “trabalhadeira” enfatizada por ela, também ia de encontro com sua forma de ser, preocupada com o outro, sociedade e familiares.

Após a separação de seu primeiro marido, Catarina começou a fazer uso do álcool. Tive a impressão que, até este momento, ela buscava manter algum controle. Cuidava dos documentos da família, levava seus irmãos mais velhos ao médico, cuidava de seus filhos e intermediava as brigas dos pais. Ao perder o controle de sua própria vida, ao se separar do marido, entregou-se ao álcool. Foi constante em sua fala a frase “manter reservada”, como se fosse difícil para Catarina beber, perder o controle e ter as coisas fora dos trilhos.

Ao discorrer sobre suas atuais vivências acrescentou: seu “único defeito é o álcool”. Até dar início ao seu tratamento, sua relação com seus filhos estava conflituosa, pois eles não aceitavam o uso de álcool pela mãe.

Na época da realização da entrevista, Catarina ainda presenciava o sofrimento de sua mãe, as brigas entre os pais e, mais do que isso, o vício dos três irmãos. Com sua mãe aprendeu a

ser “trabalhadeira” e como ela, suportou as ofensas de seu primeiro marido. Para ela, sua mãe tornou-se uma pessoa caseira pela vergonha das brigas e da “pingaiada” que ocorriam em sua casa. As histórias de Catarina davam a impressão de que algo era transmitido pela família, o vício e a tolerância às brigas.

Há 16 anos Catarina está casada com o segundo marido. Perguntei se ele também bebia e ela disse que bebe controladamente e socialmente.

Ela diminuiu a bebida, apesar de relatar não beber descontroladamente, sendo sempre reservada. Continuava preocupada e cuidadosa com tantos outros, como por exemplo, despendia cuidados ao filho de sua colega do CAPS, acrescentando ainda que as pessoas gostavam dela, alegações essas contrariadas por seu marido, denominando-a de “boba”.

Sobre seu tratamento e suas conseqüências, afirmou estar melhor a relação com os filhos e, embora sinta vontade de beber, ela se “pega com Deus”, e frequenta o CAPS constantemente. Segundo ela, o CAPS contribuiu em seu tratamento, lhe possibilitando a reaproximação dos filhos e a possibilidade de acesso aos terapeutas. No CAPS-ad também, pode constatar, ao participar dos grupos, ser pequeno seu sofrimento perto de tantos outros.

Pelos relatos de Catarina pude perceber que sua ingestão de álcool não se caracterizava como toxicomania, na qual a droga se torna uma necessidade, o prazer é descartado e o consumo se transforma em compulsão repetitiva. A forma como usava o álcool parecia ser uma saída diante do desprazer, aproximando-se, então, do caráter positivo à procura da droga (Gurfinkel, 1995).

À espera do pai. Salomão

Salomão era um homem de trinta e seis anos, alto e magro. Eu o conheci no CAPS há aproximadamente um ano atrás e desapareceu por um tempo. Naquela época, ao abandonar o tratamento no CAPS, disse que seria internado em uma clínica de recuperação. No entanto,

ele retornou e declarou suas recaídas ao crack. Desde nosso primeiro encontro tive a impressão de ter ele condição econômica e financeira diferente dos demais, haja vista, as vestimentas e calçados que usava, bem como sua aparência, não apresentando marcas de sol ou trabalho pesado. Contava histórias da sua família, do dinheiro oferecido pelo pai e da oportunidade de estudos, distanciando-se assim das demais histórias.

Iniciou sua entrevista caracterizando sua vida como “complicada”, assim como muitos o fizeram. Apresentou recordações de sua infância e adolescência. Sua infância foi difícil, pois juntamente com sua irmã e mãe acordavam de madrugada para ir à escola e retornavam em casa somente à noite. Sua mãe permanecia distante devido ao trabalho e pouco tempo tinha para estar com os filhos. Aos treze anos, Salomão vivenciou a separação dos pais, fato que lhe trouxe conseqüências em sua vida afetiva. Apesar do pai lhe dar tudo o que pedia, sentia-o ausente e era tomado por uma indignação ao saber da existência da outra família do pai. Ele parecia gritar a dor do abandono e da solidão. Salomão recusava os objetos materiais, disponibilizados pelo pai, porque pareciam tomar o lugar do afeto parental. Para ele, a figura paterna fora substituída pela admiração ao tio e ao primo. O primeiro ensinou-lhe a profissão como também o uso do álcool. O segundo, fora ganhador de prêmios de montounbike, e foi quem o inseriu no “mundo burguês” e das drogas ilícitas. Antes disso, Salomão acreditava que apenas bandidos, criminosos e marginais se envolviam com drogas. Em pouco tempo, inserido no mundo das drogas, ele conheceu o crack. Naquela época, década de 1980, a droga acabara de chegar ao Brasil. Por diversas vezes foi internado em clínicas de recuperação, aos 19 anos, aos 22 e tantas outras.

Sua fala sobre a droga foi entremeada pela ausência do pai. Quando criança agarrava nas barras da calça do pai para que este não o deixasse, algo que não conseguiu evitar. Diante da impossibilidade de ter o pai presente, relatou ter tudo o que queria e do jeito que queria. No entanto, esta fala parecia se contrapor à ausência paterna. Essa constatação possibilitou a

compreensão de que a ausência paterna fora causa do seu encontro com a droga. Novamente a ausência afetiva foi relatada como causa do uso de drogas, ao dizer sobre o término de seu namoro e sua busca à droga como forma de amenizar seu sofrimento. A carência e a impossibilidade de ter tudo como gostaria, confirmados em seus relatos, pareciam ser justificativas para seu vício: “É lutar contra algo que você não pode, mas aquilo por dentro vai te consumindo e o sofrimento é enorme de você querer e não poder. Parece que é como se fosse uma coisa que fosse crescendo, vai tomando conta e aquele sofrimento enorme”.

Pela droga relatou que “desfalcou” a casa da irmã, “devastou” a casa da avó, sua mãe fechou-lhe as portas e seu pai falou estar agora, realmente sozinho. Diante disso, disse: “a água bateu em meu nariz”. Como dissera, resolveu morar sozinho para enfrentar o medo da solidão e o medo da responsabilidade. Reconheceu ser muito dependente, um “menino que não cresceu”. Falou também sobre a consciência de seu processo terapêutico: deveria sair do papel de filho, de vítima e de dependente, para assumir responsabilidades.

Na entrevista com Salomão, compreendi que silenciosamente seu comportamento compulsivo e repetitivo, dizia sobre o não controle diante da droga e a não aproximação das pessoas queridas. Ao final, sua constatação sobre sua dependência, não de drogas, mas de afeto. Era um menino que não crescera, um filho-vítima, aguardando *no mundo da ilusão* a chegada do pai.

Mesmo consciente das idas e vindas dos usuários, preocupava com aqueles que não mais voltavam, angustiava ao verificar ser a realidade bem diferente de minha ilusão de querer salvá-los e assombrava diante da naturalidade e iminência da morte relatada por eles e dos riscos da vida nas ruas e nas drogas. Os próximos *jogadores* apresentados, Idalina, Caimã, Benedito, Salomé e Zumbi, surgiram, mas logo desapareceram.

A dor de Idalina

Chegou para a entrevista um jovem garoto, que nunca participara de nossos encontros. Com cabelos curtos, trajando short e camiseta, e com um braço quebrado. Aos poucos fui reconhecendo sua feminilidade, a fina voz e os relatos como travesti. Por isso, resolvi chamá-lo Idalina.

Iniciou o relato de sua vida apresentando sua relação com a droga. Experimentou a maconha, a cocaína, o álcool e o crack. Usou o crack ao descobrir que seu ex-namorado também usava a droga. Perguntava-se: “Como é que pode uma pessoa me trocar por causa de uma droga de porcaria dessa”. E continuou: “Quer saber de uma coisa, vou experimentar para saber o que tem, que é melhor do que eu”. Ao utilizar o crack disse ter sentido uma sensação esquisita, sem palavras, demonstrando assim a falta de representação simbólica na colagem à droga, como apresentado por alguns autores (Gurfinkel, 1995; Santiago, 2001a).

Outro relacionamento e a humilhação que sentia no trabalho também justificaram o uso da droga. Idalina certa vez tentou o suicídio e ao ver essa primeira tentativa fracassada passou a usá-la cada vez mais. Falou sobre a difícil tarefa de lidar com a abstinência, a destruição da “moral”, “do caráter”, de seu próprio corpo e de sua saúde, causadas pela droga. O relato de vida com a droga se misturou ao relato de sua vida no meio familiar, por isso pensei que seu vício pudesse estar entrelaçado às suas vivências familiares. Sentia-se desvalorizada na família e desprezada por sua opção sexual. O pai o humilhava e agredia pela escolha sexual. Na entrevista, apresentou a grande mágoa sentida pelo pai, e a sua descoberta de que o pai, apesar de todo preconceito para com o filho, teve relações extraconjugais com travestis. Disse não ter chorado diante da morte do pai, “não derrubei nenhuma lágrima”.

Idalina falou ainda sobre a cena traumática de seu estupro, ocorrido quando tinha quatro anos de idade. De imediato, pensei que o estupro fora causado pelo pai, mas a continuidade do seu relato contestou minha suspeita, mesmo assim, a mantive. Sua mãe diante do ocorrido, ao

invés de cuidar do filho, o agrediu. Tal história me trouxe sensações de indignação e repulsa para com os agressores. Em seguida ao relato sobre o estupro, iniciou sua história como travesti, o desbravamento a partir de sua escolha sexual e a força adquirida ao retomar seu tratamento.

Sua relação com a droga parecia encaixar-se ao estupro velado transcorrido no seio da família. Na vida de Idalina inúmeras foram as perguntas sem respostas, e em seu lugar, o silêncio: o estupro, as relações do pai com travestis e sua agressividade. O silêncio e a falta de representação foram deslocados para sua relação com a droga, já que a colagem à mesma parecia possível graças a uma falta representacional. Diante do que transcorria silenciosamente, sucediam tentativas vãs de nomeá-lo ou representá-lo simbolicamente, sendo, então, o objeto perdido.

Para compreender o silêncio do objeto perdido e a constituição do sujeito desejante, faz-se necessário acrescentar o elemento referente ao papel do mediador/cuidador, responsável por inserir o sujeito em constituição no mundo simbólico. O mediador, também sujeito da falta de um objeto perdido e ser de desejo em busca de significações diversas, apresenta ao outro o mundo simbólico de maneira invertida. Para desempenhar seu papel de mediação é necessário desejar o outro ao qual lhe apresentará o mundo representacional. Pela dupla falta, do mediador e do próprio sujeito em constituição, este vai tentando preencher a falta que supõe existir no outro, procurando ser o objeto de desejo do outro. Como um fantasma, isso passa a regular a vida do sujeito, suas escolhas e também sua posição sexuada (Souza, 2003). Silenciosamente, Idalina parecia assumir uma condição desejada pelo pai, a de travesti. Em seus relacionamentos também se colocou na posição desejada por seus companheiros, ao colar-se à droga.

Apesar de todos os esforços para ser desejada, repetiu a fala sobre não valer nada e da sua tristeza ao ouvir sua mãe dizer-lhe que causava vergonha. Ocorreram quatro tentativas de suicídio, ensaios para calar sua própria vida, de exterminar o velado, o que se repetia.

Por um período, restou-me a angústia por saber onde ela estaria. Estaria bem? Por que foi apenas uma vez ao CAPS? Libertou-se do crack? Mas a relação com os sujeitos usuários do CAPS foi me ensinando que o mundo é muito maior do que a minha visão missionária. E mais uma vez, foi necessário desfazer a ilusão de que seria capaz de salvá-los da droga.

Mestres e capoeiristas contam a história de rodas carregadas de axé, entidades podem surgir entre os viventes jogadores. E Idalina surgiu como entidade em nossa *roda*, apareceu, me proporcionou um grande aprendizado e não mais retornou.

Uma fuga da realidade. Caimã.

Dizia ter sido um grande capoeirista, mas após sofrer um derrame sentia-se impossibilitado de fazer a Capoeira. Eram visíveis algumas dificuldades motoras do senhor de quase cinquenta anos, causadas pela doença. Como outros entrevistados, iniciou falando sobre o uso de drogas. Segundo ele, a bebida e o uso de drogas estragaram sua vida. Relatou a inserção ao mundo das drogas quando começou a trabalhar para ajudar em casa.

Ele deixou suas histórias: o amor impossível pela prima, o casamento infeliz com outra mulher, a separação, e a violência do pai e sua mãe. Começou a beber para esquecer sua mágoa e as inconcretudes que fizeram parte de sua vida. Falou também sobre sua timidez, causadora de inúmeras barreiras. Caimã contou sobre uma tentativa de homicídio cometida por ele, uma das facetas da pulsão de morte em sua vida.

Discorreu sobre algo denominado “dormir para trás”. Saiu andando pela cidade a pé acreditando ser Jesus Cristo. Era como se Deus o guiasse, até adentrar na igreja, onde o padre lhe falou que era regressão. Após a sua “volta pra trás”, acreditou que sua “cabeça não ficou

boa”, fez dívidas e entrou em depressão. Procurei um sentido às palavras “dormir para trás”, e então, encontrei a palavra *acordar*. Pelo surto que tivera, teria, então, acordado da realidade?

Herrmann (2001) compreende a distinção entre real e realidade. Para o autor, a realidade é apenas uma representação do real. A realidade é um mundo de fantasias criado pelos seres humanos, regido por princípios racionais e lógicos. No seu inverso permanece o real, “composto não de coisas propriamente ditas, mas de linhas de força, ou sistemas de sentido humano” (p.36). O real somente pode ser observado pelo efeito na representação, sendo esta uma fantasia. O real permanece sem lógica em consonância com o delírio e a irracionalidade. E o desejo, parcela do real seqüestrada no íntimo do indivíduo, é “o abismo interior que desconhecemos” (p.37). Assim, compreendo a irracionalidade humana, transvestida em racionalidade, e o estranho do humano transformado em consenso. A realidade construída, os horários, a organização estatal e jurídica, os carros, as casas e a mídia, apesar da aparência estável é efêmera, demonstrando sua fragilidade.

Caimã teria acordado da realidade? Teria entrado em contato com sua lógica de concepção, o real? Por isso, após o surto teria entrado em depressão? Talvez tenha se deparado com as impossibilidades a ele impostas, o distanciamento da prima, a violência e o machismo do pai e a fragilidade da mãe. Seu delírio parecia contar de um caminho diante do impossível.

Assim como Idalina, Caimã não mais retornou ao projeto CAPS-POEIRA, deixou apenas as lembranças de suas histórias e vivências.

A técnica e o delírio de Benedito

A entrevista foi realizada porque Benedito estava com as palavras soltas e encontrou-me no corredor com o gravador na mão. Iniciou sua fala informando sobre Alderbarã, estrela Áustria da constelação de Escorpião. Por não entender sobre constelações e por não compreender o sentido de sua fala, sugeri que ele discorresse sobre sua vida. Novamente meu

movimento foi produzir a direção do diálogo, o que se contrapunha com a livre associação de ideias, proposta psicanalítica. Ao analisar este movimento e tantos outros pude compreender ser este trabalho dissertativo também meu próprio aprendizado.

Contou sobre sua origem étnica familiar e demonstrou ser conhecedor da história do Brasil, de Psicologia e conhecimentos gerais. Inicialmente, utilizou uma linguagem polida e técnica. Disse ter tido acesso a livros e internet, mas naquele momento residia em um terreno baldio com um “bando de maluco”. Vidas distintas e opostas, aquela que tivera entre livros e internet, e a atual, entre um “bando de maluco”. Ao escutar sobre a escolha de viver a vida em um terreno baldio e abandonar a vida de conforto, algo me soava estranho. Foi difícil compreender a “escolha” pelo novo lugar, pela nova vida, pelos novos amigos e hábitos. Disse que sua experiência proporcionava conhecimento “de coisas que nunca saberia”, nem em livros e internet.

Relatou sobre seu conhecimento de máquinas e sua vontade de compreender a “máquina humana”. No entanto, pelos percalços da vida ele se prostrou diante do ser humano e reconheceu sua “incomplacidez” e sua estranheza. Reconheceu não saber trabalhar com esta “máquina”, ou seja, o ser humano. Em determinado momento da entrevista refleti sobre a impossibilidade de compreender o ser humano por meio da teoria e da técnica, sendo, por isso, estranho quando comparado a uma máquina. Viver com um “bando de maluco”, nas minhas formulações, parecia o aproximar da estranheza humana, distanciando-o da realidade técnica e teórica, na qual vivia anteriormente. Realidade que, como pude compreender com Herrmann (2001), é uma fantasia criada pelo ser humano, regida por princípios lógicos e racionais. Permanecendo inversamente o real, o estranho e o desejo, sem lógica, desconhecidos e consonantes à irracionalidade.

Benedito falou sobre a relação com o pai, pautada na técnica dos conhecimentos, na ausência e frieza. Sobre sua mãe apresentou a ambivalência e ambigüidade, confirmando a

tese de Silveira (1995), que para os toxicômanos a imagem materna evoca uma sensação de vazio e afastamento e a imagem paterna impactante e paralisante.

Dialogamos também sobre a droga. Diante de suas perguntas insistentes, respondi brevemente o que achava sobre o uso de drogas. Segundo ele, aproximei-me dos usuários ao deixar a técnica e falar do sonho e fantasia... ao falar de real de desejo, e não de realidade.

Ao final da entrevista, ocorrida por acaso, pude perceber serem as primeiras palavras de Benedito, técnicas e frias, contrárias ao sonho, a estranheza da vida humana e o delírio. Compreendi, então, que para aproximar da vida humana, de sua estranheza e fantasias, assim como ocorreu com o entrevistado ao deixar sua vida de livros e internet e mudar-se para um terreno baldio junto com “malucos”, seria necessário abrir mão da técnica e do saber de *expert*.

Salomé

Olhava para Salomé e observava um homem de meia-idade, pacato e tranqüilo. Narrou brevemente os acontecimentos de sua vida, seu trabalho, sua idade e seu “único” problema, o alcoolismo. Sua fala era curta e por diversas vezes pronunciou: “É só isso mesmo”, e até falou: “Minha história mesmo, eu quase não tenho”, em um diálogo em que minhas perguntas quebravam constantemente seu silêncio.

Fui identificando a vida de Salomé entrelaçada ao álcool, como se sem este não tivesse problemas, angústias e nem mesmo uma história própria. Suas relações pareciam se sustentar nos conselhos contra seu vício. Por vezes, ia ao bar apenas para escutar o conselho do vendedor para não beber e então se retirava. Seus pais e amigos também o aconselhavam, e para ele isso bastava.

Ele residia com seu filho de sete anos e ao lado da casa de seus pais, de “pareo”. Aparentemente, a relação entre eles se mostrou tranqüila e sem grandes conflitos. Sobre o

cuidado ao filho falou: “Eu e ele dá muito certo, fora da bebida. Fica só me abraçando. Ele gosta quando eu deito no sofá e ponho os pés no colinho dele, ou quando ele gosta de deitar e pôr a cabeça no meu colo. Eu e ele dá muito certo”. Ao retomar aos seus relatos reconheci uma lacuna deixada por mim. Não verifiquei como então seria sua relação com o filho “fora da bebida”. Mas mantive a impressão de Salomé ser um pai carinhoso. A mãe do garoto abandonou-o quando tinha apenas dois anos de idade. Naquela época era uma adolescente de dezesseis anos, mãe de dois filhos, em união estável com Salomé. Ele a considerava uma mãe desnaturada, não somente pelo abandono do filho, mas também porque quando moravam juntos agredia o menino. Ao reencontrar a mãe do garoto dissera à ela: “Você pode voltar pra lá onde você tava. Nós não vamos precisar de você não”. E completou: “Eu já não gostava dela e ela judiava muito do menino. Aí eu fiz boletim de ocorrência porque tinha desaparecido, depois eu fiz outro de abandono de lar, porque ela foi embora”. Nesse momento da entrevista identifiquei um sentimento de abandono vivido por Salomé, e em minhas reflexões, parecia insignificante a grande diferença de idade entre pai, mãe e filho. Tive a impressão de haver um deslocamento das funções socialmente estabelecidas de mãe, pai e filho. O pai, diante do abandono, parecia ser filho, assim como a mãe-esposa, que o abandonara, confusões essas percebidas como sendo o deslocamento citado.

Na sua relação com a droga, iniciada aos doze anos, Salomé narrou que ao invés de ficar “à toa” preferia ir ao bar para beber. Essa ação aproxima-se da comparação da adicção com o “acting out” demonstrada por Gurfinkel:

A única forma encontrada de fugir do tédio é o ato, e neste sentido “acting out”, pois trata-se de uma atuação cuja função principal é o alívio da tensão; mas, ao mesmo tempo, a própria ação é a forma de comunicação do indivíduo que não pode veicular sua mensagens pela comunicação verbal (1995, p.42).

Sobre seu tratamento no CAPS-ad disse preferir retornar ao trabalho ao invés de frequentar o CAPS-ad, sendo o trabalho considerado por ele uma forma de tratamento. Falou também que faz uso de medicação, parte de seu tratamento. Encerrando, assim, sua entrevista.

Nas histórias da vida de Salomé, atreladas ao álcool, reconheci a análise teórica de Silveira (1995) de que a droga se constitui para o toxicômano um meio de existir, podendo concretizar a possibilidade de existência do sujeito. Suas histórias pareciam não existir se não fosse a bebida. Ao lembrar-me de suas palavras continuei com a impressão de um homem pacato e tranqüilo. E sua vida *sem histórias* arremessou-me a um lugar de vazio e desolação.

Como um Zumbi

O jovem de aproximadamente vinte e sete anos iniciou a entrevista cabisbaixo. A entrevista com Zumbi, por determinado tempo, se pautou na problemática da droga e nas conflitivas familiares.

Descreveu a sensação agradável ao usá-la ao dizer “é gostoso”, a “droga é gostosa”. E assim como outros entrevistados, disse ser complicada sua vida. Relatou também sua dificuldade em controlar o vício: “fumei minha moto e meu computador” e descreveu suas vivências à beira da morte, provocadas pela droga, ao se comparar com uma caveira.

“Inferno”, foi a palavra utilizada para descrever sua infância. Aos dezoito anos fugiu de casa e, sem dar notícias, permaneceu em outra cidade por sete anos. Nesta cidade ele não fez uso do crack, voltou a usar a droga apenas quando retornou à sua casa, onde moravam sua mãe, irmão e padrasto. Para justificar sua fuga, relatou a mágoa ao se sentir sem lugar naquele lar. Acrescentou sobre o rancor para com o irmão e as brigas travadas entre eles, ocorridas principalmente quando estava sob efeito da droga. Contou sobre a boa relação com o padrasto que sempre lhe deu força e ergueu-lhe a mão quando estava “no fundo do poço”. Contou ainda sobre o abandono do pai biológico quando tinha apenas um ano de idade, e

acrescentou: “Meu pai nunca me deu nada. Nunca me deu um bico pra mim chupar, nunca me deu um leite pra mim beber, uma mamadeira, nunca me deu”. E ao questioná-lo sobre a relação com a mãe, primeiramente disse: “Minha mãe parece que é mais do lado do meu irmão do que comigo”. Logo vieram as lágrimas e o pedido para que o gravador fosse desligado.

Após dizer sobre a inferioridade sentida no meio familiar, enxugou as lágrimas e ergueu seu rosto e o olhar, escondidos durante a entrevista. Começou a contar histórias que pareciam delirantes, histórias que me envolveram, entorpeceram, causando medo. Até pensei em interrompê-lo e desacreditá-lo, mas permiti que suas palavras fossem ditas. Pensei em desconsiderar seus relatos e abafar o incômodo provocado, mas ao retomar os estudos sobre campo de afetação, sobre as inscrições a-significantes e suas potencialidades, sobre o delírio, a loucura, o real X realidade, passei, então, a analisar sua entrevista com afinco, buscando uma possível compreensão para o que ocorrera durante sua a realização e após seu término, devido as sensações permanecidas em mim. A partir desse encontro, reconheci ainda mais a importância de se considerar o campo de afetação, as inscrições inomináveis e seu potencial criativo, apresentadas por Maia (2001).

Maia (2001) considera a existência de inscrições e processos psíquicos que se “furtam ao esquematismo representacional”, reconhecidos por Freud a partir da segunda tópica. Ao invés de considerá-los processos arcaicos e adormecidos na fase adulta, a autora acredita que eles possibilitam processos subjetivos fundamentais e criadores (p.267). São processos além ou aquém da linguagem, e mesmo com a aquisição desta, se mantêm.

Reconheço o potencial criativo do ser humano e os diversos caminhos encontrados por ele para solucionar um conflito. Compreendo a existência daqueles que utilizam as drogas para uma fuga da realidade, mas há também a possibilidade de reagir, de traspor ou até mesmo sobreviver na realidade pelo delírio ou pela arte. Entendo serem as inscrições primárias

inomináveis provocadoras da criatividade e potencialidade humana. Ainda é possível compreender que a busca por caminhos distintos, positivo ou negativo, ocorrem pelos também distintos modos de pulsão Tanatos e Eros. As inscrições primárias, desligadas da representabilidade, podem se ligar à pulsão de morte e/ou à pulsão de vida. Os sujeitos toxicômanos mantêm as inscrições ligadas a Tanatos. Sendo assim, acredito que, se os sujeitos toxicômanos não ligassem suas inscrições primárias a Tanatos, poderiam ligá-las à Eros, tornando-se, então, subjetivante e provocando a expansão da vida do sujeito.

Tive a impressão de que Zumbi, distante das drogas por um ano, teria encontrado Eros por meio de seu potencial criativo, vindo de sua história fantástica e/ou religiosa. Ao falar sobre seu “corpo fechado”, os fantasmas que o acompanhavam e o sonho dos corpos mortos ao chão, envolvidos por lençóis, Zumbi foi capaz de erguer os olhos e encontrar sentidos para se sustentar diante do sentimento de inferioridade, surgido no seio familiar. As inscrições primárias pareciam se apresentar na não lógica daquelas palavras. Parecia, que as inscrições, anteriormente ligadas à pulsão de morte, tornavam-se subjetivantes.

Zumbi relatou também sobre uma nova droga, criada em sua imaginação, capaz de dizimar os drogadictos. Ela os atrairia pelo cheiro e por ele fariam antropofagia. Para Dolto, a “imagem respiratória é a mais arcaica [...] é a imagem do corpo mais profunda e uma das expressões mais puras da pulsão de morte” (1991, p.21). A imagem respiratória apresentada por Dolto pode ser comparada ao encontro com a morte dos novos drogadictos, atraídos pelo cheiro. Para mim, a pulsão de morte na vida de Zumbi, passava a se alojar no sonho e na ilusão, distanciando-se da sua própria vida e realidade.

Dolto ainda considera o processo transferencial:

Na cura, o corpo do analista está constantemente exposto à palavra do outro e extremamente sensível à sua presença. Ao mesmo tempo, esta entidade que nós chamamos “corpo do analista” – e que deveríamos para sermos mais exatos,

denominar “imagem do corpo do analista”- constitui um dos lugares de consolidação da transferência (1991, p.52).

Assim, na entrevista com ele, considerei as sensações e os sentidos em mim suscitados, o medo, a crença naquelas palavras e também a sensação de poder-potencialidade vinda de Zumbi após enxugar suas lágrimas, levantar seu olhar e contar histórias de desencarnados.

Ao especificar o tratamento de pacientes adictos, Maia apresenta que “as primeiras transformações psíquicas não se dão no interior das cadeias significantes, mas sim no embate “corpo a corpo” entre analista e analisando, em que, como vimos, o corpo, atravessado por marcas e impressões arcaicas, comporta intensidade, afetividade e intencionalidade” (2001, p.282). E ainda:

Há momentos que não se trata de traduzir em fantasmas ou significantes, em que as palavras sobram ou soçobram, e só existe a possibilidade do silêncio. Nesses momentos, é preciso compartilhar, entrar em sintonia e fazer surgir o inominável, presente em atos e acontecimentos que fazem sentido como afeto sentido, mas que não significam, uma vez que não se exprimem por meio de significantes” (Maia, 2001, p.282).

No encontro com Zumbi, suas palavras e também seu silêncio transmitiram algo que transpôs as barreiras da racionalidade e era carregado de intensidade, afetividade e intencionalidade, que soçobraram à minha consciência. Para mim, sua entrevista, seus fantasmas e sua potencialidade expansiva, demonstraram uma forma singular de dar sentidos, mesmo que distantes da consciência humana, ao seu processo de afastamento da droga e às angústias sentidas no seio familiar.

4.3 A roda está formada

Apresentado cada *jogador e participante da roda* pude reconhecer o que era comum e peculiar entre eles, e o que versava sobre o mundo da droga.

Eu vinha para este novo lugar, o de coordenadora do grupo, com algumas ressonâncias da minha jornada no CAPS-ad. A droga e/ou o álcool pareciam possibilitar a existência àqueles entrevistados, como se desfacelassem caso não se colassem à droga. Ela parecia emergir como uma saída precária diante da vida.

O suicídio, a auto-mutilação e a violência surgiram entre os vários momentos de aproximação junto aos drogadictos. Considerando a pulsão de morte e sua impossibilidade de representação (Freud, 1920/2006), fui reconhecendo na composição institucional cenas de degradação. Parecia que as inscrições não representáveis não se calavam e levavam os sujeitos a recorrerem à droga repetidamente e compulsivamente.

Entre eles emergia a argumentação biológica, para justificar a dependência química. A instituição, por sua vez, com seus próprios discursos, considerava-a doença e buscava solução provisória e frustrada por meio dos remédios.

Contaram de sensações e sentimentos que os levaram às drogas. Exploraram sobre a trama familiar que os envolveram e os constituíram. O medo do abandono e o medo da solidão ecoavam e ressoavam no lugar institucional.

Nas próximas investidas discorrerei sobre *os jogos, as brincadeiras, a luta e a dança* em que nela ocorreram os encontros grupais.

4.4 A cadência da Capoeira Angola nos grupos operativos

Movida e movimentada por minha experiência prévia com os usuários do serviço CAPS-ad, foi possível formular os encontros, tendo como referência as considerações dos teóricos estudados, somados às minhas vivências naquele lugar. Era evidente o envolvimento dos

usuários do serviço com a droga e o distanciamento gradativo de seus afazeres cotidianos. A droga centralizava a atenção da maioria dos sujeitos assim, suas vivências alteritárias e simbólicas se restringiam.

Os recursos presentes na Capoeira foram utilizados para proporcionar ou instigar a abertura para novas possibilidades, indo além do objeto droga.

Ao apresentar a Capoeira Angola, considerando sua gênese uma criação simbólica elaborada por sujeitos marginalizados e silenciados pelo discurso normatizador, com narrativas que poderiam apresentar resistência social, movimentação social e (re) elaboração histórica, propus uma possibilidade de movimentação transversal diante da norma social, que como descrita no item 2.3, refere-se à possibilidade do grupo se transformar de submetido ao grupo sujeito, que fala e é ouvido (Kamkhagi, 1986).

A proposta central do projeto CAPS-POEIRA, presente nas *rodas de discussões*, encontros de *movimentação* e *musicalização*, era provocar, por meio da Capoeira Angola e o saber popular dessa prática, um movimento contrário ao funcionamento instituído da unidade e promover movimentações no cenário institucional e nos papéis-lugares, os quais os usuários do serviço foram assumindo ao adentrar a lógica da instituição e da sociedade.

A Capoeira poderia vir para causar POEIRA, provocar movimentações corpóreas, físicas, institucionais, sociais, promovendo rupturas com as estereotipias dos sujeitos drogadictos, ao demonstrar e apresentar àqueles usuários do serviço CAPS uma arte, cultura e luta construídas no embate frente à marginalização. Como apresentado por Abib (2004):

A capoeira angola pode ser vista enquanto uma luta social, pois ainda que através do enfrentamento indireto e dissimulado, ela fornece elementos aos seus praticantes, que permitem a eles enfrentar determinadas dificuldades e obstáculos impostos por uma sociedade excludente e autoritária, bem como questionar os valores de uma sociedade consumista e mercadológica. Esse aprendizado desenvolvido nas rodas e no jogo da

capoeira, torna-se então um aprendizado social, a partir do momento que o praticante de capoeira é capaz de fazer analogias entre a sua prática na roda de capoeira e as possibilidades de utilizar esse aprendizado na “roda da vida” (p.132).

No primeiro encontro cuja proposta era *roda de conversa*, foi apresentada a história da Capoeira, dos negros vindos ao Brasil, da escravidão, da alforria, do Quilombo dos Palmares e da Guerra do Paraguai. Sobre a abolição da escravidão reportamos ao dia 13 de maio e as lutas dos escravos que antecederam a sanção da lei Áurea (Soares, 2004). Foram levantados questionamentos sobre a forma como ocorreu a abolição, apresentando suas falhas e resquícios, presentes na sociedade atual, como as desigualdades sociais e a discriminação racial.

Também foram abordadas histórias sobre as senzalas, os quilombos e os diversos costumes africanos trazidos ao Brasil, aqui ressignificados, tendo como exemplos, a Capoeira e a religiosidade. Surpreenderam ao saber que as pirâmides egípcias eram africanas, e ao descobrirem sobre a existência de diversas criações africanas, ainda utilizadas nos dias atuais, como por exemplo, o processo de cesariana (Rodrigues, 2007a).

A história de Zumbi dos Palmares, sua fuga para o quilombo e luta para sobrevivência, também foi apresentada ainda neste encontro. Localizado na Serra da Barriga em Alagoas, o Quilombo dos Palmares tornou-se conhecido por sua resistência à escravidão e pela constituição de uma aldeia mantida por cem anos. Em 20 de novembro de 1695, Zumbi foi morto e Palmares destruído. Esta data se tornou motivo de celebração da resistência da cultura negra e/ou afrodescendente (Rodrigues, 2007b).

Também neste encontro foi apresentada a história da Guerra do Paraguai e a batalha de Humaitá. Humaitá foi uma fortaleza criada pelo exército paraguaio para proteger a capital do país de invasões estrangeiras. A Guerra do Paraguai iniciou pelos interesses econômicos do país que visava expandir seu território para adquirir novas rotas comerciais. Os capoeiristas

foram recrutados, obrigatoriamente, para combater o exército paraguaio e utilizaram a capoeira em combate (Braga, 2007).

Assim, manifestações de resistência dos negros e da cultura afrobrasileira foram apresentadas e debatidas junto ao grupo dos usuários do CAPS-ad, não apenas para conhecerem os acontecimentos históricos, mas principalmente constatarem a exclusão, a marginalização e o preconceito, que são fatores e condições sociais construídos historicamente, recorrentes na realidade brasileira atual e do próprio grupo.

No segundo encontro (primeiro encontro de *movimentação*), a proposta foi realizar as atividades em duplas, para que ocorresse uma maior interação grupal, como também uma observação e atenção ao outro. Isso se justifica pelo fato de muitas vezes os usuários do serviço CAPS não se atentarem a si mesmos e ao outro, como se estivessem alheios aos seus próprios atos, algo observado em falas e atitudes no grupo. Cito como exemplo uma usuária do serviço e seu distanciamento das atividades do projeto. Mesmo tendo participado de alguns encontros, em outros se mostrou alheia às atividades. Outra situação foi a de alguns usuários que apareciam nos encontros, mas se mantinham inertes à presença e movimentação dos colegas, funcionários e oficineiros.

No terceiro encontro do projeto (primeiro encontro de *musicalização*), em um círculo e sentados em cadeiras foi feita a marcação rítmica com o caxixi. No contra-tempo do toque do berimbau eles tocavam uma vez o chocalho e passava-o para o colega ao lado. Para tanto, uma coesão grupal e atenção seriam necessárias para que o ritmo criado pelo grupo com a marcação do caxixi, se mantivesse. Quando a atividade já era dominada por todos, outros caxixis entraram no círculo, dificultando um pouco mais a atividade, exigindo maior atenção. Em um segundo momento, os instrumentos presentes na roda de Capoeira foram apresentados e seus respectivos ritmos. Para cada participante foi entregue um instrumento e tocado. Ao final desse encontro, quiseram relatar a experiência proporcionada pela atividade inicial.

Disseram sobre a importância de se atentar ao outro e ao ritmo para que houvesse uma coerência grupal, e perceberam que se um participante saísse do ritmo as próximas marcações teriam a tendência de manter o erro, por isso, em determinado momento seria necessário se atentar para modificá-lo. A auto-responsabilização foi proposta, como também a atenção ao outro. E sem que instigasse a discussão sobre elas, os próprios usuários do serviço perceberam-nas.

No quarto encontro (segundo encontro de *roda de conversa*), a proposta era discutir sobre os enfrentamentos diários, como alguns lidam com a falta de moradia, com a polícia, a marginalização, a falta de emprego, e para outros, os enfrentamentos no trabalho, os lugares em que freqüentam e a rotina cotidiana. Para tanto, foi apresentada a ladainha Retrato de Salvador:

Igreja do Bonfim/ E o Mercado Modelo/ Ladeira do Pelourinho/ E a baixa do sapateiro/ Igreja de São Francisco/ E a praça da Sé/ Onde ficam as baianas/ Vendendo acarajé/ Vou falar de Itapoan/ Lagoa do Abaeté/ Esta é minha cidade/ Venha quando tu quiser (Domínio público).

Ao apresentar uma cidade, a rotina de seus habitantes, a partir da ladainha, acreditava que os participantes do grupo relatariam sobre seus embates diários. No entanto, o que ocorreu foi uma reflexão grupal sobre os “lugares de ativa”, considerados por eles como lugares potencialmente sugestivos para o consumo de drogas, e o diálogo se fixou na problemática da droga e na dificuldade de libertação do vício.

No quinto encontro (o segundo com *movimentação*), a brincadeira com a ginga foi utilizada como uma tarefa explícita, mas teve como pano de fundo o chamado para a auto-responsabilização. O aquecimento foi feito com uma corda movimentada no chão em zigue-zague pela qual todos passariam de um lado para o outro tendo o cuidado de não se esbarrar no colega e não pisar na corda. Após este aquecimento, em círculos feitos no chão com giz,

em que todos os círculos formavam um círculo imaginário maior, os participantes fariam um movimento e ao som de minhas palmas saíam de seus círculos e abrigariam o círculo ao lado, modificando, então, a movimentação. Após essa atividade, cada um permaneceria em um círculo gingando, e ao som de minhas palmas trocava de círculo aleatoriamente com algum colega, tendo sido previamente contatado pelo olhar.

O fato de muitos não se olharem previamente antes de movimentar nos círculos, resultou na ocupação de qualquer círculo que restasse. Outros tentavam trocar de lugar com o colega, mas algumas vezes o círculo era ocupado por aquele que não olhava para ninguém. Outros conseguiram trocar de lugar com o colega que olhava. Alguns pareciam resistir ao olhar do colega e o grupo sentiu que estas pessoas desorganizavam a brincadeira, assim chamavam-nas para responsabilizar-se, solicitando a não ocuparem qualquer círculo. O intuito do desenvolvimento dessa atividade era promover um comprometimento com a brincadeira e a compreensão da importância do papel de cada um do grupo. Ao final, discorri sobre os diversos papéis possíveis, dando como exemplo os elementos da Capoeira, quais sejam, o tocador, jogador, observador, e sobre a possibilidade de experimentar um novo lugar, circulando pelas diversas posições, pelos diversos círculos. Observei também que os integrantes lembraram dos movimentos estipulados para serem realizados em cada círculo. Na segunda atividade desenvolvida, de troca de círculos com o colega, foi importante o exercício de levantar o olhar, olhar ao outro, e ser olhado. Além disso, para os jovens que naquela ocasião eram atendidos no CAPS-ad, foi fundamental a brincadeira inicial, de pular a corda movimentada em zigue-zague no chão. Garotos e garotas que já vivenciavam a vida dura e a realidade social, e rondavam as ruas embalados pelo crack, nesse momento, puderam brincar, divertir e sorrir.

O sexto encontro (segundo encontro de *musicalização*), teve como atividade inicial a marcação rítmica com uma bolinha de tênis, quicada ao chão no contra-tempo, ao mesmo

tempo em que era passada para um colega presente no círculo e em pé. A escolha do colega para o qual a bolinha seria passada era aleatória, dessa forma, também deveriam ficar atentos para que a mesma não caísse no chão fora do ritmo. A conclusão da atividade e do encontro foi similar ao primeiro encontro de *musicalização*.

No sétimo encontro (terceiro encontro de *roda de conversa*) a história do mestre Pastinha, sua vida, conquistas e sofrimentos, seu encontro com a Capoeira e sua morte, foi utilizada como disparador para que os integrantes do grupo relatassem e assim refletissem sobre suas próprias vidas e suas trajetórias. Vicente Ferreira Pastinha nasceu em 5 de abril de 1889, em Salvador. Aos dez anos de idade iniciou a Capoeira com mestre Benedito, africano que resolveu ensiná-lo por vê-lo apanhar de um garoto no bairro onde morava. Também foi marinho, mas continuou com a prática da Capoeira e passou a ensiná-la no bairro da Liberdade, na cidade de Salvador. Mestre Pastinha recebeu das mãos de Amorzinho a responsabilidade de coordenar as atividades de Capoeira Angola, iniciadas na Gengibirra, no bairro da Liberdade. Em seus ensinamentos da Capoeira, Pastinha buscava manter os fundamentos da tradição africana. Visava uma “estética de jogo mais simbólica e subjetiva, na ludicidade, no companheirismo, no respeito, na ética e nos valores humanos” (Abib, 2004, p.107).

No oitavo encontro (terceiro encontro cuja proposta era a *movimentação*), organizei basicamente um treino de Capoeira Angola, com alongamento, aquecimento com a *ginga*, realização de *meia-lua-de-frente*, *chapa*, *negativa*, *rabo-de-arraia* e *au*. E ao final o desafio com um movimento conhecido como *bananeira*, no qual os braços sustentam e mantêm o corpo equilibrado de cabeça para baixo. O encontro não fora organizado baseado em teoria ou técnica grupal, foi simplesmente um treino básico de Capoeira, que por si só demonstrou ser genuinamente terapêutico.

No nono encontro (terceiro encontro de *musicalização*), tocamos todos os instrumentos, berimbaus, atabaque, reco-reco, agogô, pandeiro, e também cantamos alguns corridos. Novamente foi apreendido o grupo funcionando como um todo e a importância de cada integrante para a harmonia grupal. Alguns dos corridos cantados estão a seguir:

*Ô Santa Bárbara que relampuê,
ô que relampuê que relampuá (coro)*
(Domínio Público)

O corrido acima faz referência à Santa Bárbara que no sincretismo religioso corresponde à Iansã, deusa dos ventos e trovões.

*Saia do mar
Saia do mar marinheiro (coro)
Saia do mar marinheiro
Saia do mar estrangeiro*
(Domínio Público)

*Ponha lá vaqueiro
Ponha jaleco de couro (coro)
Ponha jaleco de coro
Na porteira do curral*
(Domínio Público)

Diversos corridos fazem menção às atividades realizadas pelos capoeiristas, e muitos trabalhavam como marinheiros, vaqueiros, entre outras, assim como foram nossos mestres Pastinha e João Pequeno, respectivamente.

*Vou dizer a meu senhor
Que a manteiga derramou (coro)
A manteiga não é minha
A manteiga é de ioiô*
(Domínio Público)

Tal cantiga faz referência ao período de escravidão.

*Paranaê, Paranaê, Paraná (coro)
Vou dizer minha mulher, Paraná
Capoeira me venceu, Paraná*
(Domínio Público)

O corrido acima, bem conhecido no meio popular, faz menção ao rio que separa o estado do Paraná e o território paraguaio, regiões de possíveis confrontos da Guerra do Paraguai.

A trajetória do mestre João Pequeno foi contada com o intuito de iniciar um diálogo sobre família e posições assumidas no meio familiar. Isso ocorreu no décimo encontro geral (quarto encontro de *roda de conversa*). João Pereira dos Santos nasceu no interior da Bahia, Araci, em 1917. Acompanhou seus pais na trajetória por Serrinha, Alagoinhas e Mata de São João, onde foi trabalhador no campo, chamador de boi, carreiro e aprendeu a Capoeira com mestre Juvenço. Acompanhou seus pais até completar 25 anos, quando mudou para Salvador. Nesta, foi servente de pedreiro, e nela também conheceu mestre Pastinha. Mestre João Pequeno recebeu o título de cidadão da cidade de Salvador, de doutor *honoris causa* e o título de comendador, ao receber a medalha da Ordem do Mérito Cultural (Rodrigues, 2007c). Ao relatar as experiências vivenciadas pelo mestre ao longo de sua vida e seus ensinamentos, visava suscitar entre os integrantes do grupo um diálogo sobre as relações interpessoais, especificamente a familiar, as dificuldades diárias e as possibilidades de superação.

As atividades foram encerradas com uma roda de Capoeira Angola, sendo este o décimo primeiro encontro. Na roda de Capoeira forma-se um círculo e parte dele é preenchido por cadeiras nas quais ficam os tocadores. No chão permanecem os outros participantes. No desenrolar da ladainha, dois jogadores se aproximam do berimbau e agachados ouvem a ladainha, a louvação e aguardam o corrido para iniciar o jogo. Está feita a roda, os jogadores se revezam no jogo, na dança, na brincadeira, enquanto todos respondem o coro e os tocadores mantêm o ritmo cadenciado.

A seguir, vou discorrer sobre as revelações grupais, apresentando os caminhos interpretativos delineados.

4.5 “Vem jogar mais eu”: as revelações grupais

Primeiramente esclareço que as revelações grupais apresentam as afetações mobilizadas nos encontros. As sensações e vivências reveladas a cada semana e a pluralidade de vozes se misturaram com as minhas, ampliando os sentidos da intervenção.

Pela lógica institucional, o grupo era aberto. Novos usuários surgiam a cada encontro. Psicóticos e neuróticos se misturavam, se apresentavam, desapareciam e ressurgiam, sendo esses movimentos desafiadores. A dificuldade de receber novas pessoas no grupo já iniciado e de lidar com sujeitos que por vezes estavam embriagados, eufóricos ou depressivos, se instalava. A necessidade de manter uma organização grupal foi se transformando na frustração de não alcançá-la e, concomitantemente, fui percebendo que mesmo no caos, se assim posso dizer, uma organização, ou melhor, uma desorganização era construída e era subjetivante.

Apresentava-me a cada encontro, e justificava a minha presença. Alguns, sem muito entender, pareciam não saber o que faziam naquele lugar, como também não sabiam o dia e nem as horas. Vozes embriagadas interrompiam as atividades e, para buscar a composição grupal, pedia para que aguardassem a vez para se manifestar. Alucinados também se movimentavam nas atividades, e com jeito-desjeito, eu sugeria para que tomassem cuidado consigo mesmos e com os colegas ao lado. Anestesiados por medicação também tocavam e cantavam.

Assim como nas entrevistas, os participantes do grupo contavam sobre suas experiências com a droga, e construíam e rediziam as vivências familiares e as histórias de abandono, a falta de emprego, vulnerabilidades sociais e a morte ameaçadora. Narraram cenas de violência praticadas por policiais e por vândalos que os viam dormir nas ruas e nas praças. Histórias de abandono, de solidão e descaso consigo e com o outro. As narrativas discutidas eram acolhidas e se faziam memória na minha escuta.

O grupo dizia sobre uma repetição e barreiras presentes em seus tratamentos. Muitos continuavam no mundo das drogas e na rotina de ir ao CAPS-ad sem compreender, digerir e conseguir nomear o chamado tratamento. Permaneciam em seus jogos de cartas, levavam bebidas, iam aos bares e retornavam para o bate-papo com os colegas. Eram situações estereotipadas, sujeitos embriagados e entorpecidos por drogas lícitas, os remédios e álcool, e ilícitas.

No entanto, havia também aqueles que buscavam o tratamento e a redução de danos, e assim, se distanciavam das estereotipias e participavam das atividades ativamente. E, no caos existente, era possível verificar rupturas subjetivantes. Houve revelações surpreendentes de inquietações diante de suas vidas, reflexões sobre seus conflitos interpessoais e provocações construídas a partir dos recursos da Capoeira.

As revelações grupais serão desveladas então, em dois momentos, *Fantasmas na rua* e *N’Golo, possíveis transformações*.

Fantasmas na rua

No sub-item que se segue discorrei sobre o medo, a solidão e abandono relatados pelos usuários do serviço CAPS, e algumas histórias que contam sobre a **invisibilidade social** dos sujeitos nelas envolvidas. *Fantasmas na rua* se refere a tal invisibilidade e o paradoxo social que perpassa os invisíveis.

Certa vez, em um barraco no bairro Esperança, policiais foram incisivos após invadirem o barraco e encontrar nele usuários de drogas. Esse relato foi contado por uma usuária do serviço CAPS-ad, apresentando no dia ferimentos na cabeça causados por bordoadas dos agentes policiais. Diante da coerção violenta de policiais ao utilizarem força física e poder para submeter o outro, ser humano e social, com direitos e deveres, estes se tornavam para aqueles seres restritos de direitos, portanto, seres invisíveis.

Outro usuário do CAPS, morador de rua e alcoólatra, relatou que ao dormir embriagado em um banco da praça da cidade, acordou surpreendido pelas agressões físicas provocadas por um rapaz desconhecido. Também estava com seu rosto inchado e com ferimentos no dia do relato. Paradoxalmente, invisível aos olhos sociais, porém causador de incômodo, por ser um “corpo estranho social” (Gurfinkel, 1995, p.39) e por denunciar os aspectos patológicos e hipócritas da estrutura social (Silveira, 1995).

Outro participante, embriagado durante a atividade, atravessou uma discussão grupal, cujo propósito era refletir sobre as relações familiares, para contar sua história, também reveladora da invisibilidade social. Veio de uma família com treze irmãos, tem dois filhos, que não vê há mais de um ano, tidos com a ex-esposa, também usuária de drogas, morador de rua, desempregado, pedinte de esmolas e cidadão sem documentos.

Invisíveis como fantasmas, alguns aderiram a tal particularidade-invisibilidade e assim se portavam nos grupos. Iam e viam como se não fossem notados, saíam e retornavam às atividades e ao CAPS-ad. Frequentemente não participavam das atividades e perambulavam pelos corredores da unidade. Cada dia mais distantes da proposta grupal, apresentando confusão de dias e horários e aparência de descuido. Cito como exemplo uma usuária frequente no CAPS, mas não nos encontros CAPS-POEIRA, e sua justificativa pelas faltas nos encontros. Segundo ela, não sabia que eles aconteciam em determinado dia da semana, e apareceu no último encontro com intensa vontade de participar e dizendo estar sentindo “saudades” devido o encerramento do projeto. Ela se mostrava distante das normas sociais, das regras e horários, presente-distante de nós, vivendo assim sua vida.

Os pedidos de socorro a mim direcionados versavam sobre o desejo de se tornarem visíveis. E no meio do caos dilacerador vivido por alguns, o CAPS-ad parecia ser o lugar das visibilidades, por serem acolhidos e cuidados. Perdidos nas ruas e nas viagens alucinadas tinham o CAPS-ad como referência.

Ao se movimentarem na Capoeira, pude perceber que muitas vezes se esquivavam, antes mesmo de serem atacados, fugiam antes mesmo do movimento de ataque. Comparei essa atitude com a busca pela droga, sendo esta uma saída ou esQUIVA diante dos diversos desprazeres da vida e dos conflitos diários. Pelas histórias reveladas foi possível compreender o motivo das diversas fugas, como se os recursos de enfrentamento disponíveis fossem pequenos perto da complexa sociedade que exclui e invisibiliza.

Não somente nas entrevistas apresentaram o medo do abandono, mas também nos encontros grupais. Frases como “Achei que não fosse mais te ver” e “Não abandone a gente” foram ditas e revelaram o medo. Relatos de abandono foram discorridos, eram sujeitos que fugiam de suas casas devido o desprezo e descaso de suas famílias; família que se mudava sem deixar endereço; pais desconsiderando filhos; filhos desconsiderando pais e o luto familiar nem sempre elaborado, quase nunca reconhecido.

Abandonada pela família ao ter sido presa, uma participante do grupo contou sobre suas sensações. Para ela a prisão havia sido espiritual e não concreta. Estava perdida entre vários “fantasmas” na prisão, entre seres invisíveis. Novamente o paradoxo, seres transparentes ao campo da visão social, mas provocadores de incômodos significativos.

O medo do abandono se entrelaçava ao abandono de si mesmos. Pareciam se anestesiarem com a droga ao sentir frustrações diante da vida, como relatado por um participante, ao dizer que poderia ter estudado para viver uma vida confortável; por outro, ao revelar que não conseguira concretizar seu sonho de ser jogador de futebol; outro, ao sentir a distância do pai e o desejo de sua aproximação; outro, por não entender os maus tratos maternos, mesmo tendo sido um bom filho. Por isso, um deles revelou: “Eu não sei por quê, mas eu bebo e choro”.

Vivi o medo de forma avassaladora no momento inicial do projeto, em que apresentei as questões metodológicas e anunciei que as atividades, após doze encontros se encerrariam. Muitas indagações se fizeram naquele grupo. Por que um trabalho com aquele grupo? Por que

encerraria as atividades? Com a certeza do abandono e a realidade inequívoca de exclusão, houve surpresa ao se reconhecerem escolhidos para a realização de uma pesquisa acadêmica, mas também, a reedição do abandono ao vislumbrarem o término do projeto.

Ao levar-revelar histórias dos mestres capoeiristas e provocar-incitar reflexões sobre o cotidiano, buscava compreender e responder a perguntas diversas. *Quem são?* Essa era uma pergunta que me movia ao estar no grupo. Pareciam reagir à invisibilidade aderindo-se a qualquer marca identificatória encontrada no caminho ou ao discurso vigente no momento, e assim se apresentavam como sujeitos.

Mesmo com o intuito de dialogar sobre a Capoeira, sobre movimentações e ladainhas, o que faziam era apresentar, re-apresentar suas vidas e a droga, histórias em que a vida e a droga se entrelaçavam e, neste movimento, novas construções afetivas emergiam. Diziam com veemência, “Sou adicto. Sou doente”, como se esta caracterização os fornecesse um lugar, a identidade para se tornarem visíveis. A marca identificatória assumida pelos participantes vai de encontro aos estudos de Santos e Costa-Rosa (2007). Os sujeitos se aprisionam em uma imagem assumida, o que provoca uma desresponsabilização pelo ato de drogar-se e uma impotência diante da droga. A droga, como analisa Silveira (1995), mesmo precariamente, possibilita o resgate de aspectos da identidade e a existência enquanto sujeito. Além disso, assemelha-se à nova manifestação sintomática do ser contemporâneo e, como analisado por Maia (2003), os sujeitos se adaptam às identidades propostas na sociedade e pela mídia.

Observei também outras tendências-sintomas grupais. Se a proposta era falar sobre Capoeira, então, se agarravam a ela e até se transformavam em grandes capoeiristas. Se era discutir sobre os costumes africanos trazidos ao Brasil, então, conheciam muitos deles, ou contavam histórias de avós e pais que conheciam. Como se colassem às identidades possíveis encontradas no caminho. Colados ao saber, disfarçados no muito-saber, se isolavam da

impotência de não saberem, negando a condição cruel de pouco conhecerem de si e do mundo.

No grupo também diziam sobre a vida e a luta diária. Eram comuns as frases “Vamos vivendo um dia após o outro”, “A gente vive a cada dia”. Como se para eles a vida fosse mais difícil e a morte uma condição visível, atingível. Durante dois encontros seguidos foram anunciados, em cada um deles, a **morte** de um colega do CAPS-ad. Os participantes constatarem a proximidade da morte em suas vidas, seja por ver colegas morrendo, ou pelo intenso envolvimento com a droga. Em um encontro triste, caótico e intenso, ironizaram a morte, e com tom de brincadeira, fizeram uma assembléia para escolher o próximo a perder a vida. O clima estava carregado, e enquanto alguns pensavam na própria vida, ou na própria morte, outros estavam bêbados e sob efeitos de droga.

No mesmo encontro ocorreram outros atravessamentos, como por exemplo, minha interrupção da atividade ao ver um usuário do CAPS-ad com uma grande inflamação no ouvido, possível de ser observada à distância e provocadora de repúdio e nojo. Orientei-o a procurar a enfermaria da unidade, o que não ocorreu, e em seu lugar, ficou o desabafo de se sentir descuidado. Como se a vida não tivesse valor, eram vidas sem vida, eram vidas secas. Em *Vidas Secas*, obra de Graciliano Ramos (1938), em um contexto de seca nordestina, os personagens contam histórias de miséria, injustiça social, fome e desigualdade. São histórias semelhantes às histórias de tantos usuários do serviço CAPS-ad, que apesar de diferenciado contexto e época, contam sobre as mazelas sociais. Além disso, neste cenário, *vidas secas* também representam a *seca*—carência afetiva apresentada por vários.

O encontro se encerrou com o anúncio da enfermeira: “Vamos comemorar a luta antimanicomial!”. Naquele momento, tal comemoração carecia de significância.

N’golo, possíveis transformações

Neste sub-item apresentarei algumas das *movimentações*, inquietações, rupturas, transformações e reflexões ocorridas nos encontros CAPS-POEIRA. Como relatado acima, histórias de maus tratos, de marginalização e sofrimento eram abundantes naquele grupo. Mas encontrava também o desejo de superação, histórias de resistência e criação. Mesmo no caos e no tormento, entremeando o medo da morte e do abandono, ouvi dizeres como “Vou reviver”. Assim, vou relatar os processos instituintes, as inquietações, as movimentações e a transversalidade surgidos nos grupos operativos, que tiveram como referência a Capoeira Angola, sua arte, sua música, sua filosofia, sua beleza, sua mandinga e sua ancestralidade. A frase “Vou reviver” foi dita por um garoto em seu primeiro dia no projeto CAPS-POEIRA, e acrescentou a ela a tristeza e desesperança que lhe ocorrera após a morte de sua mãe. Esta frase significou o desejo de muitos que ali estavam, a vontade de recuperação, de mudança de vida e de papéis sociais. E o desejo também acenava no contexto. Era a vida em movimento, a pulsão de Eros, e a busca por recursos simbólicos para tentar aplacar o vazio existencial (Freud, 1920/2006; Freud, 1914/2004).

A Capoeira, neste contexto, com suas narrativas de resistência, de luta e de criação, teve importância fundamental para suscitar as frases ditas e as reflexões surgidas. Sua própria constituição representa a possibilidade de movimentações e inquietações diante da norma social vigente. A Capoeira foi se modificando a cada momento histórico, denunciando a capacidade do sujeito de se metamorfosear e de se regenerar. Segundo Abib (2004), “a capoeira é e sempre foi de constante inovação, pois ela sempre soube se adaptar aos diferentes contextos históricos nos quais estava inserida” (p.108). E os capoeiristas, com suas malandragens, mandingas e sagacidades utilizavam seus corpos, sua arte e habilidade para sobreviver no mundo hostil:

A malandragem é aqui entendida como as diferentes formas encontradas pelos capoeiristas para sobreviver num ambiente social violento, miserável e

discriminatório, um mundo de vida e um jeito de ser. A malandragem também pode ser compreendida quase como uma atitude de defesa à brutalidade da vida [...] (Dias, 2006, p.19).

No grupo operativo com os usuários dos serviços CAPS-ad, ao me distanciar do objetivo missionário presente no início do projeto - de resgatar os sujeitos da droga -, me aproximei das significativas transformações, das reveladoras inquietações e desterritorializações. Eram percebidas reflexões e movimentações nas posições sociais assumidas e a verticalidade-histórias e vivências individuais- eram identificadas na horizontalidade- construção e diálogo surgidos no grupo. Dessa forma, a proposta dos grupos operativos se desenvolvia. Fui surpreendida nos encontros por falas e atitudes e até mesmo por um movimento auto-gestivo, que segundo Barembliitt (1996) refere-se à possibilidade do grupo de se auto-gerir. O movimento foi observado em encontros nos quais me ausentei como coordenadora do grupo, mas mantive observadora dos diálogos e reflexões levantadas pelos próprios integrantes.

“CAPS-POEIRA estava tendo resultados?...”, como questionara um participante do projeto. Apesar de alguns “resultados” terem sido apontados por alguns usuários, entendo que passei a compreender a composição grupal e tranqüilizava-me a impossibilidade de controlar as idas e vindas dos integrantes, além disso, valorizava o que acontecia em cada um dos encontros e as afetações proporcionadas.

Palavras como “radiante”, “ótimo” e “muito bem”, ao relatar o que sentiram ao final de um encontro de *movimentação*, se contrapunham às palavras abandono e desesperança. Desenvolvimento da coordenação motora e atenção, bem como a sintonia rítmica observada em encontros de *musicalização*, se contrapunham à apatia e aos movimentos lentos e desajeitados. E os abraços aos colegas, o desabafo, o acolhimento e o presentear, se impuseram diante da tristeza, do abandono familiar, do desprezo e dos maus-tratos.

Os encontros de *movimentação* sugeriam energia, atenção e coordenação motora. Seus movimentos, no início desajeitados, transpunham suas próprias barreiras corporais, gingavam e dançavam ao som dos corridos, buscavam a harmonia rítmica, observavam para aprender e para manter o diálogo dual dos jogadores. Era preciso responder ao movimento do colega e assim fazer sua própria movimentação. Era preciso estimular a memória para lembrar-se do *au*, do *rabo de arraia*, da *chapa* e *meia-lua de frente*. E era necessário se atentar ao som das músicas para dançar a ginga. E assim ocorreu!

Quando a tarefa explícita era gingar a dois, foi constatada a dificuldade de aceitar o olhar do outro e fazer o mesmo exercício, atrapalhando na sincronia dos movimentos de ataque e defesa. Mas aos poucos essa dificuldade foi sendo desfeita e uma sutil harmonia construída. Pude perceber que os movimentos tornavam-se soltos, a atenção exercitada, as barreiras corporais transpostas e, aos poucos, surgiam o suor e o sorriso.

Os encontros de *movimentação* foram importantes para o desenvolvimento do projeto e para a construção do campo de afetação dinâmico e subjetivante, proposta fundamental do trabalho a partir da leitura de Marisa Maia (2001; 2003). Pelo escasso diálogo verbal, observado em alguns integrantes, da psicopatologia manifesta no corpo e na ação, em que a passagem pelo campo do pensamento é burlada, a Capoeira Angola, com sua faceta na arte de movimentar, provocou sensações e inquietações corpóreas e psíquicas, que se distanciavam da ação compulsiva e repetitiva de busca à droga e se aproximava do desafio de aprender, memorizar e atentar.

Os encontros com a *musicalização* também sugeriam a memorização, o atentar-se, e proporcionavam uma ação subjetivante, estimulando cada vez mais a expansão criativa e simbólica. Foram divertidas e desafiadoras as atividades iniciais feitas para marcação rítmica com caixixi e bolinha de tênis, e surgia no grupo a auto-responsabilização para que a brincadeira fosse harmoniosa. Aqueles sujeitos alternavam a invisibilidade com o

posicionamento como sujeitos ativos e responsáveis pela brincadeira, sendo esta a atividade implícita contida na tarefa. O intuito da atividade era expandir a experiência para suas próprias vidas, já que, como analisado teoricamente, e a partir da convivência prévia com os usuários do CAPS-ad, demonstravam a falha na auto-responsabilização em seus tratamentos. Perambulavam pelo CAPS-ad como se tudo lhes fosse alheio e distanciavam das responsabilidades sociais impostas pelas normas.

Nos últimos encontros de *musicalização* foi surpreendente observar a satisfação dos integrantes do grupo pelo aprendizado dos ritmos de cada instrumento. Quando tocavam e cantavam, se entreolhavam e sorriam, e em tais momentos, as dificuldades da vida, da drogadicção e enfrentamentos diários pareciam ser esquecidos. A satisfação também se fazia minha por perceber uma construção ativa, criativa e divertida, proporcionada pela Capoeira.

Os encontros cujo objetivo era a discussão grupal a partir das narrativas e histórias presentes na Capoeira Angola foram tão intensos quanto os de *movimentação* e *musicalização*. Os integrantes apresentavam pelo diálogo, suscitado pelas narrativas contadas, suas próprias histórias e trajetórias de vida. Pude perceber a importância em escutá-los e dar voz aos sofrimentos e enfrentamentos. Nesses encontros também se tornavam seres visíveis, sujeitos de dor, aflições e alegrias. O grupo também acolhia cada relato do colega e, em diversos momentos, não apenas escutavam, mas opinavam e diziam suas experiências para auxiliar nas dificuldades apresentadas. Era também uma maneira de lembrar, ressignificar e reencontrar-se com o passado, o que por vezes produzia uma nova construção psíquica e interpessoal.

A cada encontro e atividades desenvolvidas, o entrelaçamento entre a Psicanálise, Capoeira Angola e grupos operativos, se intensificava. Até parecia que a distinção entre eles se tornava difícil, e um sincretismo se formava. Havia uma mistura no encontro. Nele, as partes não se mantinham intactas, mas se modificavam. Havia propostas comuns, a

ressignificação das vivências e das histórias, e a movimentação e rupturas nos aspectos sociais, individuais e psíquicos.

Nessa construção, a Capoeira Angola, com seu recurso narrativo, teve papel fundamental. Como apresentado por Abib (2004), ela traz um entrelaçamento do passado, presente e futuro, uma circularidade temporal, proporcionando aos capoeiristas um reencontro com o passado histórico e um projetar-se ao futuro, visando as movimentações corpórea, histórica e cultural. Além disso, ela traz em sua gênese, representada em narrativas e ladainhas, uma possível reação ante a marginalização e exclusão social, uma modo de viver e sobreviver às adversidades construídas historicamente.

Ao contar sobre a vida do mestre Pastinha houve uma reflexão sobre as experiências vividas pelos participantes daquele encontro. A partir de uma identificação com a vida do mestre, um dos usuários do serviço iniciou um relato sobre si mesmo. Relembrou seu trabalho na marinha, no qual cometera um homicídio, cuja consequência foram longos anos na prisão. Falou sobre o sofrimento durante o período e a superação por enfrentar a vida no cárcere e, a partir disso, trouxe para seu presente a possibilidade de libertação da droga. Nesse mesmo encontro, participantes narraram sobre suas frustrações, como por exemplo, a impossibilidade de continuar os estudos e o afastamento familiar; contaram também sobre o que possivelmente os levaram às drogas, como amizades, mágoas familiares e o desejo de apaziguar a dor da fome, do abandono ou da frustração. Nesse sentido, a história do mestre Pastinha proporcionou reflexões diversas que não se pautaram apenas na problemática droga, mas nas particularidades vivenciadas, provocando no grupo o posicionamento enquanto sujeitos de dor, de tristeza, de regeneração e de felicidade.

Quando a tarefa foi compreender a vida do mestre João Pequeno, tendo como missão implícita a discussão sobre família, houve uma intensa afetação. Naquela ocasião, um dos participantes, usuário do serviço CAPS-ad, apresentou que, após dias de uso do crack na rua,

apanhara de uma colega, por isso, estava muito debilitado fisicamente. Dissera também não retornar ao lar familiar pela vergonha da recaída e por ter pedido dinheiro emprestado, tanto para o pastor de sua igreja, quanto para sua irmã para comprar a droga. Sem dinheiro e envergonhado, resolvera ficar na rua e abandonar a família. Seus colegas ouviram-no atentamente e uma longa discussão sobre as relações familiares surgiu. Dialogaram sobre as posições de filho, pai, mãe e irmão. Contaram histórias de abandono familiar e de acolhimento, bem como de brigas entre irmãos e pais. Surgiu no encontro a sugestão para a desterritorialização, mudanças na maneira de ver e encarar as conflitivas familiares. O mesmo usuário retornou na outra semana do projeto, e foi percebido, pela maioria dos colegas, uma melhora na sua aparência. Então, ele justificou a importância do encontro da semana anterior, acrescentando que retornara à casa dos pais e fora bem acolhido.

No mesmo dia, outro participante também foi personagem fundamental. Trouxe sobre os maus-tratos vindos de sua mãe e irmãos, sua fuga familiar, seu percurso da Bahia para Minas, suas trajetórias pelas ruas, praças e albergues de diversas cidades, e seu vício com álcool como forma de lidar com o frio das noites e a dor da fome. Em sua história também apresentava o desejo de ter uma família harmoniosa, com o acolhimento da mãe. Falou ainda da vontade tida quando criança de se tornar jogador de futebol e sua frustração de não realizá-la. A fala de que ninguém o compreendia não foi aceita no grupo, pois seus colegas disseram compreendê-lo. Além disso, deram a ele orientações diversas para resolução de algumas necessidades apresentadas. Orientaram-no para a retirada de documentos e para busca de um emprego. Ao final do encontro, as lágrimas foram enxugadas e abraços foram distribuídos entre os participantes.

Histórias de acolhimento se contrapunham às de abandono familiar, e histórias do lar às da rua. Compreendi, então, a importância da família e suas relações, tanto como cuidadoras e

auxiliares nos tratamentos dos drogadictos, quanto a parcela que lhe cabe na fuga dos sujeitos às drogas.

Por fim, o encontro com as histórias da vinda dos negros ao Brasil, a escravidão, a libertação dos escravos, a gênese da Capoeira e outras criações culturais dos negros e mestiços no país, foi capaz de provocar uma reflexão social por parte de alguns integrantes do grupo, proporcionando também um questionamento sobre suas próprias condições sociais. Com o desenrolar das histórias e narrativas, os participantes do grupo interrompiam para acrescentar suas idéias e puderam apreender que a realidade brasileira, as favelas e a precariedade das condições sociais, estão associadas ao processo histórico de constituição do Brasil, o regime de escravidão e a falta de planejamento para inclusão dos escravos recém libertados. Intercalada a tais reflexões, alguns aproveitaram para relatar suas trajetórias de vida, a fome, o sonho desmoronado, a vida nas ruas e nos albergues, a fuga do seio familiar, os maus tratos e a invisibilidade social. Com isso, apresentaram a aproximação existente entre as histórias do passado, dos negros e mestiços escravizados e alforriados, com as histórias vigentes de milhares de brasileiros em situações de vulnerabilidade social, de falta de condições dignas e de marginalização social.

Fez-se, então, o encontro entre a Psicanálise e a Capoeira Angola nos grupos operativos dos usuários do CAPS-ad. Aos poucos foi possível observar as movimentações e as rupturas nas posições sociais assumidas, de doente- adicto- sujeito passivo. No CAPS-POEIRA um saber inédito-singular foi construído, recriando sentidos. E assim me reinventei a cada momento me trans (formando) como psicóloga, capoeirista e pesquisadora.

Considerações finais

ÂNSIA DE LIBERDADE? POSSÍVEIS CONCLUSÕES

*Capoeira é mandinga de escravo em
ânsia de liberdade. Seu princípio não
tem método e o seu fim é inconcebível
ao mais sábio capoeirista.*

— Mestre Pastinha

Iniciei este trabalho apresentando minhas vivências e experiências, e como elas me conduziram para sua realização. Foram quase dois anos de afetações sentidas no CAPS-ad, mais dois anos para a realização do mestrado. Apesar da atenção voltada ao trabalho, aos usuários do CAPS-ad, às atividades desenvolvidas e à Capoeira Angola, foram tantas afetividades e vivências ocorridas em minha vida pessoal e profissional, que transpassaram ao CAPS-POEIRA. Novas amizades, inimizades, encontros, desencontros e despedidas me transformaram, e com elas escrevo as possíveis conclusões. Assim como eu mesma tenho me pintado e desenhado ao longo da vida, ou tenho sido pintada e desenhada pela vida, as conclusões apenas se fazem possíveis considerando minha dinâmica e minhas transformações enquanto ser humano.

Seria possível uma conclusão? Com veemência diria que não. Continuarei me construindo e a cada dia novos projetos, novos CAPS-POEIRA, novos N'golos. Ele apenas foi possível nesse formato porque assim ocorreram as sensações vividas. Talvez transformaria minha história, corrigiria erros e valorizaria os acertos. Mas não, apenas me tornei o que sou, porque vivi assim o CAPS-POEIRA, porque vivi assim a Capoeira, porque assim vivi minha vida.

Antes de considerar as transformações ocorridas aos participantes do projeto, considero minhas próprias transformações. Viver o CAPS-POEIRA me fez mais atenta aos sentidos

psíquicos e sociais que me envolvem e a tantos outros. Viver o CAPS-POEIRA me tornou mais sensível enquanto psicóloga e humana. Viver o CAPS-POEIRA me tornou mais aberta às experiências e aos trajetos aos quais a vida me conduz. Viver o CAPS-POEIRA também me conduziu ao atual trabalho que desenvolvo. Encontro-me diariamente com egressos do sistema penitenciário, em um programa de reintegração, inserido na política de prevenção à criminalidade. Reconheço egressos que também participaram do CAPS-POEIRA, e retomo alguns sentimentos experienciados durante o projeto. Relembro as dificuldades sociais vividas por muitos, a falta de documentação dos *seres invisíveis* e a repressão policial e jurídica, com suas ações incisivas e distantes do reconhecimento das vulnerabilidades sociais e da história individual e social dos sujeitos. Apesar das dificuldades enfrentadas, ao encontrar-me com alguns deles, percebo a possibilidade de suas transformações, de seres invisíveis e silenciados a sujeitos ativos e com voz social, razão pela qual passei a acreditar na capacidade humana de regeneração e expansão da vida. Revivo os mesmos sentimentos que me moviam na trajetória CAPS-POEIRA, de indignação, mas também de crença na potencialidade humana. É possível movimentar, é possível construir e reconstruir, é possível metamorfosear!

Inicialmente propunha uma libertação das drogas, movida por uma visão messiânica, mas com os sentidos encontrados, com os questionamentos sobre a exclusão e marginalização social e com a constatação do silenciamento que os perpassavam, o objetivo, então, foi se delineando. Propunha provocar movimentações, rupturas e desterritorializações. E assim ocorreu. Inquietações foram observadas, o reencontro com o passado e as possíveis elaborações foram construídas, e as vozes foram escutadas.

Ao aproximar minha escuta e olhar aos sujeitos drogadictos fui compreendendo a dinâmica psíquica de alguns e as “pistas-sintomas” deixadas sobre as conflituosas que possivelmente os levavam ao mundo das drogas, as novelas familiares, as histórias de abandono familiar e

social, o medo da solidão e a repetição das inscrições psíquicas que insistiam, reverberavam e não eram possíveis de se representar.

Com a Psicanálise, a Capoeira Angola e os grupos operativos foi possível provocar movimentações e reflexões no grupo de sujeitos drogadictos. Ao acessar o lugar assumido no seio familiar e social, novas afetações que provocavam o refúgio às drogas, e até então permaneciam silenciadas, podiam ser ditas e ecoadas no grupo. No grupo, apesar de comportamentos e manobras institucionalizados e o prendimento às drogas de muitos usuários do serviço CAPS-ad, foi possível observar uma expansão e a construção de um movimento instituinte, delineando sujeitos-atores sociais.

Percebi, então, que o CAPS-POEIRA foi um instrumento de encontros, encontros com tantos outros, encontros com outras formas de viver, encontros consigo mesmo. Compreendi também o CAPS-POEIRA como um instrumento para que nós, eu mesma enquanto pesquisadora e psicóloga, e os participantes, pudéssemos contar sobre nós e olhar para nós, enquanto grupo, e expandir tal experiência para nossas vidas pessoais. Como relatei inicialmente, esse é o pequeno esboço do que sou e do que penso. Reconheço que a invisibilidade que os acompanhava também era minha, e com o desenvolvimento e apresentação deste trabalho tornei-me visível aos olhares acadêmicos, aos olhares de *experts*, aos olhares de capoeiristas. E a transparência dos drogadictos, se tornou visível não apenas pelo desenvolvimento do projeto, mas também pela apresentação aos meios acadêmicos e profissionais. Ao descrever os pés descalços, as faces marcadas pelo sol, as roupas marcadas pela vida nas ruas, pretendia demonstrar que por trás dessas características há o descuido social, demonstrado pela exclusão e marginalização. Aos meus olhos tornava-se evidente a sociedade pós-moderna, o enclausuramento social das classes em pequenos guetos, o individualismo, o consumismo e não-responsabilização dessa sociedade pelo cenário social do qual todos fazem parte. Ao descrever a dor daqueles sujeitos pretendia também apresentar os

entraves com o sistema repressor e sua falácia e identifiquei as brechas sociais deixadas por esse sistema, que promovia ações deslocadas da realidade social dos sujeitos drogadictos.

Ao estudar a drogadicção e a marginalização dos drogadictos, reconheci a importância de considerar a história da constituição desse país, os antecedentes sociais e históricos do Brasil e a multifatorialidade que envolve o ser humano, a sociedade, o tráfico e o uso de drogas.

Também, mostrava-se aos meus olhos um paradoxo social. A sociedade que combate o uso de drogas e elege o drogadicto como o bode expiatório da vez, mas que se mantém adicta. E os drogadictos, com sua ânsia por consumir a droga, um grande exemplo de consumismo, passaram a ser vistos como ameaça social. Talvez porque mostram o avesso humano, talvez porque o expõem e escancaram a própria condição de ser dependente, dependente para se tornar humano. Paradoxalmente o toxicômano segue a lógica social adicta, mas ao mesmo tempo a denuncia. Pude compreender a origem do termo adicto, que nos tempos de República Romana, denominava o homem que se convertia em escravo para pagar uma dívida (Kalina & Kovadloff, 1983). Conseqüentemente, compreendi a lógica social adicta.

No embate aos olhares provocadores de marginalização e repressão aos toxicômanos, e a paralisação por eles provocada, vislumbrei o CAPS-POEIRA. Diante da morte e o assombro, apatia e o medo, a vida, a criatividade e a expansão humanas podiam se fazer presentes. No projeto reconhecia e tornavam-se próximas as lutas dos negros e escravos, mestiços e caboclos, que construíram e reconstruíram suas próprias histórias. Através delas vislumbrava as possibilidades! Os caminhos se expandiam! Os trajetos se multiplicavam! Era possível ser visível, era possível ser reconhecido enquanto sujeito de dor, de aflição e não apenas como drogadicto. Era possível se tornar sujeito social que fala e é escutado.

A Capoeira Angola, o modo como se configura atualmente, também diz desse quadro social. Como quilombola e em pequenos guetos ela resiste às transformações sociais pós-modernas. Onde tudo deveria ser para ontem, a Capoeira Angola mantém as tradições que são

passadas por gerações. Onde a fugacidade e liquidez são valorizadas, a Capoeira Angola resiste por manter o grupo unido e o ritual da roda. Onde as histórias são transformadas em vazios e a narrativa atrofiada, a Capoeira Angola faz questão de valorizá-las e resgatá-las. São capoeiristas, mantenedores da tradição oral que muitas vezes são esquecidos, mas resistem ao longo dos tempos. Tornando-se, então, essa arte rara e bela por sua resistência.

Como dizia mestre Pastinha, a Capoeira é mandinga de escravo em ânsia de liberdade. Mandinga ao reagir e se movimentar diante das mazelas a eles deixadas. Mandinga ao se inquietar diante da escravidão e da condição ao qual eram mantidos. A mandinga no CAPS-POEIRA foi visível nos corpos que suavam, sorriam, caíam, levantavam, choravam, lembravam, enfim, viviam. Mandinga e CAPS-POEIRA sem fim que se (re) configura a cada leitura, a cada vivência, a cada um que dele faça parte, seja como leitor, seja como ator. Então, *Iê, Vamô simborá camará!!!!*

REFERÊNCIAS

- Abib, P. R. (2004). *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Alverga, A. R. & Dimenstein, M. (2006). A reforma psiquiátrica e os desafios na desinstitucionalização da loucura. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 10, 299–316.
- Assunção, M. R. & Cobra Mansa, M. (2008). A dança da zebra. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, 30, 14–23.
- Baremlitt, G. F. (1996). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Roda dos Tempos.
- Bauman, Z. (1925/1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (2003). Dor e sofrimento num mundo sem mediação. *Estados Gerais da Psicanálise. 2º Encontro Mundial*. Rio de Janeiro.
- Bomfim, C. C. (2002). Gíngua urbana: apontamentos sobre capoeira na cidade de São Paulo. 4º Congresso Rama Latinoamericana da International Association for the Study of Popular Music (IASPM). Cidade do México, México.
- Braga, P. P. (2007). Humaitá. In: Filho, G. R. *A Capoeira Angola: uma pequena enciclopédia afro-brasileira na escola* (28–29). Belo Horizonte: Nandyala.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2009). Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. *O crack: como lidar com este grave problema*. Disponível em:
http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=33717&janela=

- Brasil, Ministério da Saúde (2004). *A política do ministério da saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Carneiro, H. S. (jul. 2006). As drogas no Brasil: entre o delírio e o perigo. *Nossa História*, 33, 12–27.
- Comissão Brasileira Sobre Drogas e Democracia/CBDD. (2010). Disponível em:
<http://cbdd.org.br/pt/2010/03/01/cbdd-busca-melhorias-na-lei-que-regula-as-drogas/#more-543>
- Costa, D. D. (11 jul. 2009). Vida e morte na rua. *Estadão*. São Paulo.
- Dias, A. A. (2006). *Mandinga, manha & malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910–1925)*. Salvador: ed. UFBA.
- Dolto, F. & Nasio, J. D. (1991). *A criança do espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Elia, L. (2000). Psicanálise: clínica & pesquisa. In: Alberti, S. & Elia, L. *Clínica e pesquisa em psicanálise* (19–35). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Figueiredo, A. C. & Vieira, M. A. (2002). Psicanálise e ciência: uma questão de método. In: Beividas, W. *Psicanálise, pesquisa e universidade* (13–31). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Figueiredo, R. A. & Dimenstein, M. (2010). O cotidiano de usuários de CAPS: empoderamento ou captura? *Fractal: Revista de Psicologia*, 22 (2), 431–46.
- Foucault, M. (1975). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

- Frayze-Pereira, J. A. (2004). O paciente como obra de arte: uma questão teórico-clínica. In: Herrmann, F. & Lowenkron, T. *Pesquisando com o método psicanalítico* (33–41). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1911/2004). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: Freud, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, 63–77). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In: Freud, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, 95–131). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/2004). A pulsão e destinos da pulsão. In: Freud, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, 133–73). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/2006). Além do princípio de prazer. In: Freud, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2, 123–98). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1927/1974). *O futuro de uma ilusão* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Edição Standard brasileira.
- Frigerio, A. (1989). Capoeira: de arte negra a esporte branco. *RBCS*, 4 (10), 85–98.
- Guattari, F. (1986). A propósito da terapia familiar. In: Baremlitt, G. *Grupos: teoria e técnica* (39–42). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Gurfinkel, D. (1995). *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Hainz, C. G. & Costa-Rosa, A. (2009). A oficina terapêutica como intercessão em problemáticas de sujeitos constituídos por forclusão. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 14 (4), 405–412.

- Herrmann, F. (2001). Nossa casa e seu morador. In: Herrmann, F. *Introdução à teoria dos campos* (28–47). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2001). Nossa clínica. In: F. Herrmann. *Introdução à teoria dos campos* (195–211). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (nov. 2003). Adição à adição. *Intervenção* na 1ª Jornada do PROMUD. Jornada promovida pelo Programa de Atenção à Mulher Dependente Química, São Paulo.
- Kalina, E. & Kovadloff, S. (1983). *Drogadicção: indivíduo, família e sociedade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A.
- Kamkhagi, V. R. (1986). Horizontalidade, verticalidade, e transversalidade em grupos. In: Baremlitt, G. *Grupos: teoria e técnica* (205–219). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Liberato, M. T. C. & Dimenstein, M. (2009). Experimentações entre dança e saúde mental. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21 (1), 163–176.
- Lima, A. F. (2008). Dependência de drogas e psicologia social: um estudo sobre o sentido das oficinas terapêuticas e o uso de drogas a partir da teoria de identidade. *Psicologia & Sociedade*, 1 (20), 91–101.
- Lima, R. K. & Lima, M. A. (1991). Capoeira e cidadania: negritude e identidade no Brasil. *Revista de Antropologia*, 34, 143–182.
- Maia, M. S. (2001). A questão do sentido na clínica psicanalítica. In: Bezerra Jr., B. & Plastino, C. A. *Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje* (263–84). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Maia, M. S. (2003). *Extremos da alma*. Rio de Janeiro: Garamond.

- Marconi, K. F. (2009). *Manejos possíveis do gozo na clínica das toxicomanias: uma abordagem psicanalítica* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- Maurano, D. (2003). *Para que serve a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Mecca, R. C. & Castro, E. D. (2008). Experiência, estética e cotidiano institucional: novos mapas para subjetivar espaços destinados à saúde mental. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 12 (25), 377–86.
- Mintz, S. W. & Price, R. (2003). *O nascimento da cultura afro-brasileira: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Moraes, M. (2008). O modelo de atenção integral à saúde para tratamento de problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas: percepções de usuários, acompanhantes e profissionais. *Ciência: Saúde Coletiva*, 13 (1), 121–33.
- Moura, C. (1994). *Os quilombos e a rebelião negra*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Nietzsche, F. W. (1873/2007). *Sobre a verdade e mentira*. São Paulo: Hedra.
- Noto, A. R. et al. (2003). *Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras*. Unifesp: São Paulo.
- Pichon-Rivière, E. (1960/1982). Técnica dos grupos operativos. In: Pichon-Rivière, E. *O processo grupal* (87–98). São Paulo: Martins Fontes.
- Pichon-Rivière, E. (1965/1982). Grupos operativos e doença única. In: Pichon-Rivière, E. *O processo grupal* (99–114). São Paulo: Martins Fontes.

- Pichon-Rivière, E. (1969/1982). Estrutura de uma escola destinada à formação de psicólogos sociais. In: Pichon-Rivière, E. *O processo grupal* (121–30). São Paulo: Martins Fontes.
- Pinto, T. O. (1988). Documento sonoro do folclore brasileiro. *Berimbau e Capoeira/BA*. Acervo Funarte da Música brasileira (Vol. 5). Santo Amaro da Purificação–BA.
- Pratta, E. M. & Santos, M. A. (2009). O processo saúde–doença e a dependência química: interfaces e evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25 (2), 203–211.
- Prôa, L. F. (21 dez. 2009). *Nosso muro de Berlim*. Disponível em: <http://cbdd.org.br/pt/2009/12/21/nosso-muro-de-berlim/>
- Ramos, G. (2003). *Vidas secas*. São Paulo: Editora Record.
- Rauter, C. (2000). Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: Amarante, P. *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade* (267–77). Rio de Janeiro: Fio Cruz.
- Real, M. J. (jul. 2006). “Não há uma cultura de combate às drogas no Brasil”. *Nossa História*, 33, 28–31.
- Rego, W. (1968). *Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã.
- Rodrigues, G. F. (2007a). África. In: Filho, G. R. *A Capoeira Angola: uma pequena enciclopédia afro-brasileira na escola* (7–8). Belo Horizonte: Nandyala.
- Rodrigues, G. F. (2007b). Quilombos. In: Filho, G. R. *A Capoeira Angola: uma pequena enciclopédia afro-brasileira na escola* (58–9). Belo Horizonte: Nandyala.

- Rodrigues, G. F. (2007c). João Pequeno. In: Filho, G. R. *A Capoeira Angola: uma pequena enciclopédia afro-brasileira na escola* (33–36). Belo Horizonte: Nandyala.
- Romera, M. L. & Próchno, C. C. (2007). O corpo e a clínica: hospedaria de possibilidades no mundo contemporâneo. *Jornal da Psicanálise*, 40 (73), 191–204.
- Sales, A. L. L. F. & Dimenstein, M. (2009). Psicólogos no processo de Reforma Psiquiátrica: práticas em desconstrução? *Psicologia em Estudo*, 14 (4), 277–85.
- Santiago, J. (2001a). *A droga do toxicômano: uma parceria clínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santiago, J. (2001b). Lacan e a toxicomania: efeitos da ciência sobre o corpo. *Ágora*, 4, 23–32.
- Santos, A. O. & Nechio, D. E. (2010). A paixão de fazer: saúde mental e dispositivo grupal. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22 (1), 127–40.
- Santos, C. E. & Costa-Rosa, A. D. (2007). A experiência da toxicomania e da reincidência a partir da fala dos toxicômanos. *Estudos de Psicologia*, 24 (4), 487–502.
- Santos, B. S. (1997). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, A. L. A. & Fonseca, R. M. G. S. (2002). O Projeto Copiadora do CAPS: do trabalho de reproduzir coisas à produção de vida. *Revista Escola de Enfermagem*, 36 (4), 358–66.
- Silva, A. L. (2005). *Paixão e droga como vínculos patológicos: um estudo psicanalítico sobre a relação de dependência entre sujeito e objeto* (Dissertação de mestrado). Universidade Católica de Pernambuco: Recife.

- Silveira Filho, D. X. (1995). *Drogas: uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soares, C. E. (2004). *A capoeira e outras tradições rebeldes do Rio de Janeiro (1808–1850)*. Campinas: ed Unicamp.
- Soares, S. R. & Saeki, T. (2006). O centro de atenção psicossocial sob a ótica dos usuários. *Rev. Latino-americana de Enfermagem*, 14 (6), 923–29.
- Souza, A. (2003). *Os discursos na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Teixerira, A. M. (2006). *Um ensaio psicanalítico sobre as toxicomanias e sua relação com o sujeito do inconsciente* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília: Brasília.
- Vargas, E. V. (2001). *Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte.
- Vieira, N. G. & Nobrega, S. M. (2004). A atenção psicossocial em saúde mental: contribuição teórica para o trabalho terapêutico em rede social. *Estud. Psicol.*, 9 (2), 373–79.

Anexo 1 — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convido-o a participar da pesquisa intitulada *CAPS-POEIRA: encontros possíveis entre a Psicanálise e a Capoeira Angola nos grupos operativos do CAPS-ad* sob a responsabilidade das pesquisadoras Natália Galdiano Vieira de Matos e Anamaria Silva Neves. Nesta pesquisa buscamos verificar a possibilidade terapêutica da Capoeira aos atendidos no CAPS-ad.

Para o desenvolvimento da pesquisa serão realizados grupos com os usuários do serviço CAPS-ad. Ocorrerão doze encontros semanais, em que utilizaremos os recursos presentes na Capoeira Angola — música, movimentação, narrativas — visando uma intervenção terapêutica.

Os participantes da pesquisa realizarão uma entrevista aberta com a pesquisadora. Essas entrevistas serão gravadas e transcritas, e logo após serão desgravadas. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Ao participar da pesquisa, você poderá obter benefícios terapêuticos proporcionados pelos encontros grupais. E sua integridade física e psíquica será cuidadosamente acompanhada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar da pesquisa. Você é livre para participar da pesquisa e para interromper sua participação a qualquer momento sem nenhum prejuízo para você.

Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá entrar em contato com:

Natália Galdiano Vieira de Matos. Endereço: av. Pará 1720, campus Umuarama, Uberlândia, MG, CEP 38401-136, fone: 34 3212 2296.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFU: av. João Naves de Ávila 2.121, bloco J, campus Santa Mônica, Uberlândia, MG, CEP 38408-100, fone: 34 3239 4131.

Uberlândia, junho de 2010.

Natália Galdiano Viera de Matos

Anamaria Silva Neves

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa